



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Ensino do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

De

Catarina Sofia Valente de Carvalho

Sob a orientação

Professora Doutora Ana Luísa Oliveira Ferreira | Professora
Doutora Ana Maria Paula Marques Gomes

*Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Ensino do
1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico*

Junho, 2014

DEDICATÓRIA

Aos meus fantásticos pais, que permitiram que este meu sonho se tornasse
realidade...

RESUMO

Ser professor, não é tarefa fácil!

Estando numa sociedade de mudança, mais rápida e radical do que nunca, é exigido ao professor muitos resultados, esquecendo-se, por vezes, do professor como ser humano. O professor forma as pessoas, os futuros adultos do dia de amanhã e é nele que estão as expectativas para a melhoria. Com a diversidade da população, a emigração e imigração e o cruzamento de etnias, cada vez este assunto é um desafio maior para o docente.

Ser professor vai muito além do que dar aulas, é dar muito de si como profissional e ainda mais como pessoa. O bom docente demonstra a sua paixão e entusiasmo no que leciona, preocupa-se com a inclusão de todos os seus alunos, motivando-os com a criatividade e interdisciplinaridade, reunindo várias temáticas de disciplinas distintas e partindo dos interesses individuais de cada um.

O professor de hoje enfrenta grande pressão por parte da sociedade, lidando muitas da vezes com crianças com famílias desestruturadas, o que se reflete no seu comportamento, atitudes e aproveitamento escolar. Hoje, o professor é bem mais que docente, é pai/mãe, psicólogo, amigo. Muitas vezes é a figura de referência da criança/adolescente, o único apoio e quem poderá fazer a real diferença na sua vida.

As crianças são o melhor do Mundo e a escola deve ser o meio no qual estas aprendam, desenvolvam, cresçam e formem-se como pessoas.

Só quem ama o que faz e se dedica à profissão consegue incutir nos outros o pretendido. Igualmente importante é planificar, autoavaliar-se, refletir e investigar. Aptidão e paixão são, então, as palavras-chave.

Palavras-Chave: Motivação; Interdisciplinaridade; Inclusão; Paixão; Professor; Aluno; Criatividade; Dedicção.

ABSTRACT

Being a teacher is not an easy task!

Being in a change society, radical and faster than ever before, is required from the teacher too many results, forgetting sometimes the teacher is a human being. The teacher educate people, the future adults of tomorrow and it is where the expectations for improvement are. With the diversity of the population, emigration and immigration, cross-ethnic groups, each time this issue is a major challenge for teachers.

Being a teacher goes well beyond to teach, is to give too much of yourself as a professional and even more as a person. The good teacher demonstrates passion and enthusiasm in what she teaches, is concerned with the inclusion of all students, motivating them with creativity and interdisciplinary, bringing together various topics from different disciplines and building upon the individual interests of each.

The teacher is now facing great pressure from society, a lot of times dealing with children with dysfunctional families, which is reflected in their behavior, attitudes and school performance. Today, the teacher is much more than teaching the role as the father / mother, psychologist, friend. Often they are the reference of the child / adolescent, the only support that can make a real difference in their life.

Children are the best in the world and the school should be the place where they learn, develop, grow and graduate as a person.

Only someone who loves what he does and is dedicated to the profession can instill in others intended. Equally important is to plan, self-assess, reflect and investigate. Talent and passion are then keywords.

Keywords: Motivation; Interdisciplinary; Inclusion; Passion; Teacher; Student; Creativity; Dedication

AGRADECIMENTOS

Este é o resultado do trabalho intensivo ao longo deste percurso académico, com muita paixão, dedicação e empenho. Ao longo deste tempo, foi necessário enfrentar vários desafios, que não seria possível sozinha. Assim sendo, é imprescindível o meu agradecimento às seguintes pessoas:

A toda a minha família, que tanto acreditaram em mim e nas minhas capacidades! Em especial aos meus pais pelo esforço para que este sonho fosse possível, por todos os valores que me transmitiram, fazendo de mim a pessoa que hoje sou. Ao meu irmão e avó, pela paciência nos dias de mau humor e por todo o apoio ao longo desta caminhada, mesmo que esta me roubasse tanto deles.

Àquele meu grupo de amigos verdadeiros, que tão bem compreenderam a minha ausência e nunca me deixaram desistir desta paixão, mesmo nos dias mais difíceis.

Aos companheiros da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação da Maia, que foram um pilar, uma segunda família, permitindo a boa disposição nos dias em que o cansaço se apoderava de mim.

A todas as colegas de turma, por esta caminhada juntas, em especial ao meu par pedagógico Diana Pinto por todo o apoio em contexto de estágio e à Catarina Antunes por toda a amizade incondicional demonstrada ao longo deste percurso.

A todo o corpo docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, que tanto me fizeram crescer e me formaram, dando-me bases para voar mais além, em especial às minhas orientadoras Doutora Ana Luísa Ferreira e Doutora Ana Maria Gomes, por toda a disponibilidade, apoio e orientação.

A todos os professores cooperantes que me receberam de braços abertos e tanto me fizeram evoluir com as experiências vivenciadas. Assim como, ao pessoal não docente do colégio que me fizeram sentir em casa.

E, claro, um especial obrigada aos meninos do 2º e 6º ano que todos os dias me proporcionaram momentos de aprendizagem, sem eles não seria possível.

Esta vitória é tão minha quanto vossa!

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós” Antoine de Saint-Exupéry

A todos, o meu **muito obrigada!**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	11
1. Ensinar bem, aprender melhor.....	11
1.1. Um ensino para todos.....	16
1.2. O professor: como pessoa e profissional	19
1.3. A escola e a família: envolvimento parental.....	22
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	26
1. Tipo de estudo	26
1.2. Participantes do estudo	28
1.3. Instrumentos.....	29
CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA	33
1. Caracterização do Contexto.....	33
1.2. Caracterização das turmas	36
2. Intervenção nos contextos.....	39
2.1. Observar/ Preparar.....	39
2.2. Planear/ Planificar	41
2.3. Agir/ Intervir	44
2.4. Avaliar.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
BIBLIOGRAFIA.....	63
ANEXOS.....	69

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo A – Lista de verificação
- Anexo B – Exemplo de nota de campo
- Anexo C – Exemplo de registo de incidente crítico
- Anexo D – Registo fotográfico
- Anexo E – Excerto de estudo de caso
- Anexo F – Questionário
- Anexo G – Grelhas de aula
- Anexo H – Trabalhos dos alunos
- Anexo I – Exemplos de reflexões realizadas
- Anexo J – Avaliação dos alunos à professora estagiária
- Anexo K – O oceano das tabuadas
- Anexo L – Planificação com interdisciplinaridade
- Anexo M - Debate do 2º CEB
- Anexo N - O dia da alimentação no 1º CEB
- Anexo O – As TIC
- Anexo P – História criada pela professora estagiária
- Anexo Q – Planificação com recurso às TIC
- Anexo R – A atividade das drogas
- Anexo S – A Feira dos Saberes
- Anexo T – Fichas formativas
- Anexo U – Fichas de avaliação

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PEI – Plano Educativo Individual

CEB – Ciclo do Ensino Básico

RI – Regulamento Interno

PAA – Plano Anual de Atividades

PE – Projeto Educativo

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PHDA - Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção

PT – Projeto de Turma

MEC – Ministério da Educação e Ciência

INTRODUÇÃO

O presente documento foi realizado no âmbito do Mestrado na Área de Formação de Professores com Especialidade em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, complementando as práticas de ensino supervisionadas vivenciadas ao longo deste ano letivo de 2013/2014. Sendo que, o estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico foi realizado por altura do 1º e 2º períodos do ano escolar e orientado pela Doutora Ana Luísa Oliveira Ferreira enquanto que o estágio em 2º Ciclo do Ensino foi realizado no 2º e 3º período escolar e orientado pela Doutora Ana Maria Paula Marques Gomes.

Este relatório tem como objetivo demonstrar as vivências pelas quais a professora estagiária atravessou, refletindo ao longo do ano sobre as suas práticas, estabelecendo a ponte sobre o que lhe foi ensinado ao longo destes 5 anos de estudo. Durante o presente documento, será também refletida a ligação entre o 1º e o 2º Ciclos do Ensino Básico, pois são estes os ciclos que poderão ser lecionados pela autora deste relatório.

Este documento intitula-se por “A importância da prática na construção da profissionalização”, porque ao longo do mesmo são retratadas as problemáticas vivenciadas pelo docente atual, alguns sentimentos sentidos e certas experiências já vivenciadas pela professora estagiária que são o retrato do ensino de hoje. Assim como, uma reflexão sobre o possível futuro desta futura professora, como é o caso de diversas situações que viveu em contexto de estágio e que a preparam para a docência. Assim, este título surge demonstrando a importância que estas práticas de ensino supervisionadas tiveram para este processo de profissionalização, servindo para refletir e preparar para a profissionalização.

Este é um momento de participação, mas também de construção de conhecimentos, que tem-se como difícil missão transpô-la para o relatório como uma ação vivida, nem sempre, fácil de realizar. Desta forma, este documento permite que quem o leia consiga perceber o ambiente vivido em estágio, a paixão pelo ensino e as verdadeiras preocupações por parte da professora estagiária.

Os estágios em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico têm como principal objetivo dar a oportunidade aos alunos finalistas de colocarem em prática tudo o que aprenderam ao longo destes anos de ensino superior, tentando que se aproximem o máximo possível do que deverá ser a realidade após curso. Os alunos finalistas têm

oportunidade de se integrar na equipa pedagógica e ter por alguns meses o papel, que tanto desejam há anos, o de professor, no qual lecionam, planificam, avaliam e envolvem-se no contexto educativo presente.

Estes estágios foram vivenciados pela professora estagiária na mesma instituição. Esta instituição que deu oportunidade à professora estagiária de vivenciar o que é demonstrado ao longo do documento é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) situada no distrito do Porto.

Este documento será dividido em três grandes capítulos: o *enquadramento teórico*, neste estarão presentes os temas que suscitam maior curiosidade e preocupação pela parte da professora estagiária, intitulados pela mesma como “Ensinar bem, aprender melhor”, “Um ensino para todos”, “O professor: como pessoa e profissional” e “A escola e a família: envolvimento parental”; um outro capítulo sobre as *metodologias de investigação*, no qual estão presentes a apresentação do tipo de estudo, os participantes e os instrumentos; e a *intervenção* que subdivide-se em dois grandes temas: caracterização do contexto no qual são caracterizadas a instituição acolhedora e os grupos da prática e a intervenção educativa, evidenciando o essencial do processo, nomeadamente no que diz respeito ao observar/planear, planear/planificar, agir/intervir e avaliar. Por fim, as *considerações finais*, nas quais será realizada uma autoavaliação, uma reflexão sobre a experiência profissional vivida e questionar-se-á sobre este perfil misto, assim como as perspetivas da futura professora. Posteriormente, a *bibliografia* e os *anexos*, nos quais estarão presentes reflexões realizadas ao longo da prática profissional, assim como planificações, fichas de trabalho, testes de avaliação, grelhas de avaliação e alguns outros documentos importantes e, ainda, registos fotográficos, demonstrando o trabalho realizado pela professora estagiária durante estes meses.

Para a realização deste relatório, além da experiência vivida na prática, será igualmente importante para fundamentar as práticas uma fundamentação teórica. Para tal, será recolhida informação em livros e em legislação relacionada com a educação e os temas mais relevantes.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Ensinar bem, aprender melhor

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire)

Ensinar bem, aprender melhor! Mas, a questão mantém-se: “o que é educar?”. Qualquer profissional da educação preocupa-se em desmistificar esta questão e perceber qual o caminho para o triunfo.

Educar surge de dois termos latinos “educare” e “educere”. Por um lado “educare” significa alimentar, nutrir, enquanto “educere” surge como extrair a riqueza da pessoa. Desta forma, educar é a junção de extrair da pessoa com o alimentar, desenvolver. Como Perrenoud (2000:27) afirma, “o aprendiz não é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas””, tendo de ter em consideração este aspeto, o docente deverá partir dos conhecimentos dos alunos e do seu meio envolvente para lecionar os conteúdos pretendidos. Para tal, “para organizar e dirigir tais situações de aprendizagem, é indispensável que o professor domine os saberes, que esteja mais de uma lição à frente dos alunos e que seja capaz de encontrar o essencial sob múltiplas aparências, em contextos variados.”

“Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (Fernández, 1991), sendo assim, a relação que o docente mantém com os seus alunos é, decerto, uma das características mais importantes que se deve ter. A forma como se trabalha com os alunos, a maneira como se fala, a forma como os ajudam em diversas atividades, tudo isso se reflete mais tarde, por exemplo no aproveitamento ou na falta dele ou até mesmo pelo gosto pela escola ou ausência do mesmo.

A Educação promove “o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que integram e de se empenharem na sua transformação progressiva” (MEC-artigo 2º da lei nº 49/2005, de 30 de agosto).

Para isso, “a organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afetivo, estético, social e moral dos alunos” (MEC-artigo 50º da lei nº 49/2005, de 30 de agosto).

O sistema educativo, tem como objetivo formar cidadãos, responder às suas necessidades, de modo a fazer a sua integração na sociedade, este, “ [...] responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho” (MEC-artigo 50º da lei nº 49/2005, de 30 de agosto). Deste modo, é possível perceber quais os principais objetivos do sistema educativo, este incide principalmente, na preocupação de responder às necessidades formativas do cidadão para que seja possível integrá-lo na sociedade, de forma absoluta, não esquecendo de respeitar o outro e construindo sempre o seu saber ao longo da vida.

No decreto-lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, capítulo II – Organização do sistema educativo, artigo 8.º, n.º1, alínea a, podemos verificar o seguinte: no 1º ciclo, “o ensino é globalizante e da responsabilidade de apenas um professor que poderá ser coadjuvado em áreas especializadas” (MEC). É constituído por quatro anos e existem especificidades a ter em conta, como por exemplo, “[...] o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social e das expressões plástica, dramática, musical e motora [...]”. Por outro lado, no 2º Ciclo, o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica e desenvolve-se predominantemente em regime de professor por área (Decreto-lei n.º49/2005, de 30 de agosto, capítulo II – Organização do sistema educativo, artigo 8.º, n.º2, alínea b). É constituído por dois anos e existem as seguintes particularidades: “a formação humanística, artística, física e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica, [pretendem] habilitar os alunos a assimilar e interpretar crítica e criativamente a informação, de modo a possibilitar a aquisição de métodos e instrumentos de trabalho e de conhecimento que permitam o prosseguimento da sua formação, numa perspetiva do desenvolvimento de atitudes ativas e conscientes perante a comunidade e os seus problemas mais importantes” (MEC- Decreto-lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, - capítulo II – Organização do sistema educativo, artigo 8.º, n.º3, alínea b).

Segundo o Decreto-lei nº 24/2001, de 30 de agosto o professor deve ter em conta “[...] a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens”.

Relativamente às estratégias de ensino, sabendo que, de acordo com o que nos diz Perrenoud, o aluno não é um “ser vazio” e cabe ao professor ter esta ideia em conta, sempre que vai trabalhar uma Unidade de Ensino, aproveitando e valorizando os conhecimentos do aluno que sabe sempre algo.

De acordo com Perrenoud (2000:119) o professor deverá ser capaz de:

“[...] se relacionar positivamente com os alunos, proporcionando um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afectivo e que predisponha para as aprendizagens; Criar um ambiente de trabalho que favoreça a convivência e o respeito pelos alunos; Estimular o trabalho cooperativo entre os alunos; Desenvolver a integração dos alunos, evitando situações de isolamento; Deverá ter disponibilidade para atender e dar apoio aos seus alunos que assim o entendem. “Envolver os pais na “construção dos saberes” não se limita a convidá-los a desempenhar seu papel no controle do trabalho escolar e a manter nas crianças uma “motivação” para levar a escola a sério e para aprender”.

Para o aluno aprender e se interessar, é necessário motivá-lo. Uma das estratégias mais utilizadas com resultados positivos é o capitalizar os interesses e valores pessoais dos próprios alunos. Pois, “de modo geral, todo o aluno passará a ver significado e importância nas aprendizagens escolares se elas aparecerem de alguma forma relacionadas com sua vida, seu mundo, suas preocupações e interesses pessoais” (Boruchovitch, Bzuneck e Guimarães 2010:15).

Outra estratégia será o embelezamento, sobre esta Berlgin (1999), após observar que não existe uma taxonomia de embelezamentos, descreveu os seguintes tipos (Boruchovitch, Bzuneck e Guimarães 2010:24):

“manipulação de objetos e movimento físico; conflito cognitivo: introdução de novidades; relação com comestíveis; interação com amigos no grupo; autor explícito, nas narrativas escritas; modelação; jogos; escolha de conteúdos atraentes para aquela classe; relacionamento com a vida; fantasia; humor [...]”.

Não existe uma educação neutra, o docente quando leciona tem sempre, mesmo que inconscientemente, a sua memória e experiência passada, a sua imaginação e experiência futura, assim como os conhecimentos adquiridos. A educação, tal como Cabanas (2002:16) refere é como:

“um processo [...] de aperfeiçoamento [...] no qual se trata de fazer com que um sujeito aceda a níveis superiores na sua existência. (...) Para tal necessitamos, portanto, de um conhecimento exacto do sujeito educando: a sua possibilidade e necessidade de ser educado, assim como a facilidade ou a dificuldade de que a isso oferecerá e as limitações que apresentará”.

Cada vez mais a eficácia do professor no processo de ensino-aprendizagem passa pelo sucesso no plano da relação pedagógica. Hannoun, citado por Manuela Ferreira e Milice Santos afirma que “para o aluno, a imagem do professor é sempre dupla: é simultaneamente a de uma pessoa e a de uma personagem” (Ferreira, Santos, 2007:31). De facto, os professores representam para a criança os primeiros adultos, fora da família, mais intensamente investidos.

Cabe ao professor motivar o aluno para o gosto pela escola e por aprender mais, sendo que a motivação “é o que activa, orienta e mantém a decisão de estudar, sendo um dos factores mais importantes do sucesso e da qualidade na aprendizagem” (Duarte, 2012:65).

Segundo António Duarte (2012:66) existem três tipos de motivação. A motivação instrumental que tem como principal intenção o evitamento do insucesso, a motivação intrínseca que tem em atenção os interesses e competências pessoais das crianças e a motivação de realização cuja principal intenção face às tarefas de aprendizagem é a de demonstrar excelência, elevadas classificações.

Motivação é como uma força interior que estimula o indivíduo a realizar determinada tarefa, visando atingir um fim específico. Segundo Fernanda Carrilho (2004:17) o aluno motivado sente interesse, curiosidade, segurança, ânimo, confiança e entusiasmo, enquanto o aluno desmotivado sente desinteresse, apatia, insegurança, desânimo, inércia e desalento.

Uma boa estratégia para motivar os alunos é recorrer à interdisciplinaridade. O prefixo «inter» não indica apenas uma pluralidade uma justaposição; evoca também um espaço comum, um factor de coesão entre saberes diferentes. “A interdisciplinaridade supõe abertura de pensamento, curiosidade em relação ao que se busca para lá de si mesmo” (Gusdorf citado por Pombo e Levy, 1994:92).

Outra estratégia que os professores deverão utilizar para motivar os alunos é utilizarem a criatividade. A criatividade “[...] tem sido entendida como uma característica inerente aos alunos, sendo a questão fundamental o modo como os professores poderão induzir mais criatividade no pensamento destes” (Nóvoa, 1991:127).

Um professor criativo formará alunos criativos, originais, empenhados e com determinação, visando o sucesso escolar e pessoal. Porém, “[...] cada situação de ensino é única e como tal pode dizer-se que os professores estão sempre a fazer uso da sua criatividade para resolver os seus problemas” (Nóvoa, 1991:127).

Para além dos aspetos referidos anteriormente, é importante salientar que o docente orienta-se pelo currículo, pois

“sem teoria, na verdade, nós nos perdemos no meio do caminho. Mas, por outro lado, sem prática, nós nos perdemos no ar. Só na relação dialética, prática-teoria, nós nos encontramos e, se nos perdemos, às vezes, nos reencontramos por fim”
(Freire, 1999:135).

O currículo é, então, a parte teórica pelo qual o docente se rege:

“O currículo traduz uma representação dos valores, significados e padrões de vida e é simultaneamente uma fonte de conhecimento, compreensão, técnicas, destreza e estratégia para o necessário desenvolvimento pessoal e social do sujeito” (Skilbeck, 1985).

O currículo pode ser visto como produto, segundo D’Hainaut (cit *in* Pacheco, 2001:37), o currículo poderá englobar

“[...] não somente programas para as diferentes matérias, mas também uma definição da educação pretendida, uma especificação das actividades de ensino e de aprendizagem o que implica os conteúdos do programa e, finalmente, indicações precisas sobre as maneiras como o ensino e o aluno são avaliados”.

Ou como processo, que na perspectiva de Stenhouse (idem: 39), o currículo é visto como “[...] uma tentativa de comunicar os princípios e aspectos essenciais de um propósito educativo, de modo que permaneça aberto a uma discussão crítica e possa ser efectivamente realizado”.

Para refletir sobre “Ensinar bem, aprender melhor” é importante mencionar o construtivismo uma “teoria sobre o conhecimento e a aprendizagem, que se ocupa tanto daquilo que é o «conhecer» como do modo como «se chega a conhecer» (Fosnot, 1996:9), esta é provavelmente a psicologia da aprendizagem mais corrente.

A “concepção construtivista é um referente útil para a reflexão e para a tomada de decisões compartilhada, o que supõe o trabalho em equipa [...]” (Coll *et al*, 2001:25). A concepção de construtivismo remete para a ideia de o saber/conhecimento como algo não finito. A construção do conhecimento, segundo a pedagogia construtivista, é realizada através da ação e não por “dons” concedidos anteriormente pela criança/aluno. Neste tipo de pedagogia, o aluno é entendido como um ser ativo na sua aprendizagem. De facto, o professor encara a aprendizagem como uma construção feita pelo aluno, no entanto, essa construção só é viável se o aluno agir e problematizar a sua ação através de um processo de reflexão.

Nesta pedagogia, o papel do professor, segundo Gonçalves & Alarcão (2004), reside em alguns aspetos essenciais tais como: estimular os alunos no desempenho das tarefas; ajudar e colaborar com os alunos na compreensão dos conteúdos, resolução de problemas.

Philippe Perrenoud aponta como princípios para tornar o sistema educativo mais eficaz os seguintes: políticas de educação mais duradoiras, sistêmicas e negociadas; instituições que têm os meios para serem autónomas e sabem justificar a utilização desses meios; profissionais competentes, autónomos e reflexivos, empenhados em melhorar, de forma contínua e cooperativa, práticas e dispositivos; chefias que exerçam uma liderança profissional mais do que um controlo burocrático; currículos flexíveis baseando-se no essencial e visando objetivos de formação explícitos e razoáveis; didáticas construtivistas e dispositivos pedagógicos que criem situações fecundas de aprendizagem; uma organização do trabalho escolar posta prioritariamente ao serviço de uma pedagogia diferenciada; uma divisão equitativa e negociada do trabalho educativo entre os pais e a escola; profissões fundadas em saberes apoiados pelas ciências sociais e humanas; uma cultura de avaliação mais inteligente (Perrenoud citado por Azevedo, 2003:105).

1.1. Um ensino para todos

“Não há, não,
Duas folhas iguais em toda a criação.
Ou nervura a menos, ou célula a mais,
Não há, de certeza, duas folhas iguais.”
António Gedeão (Teatro do Mundo, 1958)

Segundo David Rodrigues (2001:39) no que diz respeito à relação entre as escolas e a diferença, podemos dividi-las em três tipos: escola tradicional, na qual existe uma uniformização dos alunos; a escola integrativa, na qual há uma dicotomia metodológica e a escola inclusiva, na qual prevalece a diferenciação.

“O multiculturalismo tem-se tornado uma característica do mundo contemporâneo. Diluem-se fronteiras, a circulação das pessoas acelera-se, e povos e culturas são forçados a coexistir num mesmo espaço [...]”, (Mendes, 2005:11), com a migração principalmente, cada vez mais tem-se contacto com diversas culturas. É desta forma que surge o termo educação multicultural:

“conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escola e de turma, cujo objectivo é promover a compreensão e a tolerância entre indivíduos de origens étnicas diversas, através da mudança de percepções e atitudes, com base em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e de estilos de vida”

(Cardoso citado por Pereira, 2004:17).

Com a multiculturalidade tão presente, foram surgindo os modelos de política multicultural: o assimilacionismo, o integracionismo, o pluralismo multicultural e o interculturalismo.

O assimilacionismo corresponde à primeira etapa da história do multiculturalismo. Este pressupõe que “[...] os alunos das minorias poderiam integrar-se melhor na sociedade de acolhimento, através de uma imersão total e imediata na cultura e na língua maioritárias” (Pereira, 2004:21,22). Este modelo veio a revelar-se mono-cultural e etnocêntrico, não resultando com a problemática das minorias.

O modelo integracionista “[...] defende uma escola em que as minorias têm liberdade para afirmar a sua própria identidade cultural, na medida em que não entre em conflito com a identidade cultural do grupo dominante” (Pereira, 2004:23), assim sendo, os defensores do integracionismo evocam o conhecimento e o respeito pelas diferenças culturais de modo a combater preconceitos, a promover o autoconceito e a autoestima dos alunos pertencentes a minorias, preparando-os para a vida numa sociedade multiétnica.

O pluralismo multicultural, no qual “[...] os indivíduos manteriam as suas identidades culturais, isto é, a plena liberdade de participar numa vida cultural e social própria, em circunstâncias iguais às das outras culturas, mantendo, no entanto, a liberdade de escolha” (Pereira, 2004:23). Desta forma, os indivíduos de todas as etnias teriam a possibilidade de aceder a estratos superiores da sociedade alargada e de participar numa vida cultural e social diferente da sua.

Por sua vez, o interculturalismo afirma o pluralismo cultural “[...] afirmação de cada cultura e, simultaneamente, a sua abertura às outras culturas, para com elas estabelecer relações de complementaridade” (Pereira, 2004:25).

O multiculturalismo não se vive só em contexto escolar, mas a escola é o primeiro passo de mudança da sociedade, as atitudes do professor são uma questão central na educação multicultural, constituindo “[...] uma variável fundamental na fundamental na promoção da integração, no respeito pela diversidade e aplicação de estratégias que visem uma efectiva igualdade de oportunidades” (Pereira, 2004:29).

Quando se refere à educação multicultural, tem de se ter em consideração conceitos tais como: grupo étnico, minoria étnica, estereótipos, preconceitos, discriminação, democratização. Assim, Cardoso (1996, citado por Pereira, 2004:30) considera a multiculturalidade educativa como “uma característica forte da educação

básica”, “importante para todos os alunos”, “baseada numa pedagogia crítica”, “um meio de reflexão”.

Com esta multiculturalidade presente, é necessário uma adequação e organização curricular, já Zabalza (1987:28) referia o currículo constituído “tanto pelo conjunto de experiências programadas pela escola e pelo próprio processo seguido para as programar (modelo de planificação) como pelo conjunto de experiências vividas pelo aluno no contexto escolar (modelo de investigação).

Norwich (1993) apresentou quatro dilemas sobre esta problemática:

- “1. O dilema do currículo comum: um aluno com graves problemas de aprendizagem deve aprender os mesmos conteúdos ou conteúdos diferentes dos seus colegas?
 - 2.O dilema de identificação: a identificação dos alunos com NEE ajuda-os ou, pelo contrário, marca-os negativamente?
 3. O dilema pais-profissionais: no momento das decisões quem tem maior influência?
 4. O dilema da integração: uma criança com sérios problemas de aprendizagem aprende mais na classe regular ou numa classe especial com mais apoios?”
- (Norwich citado por Rodrigues, 2001:95)

Primeiramente são analisadas as necessidades educativas especiais e determinada a necessidade ou não de um Plano Educativo Individual (PEI), aprendendo os mesmo conteúdos que os restantes colegas, porém com exigências de resultados distintos. É claro que, varia conforme a necessidade educativa especial evidente. O projeto educativo (PE) destes alunos deve ser elaborado pelo docente dos apoios educativos, em colaboração com os professores do ensino regular e outros técnicos.

A individualização dos percursos de formação, obriga a reinventar a escola, os modos de agrupamento dos alunos e da sua progressão nos cursos, os modos de negociação e divisão do trabalho entre professores, os modos de relação pedagógica e de organização didática (Perrenoud, Philippe, 1996:53).

Quando se refere à questão de “ensinar tudo a todos”, é relevante mencionar a diferença entre os conceitos de integração e inclusão nas escolas. Segundo Santos (2007:49), quando existe uma integração o aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE) dispõe de apoio fora e inserido na classe regular, no qual o ensino é orientado para o aluno-médio (Homogeneidade). Enquanto que na Escola Inclusiva o aluno com NEE está inserido na classe regular com apoio, beneficia de serviços fora da classe regular e o ensino é orientado para o aluno-todo (Heterogeneidade, diversidade, diferenciação).

O conceito de educação especial foi incluído na legislação portuguesa com a implementação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de outubro), “que definiu como um dos seus objetivos assegurar às crianças com necessidades educativas especiais «as condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades»” (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro Gomes, 2007:171).

Já a aplicação do conceito de NEE foi introduzido pelo relatório de Warnock, em maio de 1978 e revisto pela Declaração de Salamanca (Unesco, 1994) e redefinido, passando a abranger “todas as crianças ou jovens cujas necessidades educativas se relacionem com deficiências ou dificuldades escolares e, conseqüentemente têm necessidades educativas especiais em algum momento da escolaridade” incluindo “crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômadas, crianças de minorias étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos” (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro e Gomes, 2007:172).

1.2. O professor: como pessoa e profissional

“O professor é uma pessoa. Sem dúvida. Mas isso complica tudo (...)”

Louis Marmoz citado por Sousa, 2000:7

O professor é uma pessoa na qual a sociedade deve confiar, é o docente que forma as pessoas e o mundo de amanhã. Assim sendo, é necessário perceber o seu papel na sociedade, não esquecendo este como um ser humano. O professor não é “[...] um qualquer instrumento que se trataria apenas de bem formar, preparar (...) mas sim uma «qualquer coisa que mexe, que fala, que vive» e que, quer ensinar [...]”.

Neste momento, vivemos numa sociedade que exige muito do ser humano, implicando que o trabalho do professor esteja constantemente a ser questionado. Atualmente, a sociedade exige muito do professor, encarregando exclusivamente neste a educação dos mais novos.

O professor é “[...] um artesão da infância, um técnico da docência, um artista da formação, um trabalhador do ensino, [...] um profissional da educação [...] um investigador, um poeta, um arquiteto [...] um amigo, um pai [...]” (Mesquita, 2011:31).

Cada vez mais, o professor tem papéis diferenciados, sendo que é o adulto de eleição da criança, com quem esta está mais tempo.

Cabe ao professor cuidar do aluno, todavia há um limite de cuidados, pois este ser humano não é incondicional. “O cuidado incondicional é parte integrante de uma relação afectuosa, enquanto que o cuidado como parte constituinte de uma relação pedagógica afectuosa faz parte da responsabilidade educativa do professor” (Day, 2004:61).

Porém, tem de se ter em consideração o professor como ser humano, pois não poderá existir uma educação neutra. O professor acaba por transmitir os seus valores, mesmo que inconscientemente. E os alunos, com acréscimo nos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, veem no professor o modelo de adulto.

Visto isto, compreende-se que o bom professor será aquele que exerce este estatuto por paixão e

“ser apaixonado pelo ensino não é unicamente demonstrar entusiasmo, mas também exercer a sua actividade de uma forma inteligente baseando-se em princípios e valores... A paixão relaciona-se com o entusiasmo, o cuidado, o comprometimento e a esperança que são, também eles, características-chave da eficácia no ensino.”

(Day, 2004:13)

A paixão não é, então, uma escolha, mas sim um elemento essencial para um ensino de qualidade. Um professor que ensine com entusiasmo e dedicação, terá alunos mais empenhados e motivados, conseguindo desta forma um aproveitamento escolar melhor e alunos bem formados, não só a nível académico, mas também pessoal. Nunca esquecendo que o docente está a formar pessoas e, este só conseguirá obter sucesso quando for capaz de alimentar e expressar a sua paixão pelo conhecimento e pelo ensino.

Desta forma, cabe ao educador, entre muitos, o compromisso de trabalhar o “amor paixão” junto com seus educandos. É pela mística da paixão que o educador consegue chegar até a consciência dos educandos e trabalhar com amorosidade, para a mudança da mentalidade. Já afirmava Paula Frassinetti “Educar pela via do coração e do amor com firmeza e suavidade”, este é o lema que o professor deverá seguir.

Segundo Day (2004), Haavio, um educador finlandês, identificou como características-chave de um professor o discernimento pedagógico, o amor pedagógico e a consciência vocacional. O discernimento pedagógico consiste na capacidade que o docente deverá ter para adequar o tipo de ensino a cada aluno; o amor pedagógico que diz respeito ao instinto de proteger e cuidar do aluno,

demonstrando a sua paixão pela profissão exercida e a consciência vocacional que consiste em o docente perceber que este é o propósito da sua vida, sente uma enorme gratidão no que exerce.

Todavia, para além da paixão pelo ensino, para formar um bom profissional de educação é necessária uma formação contínua, porque “a formação inicial, por sofisticada que seja, não pode munir os docentes para toda uma carreira” (Landsheere, 1994:261). O currículo muda e a sociedade também, as necessidades do ensino vão alterando e até mesmo os próprios conteúdos. E, “a pessoa transforma-se, deve continuar a desenvolver-se, a enriquecer-se ao longo da vida” (Landsheere, 1994:261). O professor muda como pessoa e profissional, logo a sua forma de ensinar modifica também.

Segundo Landsheere, os objetivos da formação contínua são os seguintes:

- Actualizar os conhecimentos e fazer adquirir novos conhecimentos;
- Assegurar o desenvolvimento de competência profissional;
- Abrir possibilidades de promoção, de mobilidade ou de reconversão profissional;
- Permitir especializações;
- Preparar para funções específicas do sistema educativo”

(Landsheere, 1994:269)

A formação de professores pretende a melhoria do ensino, porém “[...] tem incidido mais na preparação para transmitir conteúdos programáticos do que no treino para gerir as relações interpessoais na sala de aula” (Jesus, 1993:21). O que pode-se considerar uma falha na formação, visto que, atualmente, um dos grandes problemas que os professores enfrentam é a indisciplina na sala de aula. Entende-se por indisciplina “[...] os comportamentos do aluno que perturbam as actividades que o professor pretende desenvolver na sala de aula” (Jesus, 1993:22). Para esta problemática não há uma intervenção resposta-tipo eficaz, pois cada caso é um caso, porém pode-se mencionar que a única solução eficaz é a prevenção.

Amado e Freire (2002) citados por Tavares, Gomes, Pereira, Monteiro e Gomes, apontam como prevenção três tipos: a primária que assenta “[...] no aprender a ouvir e a respeitar (...) na educação para os valores”; a secundária “[...] já pressupõe uma intervenção precoce através de respostas corretivas e formativas aos comportamentos e atitudes perturbadoras” e a terciária que “exige um papel ativo e inclusivo da escola, (...) da família e a comunidade (...) no sentido de integrar invés de excluir” (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro, Gomes, 2007:164/165).

Com o acréscimo da indisciplina, é exigido ao professor que seja cada vez mais resiliente, “la capacidade para controlar eficazmente los acontecimientos, tanto previstos como imprevistos, estará mediada por todo ello” (Day y Gu, 2012:201).

Nos dias de hoje, é exigido ao docente “mantener la energía física, psicológica y emocional necessária para interessar a otros por el apredizaje en períodos sostenidos de tiempo” (Day y Gu, 2012:201).

A sociedade está cada vez mais em decadência e, a profissão do professor é uma das mais afetadas:

“[...] a docência vive, por um lado, o mito de uma idade de ouro passada, onde detinha um prestígio e reconhecimento social inquestionável, por outro lado, vive o mito da construção de um novo futuro para a profissão, que se vem traduzindo numa crise de identidade profissional...”

(Loureiro, 2001:s/p)

Desta forma, a insatisfação na docência reflete-se nas manifestações constantes, o que afeta o ambiente vivido nas escolas e, nomeadamente, nas salas de aula. Apesar deste descontentamento vivido na docência, os docentes, e, principalmente os recém-formados, integram o mercado de trabalho esperançosos, com novas ideias e projetos, capazes de motivar alunos e levar o ensino mais além com a sua paixão e inovação.

1.3. A escola e a família: envolvimento parental

“As escolas devem ser promotoras de políticas/estratégias que possibilitem um maior envolvimento das famílias na vida escolar do filho. Os pais podem ser envolvidos de diferentes formas, cabe à escola proporcionar uma diversidade de modalidades de envolvimento parental na escola”

(Pereira, Barros e Goes, 2008:134) “.

O envolvimento dos pais não traz só benefícios ao aproveitamento escolar das crianças. Aumenta a motivação destas pelo processo de aprendizagem, ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores, melhora a imagem social da escola, reforça o prestígio profissional dos professores e ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva-os a serem melhores pais.

Juridicamente, a responsabilidade primeira pela educação da criança pertence à família, segundo a Constituição da República Portuguesa, 1976, art. 36º, o que significa que à escola compete um papel complementar da ação daquela, apoiando os pais no desempenho das suas funções e colaborando com eles (Reimão, 1994: 36).

Tendo em consideração que a educação não está só na escola, mas também em casa, já são vários os estudos realizados sobre a importância do envolvimento da família na vida escolar, nomeadamente a participação dos pais. A escola não consegue que a criança cresça e se desenvolva sozinha, existindo necessidade de uma continuidade do que é trabalhado na instituição educativa em casa, sendo este crescimento e esta aprendizagem um trabalho cooperativo de ambas as entidades. Daí ser necessário que, principalmente os pais, acompanhem o que é abordado na escola, percebam, apoiem e que tenham voz na instituição.

Davies (2013:12), através de vários estudos realizados refere que

“os alunos cujas famílias estão envolvidas na aprendizagem têm melhores notas, matriculam-se em programas de nível mais elevado, têm taxas de sucesso escolar mais altas e têm uma maior probabilidade de se matricularem no ensino superior”

Ao longo da sua análise crítica sobre o tema defende que quando a família demonstra interesse no que os alunos estão a aprender, estes têm uma maior motivação e interesse, melhorando para além das notas o seu comportamento dentro e fora da sala de aula.

“A aprendizagem em família bem planeada e as atividades de apoio tendem a aumentar a autoconfiança, levando a que os pais e outros membros da família continuem os seus estudos” (Davies, 2013:13), assim, este envolvimento dos familiares no contexto escolar traz benefícios para todos: escola, alunos e toda a comunidade.

Segundo estudos da autoria de Epstein (1987) existem dezasseis maneiras de envolver os pais na comunidade educativa sendo estas: Pedir aos pais que leiam regularmente aos filhos; Emprestar livros aos pais; Pedir aos pais que levem os filhos à biblioteca pública; Pedir aos pais que façam perguntas aos filhos sobre o que fizeram na instituição; Marcar trabalhos que exijam o diálogo com os pais; Pedir aos pais que vejam programas educativos e os discutam com os filhos; Sugerir aos pais que incluam os filhos em atividades educativas diárias; Enviar sugestões de jogos educativos de grupo que podem ser jogados em família; Sugerir materiais de aperfeiçoamento da leitura, da matemática, etc; Estabelecer acordos formais para supervisão do trabalho realizado em casa; Estabelecer acordos para punições e recompensas com base no aproveitamento do aluno; Pedir aos pais que assistam a alguns dias das situações de aprendizagem; Explicar aos pais certas técnicas de ensino; Dar questionários de avaliação aos pais; Pedir aos pais que assinem os trabalhos elaborados em casa; Propor aos pais que treinem os filhos, ajudando-os e fazer exercícios.

Toda a criança tem o direito à educação, sendo assegurado pelo Estado um ensino básico universal, obrigatório e gratuito. Tendo em consideração que a educação não está só na escola, mas também em casa, já são vários os estudos realizados sobre a importância do envolvimento da família na vida escolar, nomeadamente a participação dos pais. A escola não consegue que a criança cresça e se desenvolva sozinha, existindo necessidade de uma continuidade do que é trabalhado na instituição educativa em casa, sendo este crescimento e esta aprendizagem um trabalho cooperativo de ambas as entidades. Daí ser necessário que, principalmente os pais, acompanhem o que é abordado na escola, percebam, apoiem e que tenham voz na instituição.

Davies (1997:12), através de vários estudos realizados refere que “os alunos cujas famílias estão envolvidas na aprendizagem têm melhores notas, matriculam-se em programas de nível mais elevado, têm taxas de sucesso escolar mais altas e têm uma maior probabilidade de se matricularem no ensino superior”. Ao longo da sua análise crítica sobre o tema, defende que quando a família demonstra interesse no que os alunos estão a aprender, estes têm uma maior motivação e interesse, melhorando para além das notas o seu comportamento dentro e fora da sala de aula.

Muitos professores duvidam das vantagens da participação dos pais na vida escolar dos filhos, receiam que esta participação lhes diminua o poder e que seja um meio de controlo e fiscalização. Estes receios não são completamente infundados, de facto esta participação exige a partilha do poder perante a educação das crianças.

Existe desconfiança entre a família e a escola, principalmente quando há diferenças de classes sociais ou etnias. É necessária a consciência de que a família e a escola são estruturas diferenciadas, muitas vezes com ideais diferentes.

Segundo Davies (2013:45) uma das dificuldades que os professores têm é que, por vezes, os pais têm idades diferenciadas, foram educados com outras metodologias e, por vezes, não conseguem acompanhar os estudos e as estratégias utilizadas no ensino de hoje em dia. O envolvimento dos pais não traz só benefícios ao aproveitamento escolar das crianças, acaba por trazer benefícios também aos próprios. Os pais aprendem também com as crianças e, os laços fortalecem-se.

Muitas das nossas instituições públicas são difíceis de alcançar porque os educadores não sabem comunicar com os pais em desvantagem cultural e económica, os educadores marcam reuniões com os pais às horas em que eles se encontram a trabalhar e, por vezes, as informações prestadas são tão insuficientes que nem sempre a reunião vale a deslocação.

As IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) “[pel]o facto de serem estabelecimentos educativos bastante autónomos face ao poder político central, parece[m] construir um elemento facilitador do envolvimento dos pais na escola”, pois, segundo Andrews (citado por Munn, 1993:42), a “descentralização é um movimento que se faz no sentido de aumentar os laços entre a escola e a comunidade que ela serve”. Como também referem Sarmiento & Ferreira (1994:29), a “autonomia da escola tem como contrapartida a participação de todos os implicados no processo educativo” (citado por Munn, 1993:42).

Num estudo realizado em três escolas portuguesas (Marques, 1988:10), conclui-se que não há igualdade de participação parental nos diferentes grupos sociais, confirmando a ideia generalizada de que o nível de envolvimento dos pais depende da sua posição social, registando-se um maior alheamento das famílias com menores recursos culturais e económicos.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1. Tipo de estudo

“Investigar é seguir os vestígios ou sinais, indagar, procurar, pesquisar, fazer investigações acerca de...”. No entanto, quando falamos em investigação em contexto educativos, o objetivo da mesma não é apenas identificar problemas, mas sim compreender o processo que levou a desencadeá-los, ou seja, investigar em educação necessita de “uma compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está “por trás” de certos comportamentos, atitudes ou convicções”

(Fernandes, 1991:64).

O termo investigação, do latim *investigatiōne*, segundo o dicionário da língua portuguesa da Porto Editora (2012:274) entende-se como “o ato ou efeito de investigar, inquirir ou indagar; podendo ser um estudo ou uma série de estudos aprofundados sobre um determinado tema, numa área científica ou artística”. A partir daqui pode ser selecionado como um sinónimo abrangente mas fiel do termo pesquisa. É através da investigação que é possível refletir o processo de ensino-aprendizagem.

A “investigação educativa é uma actividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objecto de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos educativos” (Pacheco, 1995:9) e deve ser de carácter científico e pedagógico. Assim, o professor tem o dever de investigar e atualizar-se sempre, ao longo da sua profissão.

Os professores devem, ao longo da sua profissão, adotar uma atitude de profissional investigador. Estando então a falar de uma postura de investigação, está-se portanto perante uma perspectiva de profissional reflexivo, uma vez que “o desejo de compreender o que acontece à nossa volta, leva o ser humano a usar a sua inata capacidade de refletir” – (Marques *et al*, 2007:130). Nesta mesma linha de pensamento, um professor deve investigar sobre aquilo que ensina. Silva & Pinto, referem que “a primeira tendência dum investigador de campo que participa na vida da população que estuda é uma tendência espontânea para acreditar no que as pessoas lhe dizem” (Silva & Pinto, 1986:155).

Ao longo das práticas profissionais foi utilizado o método científico que, segundo Pardal e Lopes, tem as seguintes características:

“- é fáctico, isto é, tem uma «referência empírica»;

A importância da prática na construção da profissionalização

- transcende os factos, ou seja, embora partindo de factos, «transcende-os»;
- recorre à verificação empírica, «para formular respostas dos problemas colocados e para apoiar as suas próprias afirmações; exige uma constante confrontação com a realidade que conduz a uma problematização mesmo do já admitido;
- é autocorretivo e progressivo: «é autocorretivo, enquanto rejeita ou ajusta as próprias conclusões; é progressivo já que, ao não tomar as suas conclusões como infalíveis e finais, está aberto a novas contribuições e à utilização de novos procedimentos e de novas técnicas;
- as suas formulações são de tipo geral;
- é objetivo, não de um «objetivismo ingénuo», como se fosse possível isolar completamente o investigador da sua cultura e dos seus valores, mas na medida em que, fazendo-se esse esforço sério, se consegue alcançar a verdade possível dos factos”

(Pardal & Lopes, s/d:13)

Após análise destas características, percebe-se a importância entre a teoria e a prática. Após a teoria abordada ao longo destes anos de estudo, chegou a hora da professora estagiária intervir constantemente nas turmas onde estagiou, desta forma conseguindo aplicar o que aprendeu e interligar a teoria com a prática.

Ao possuir uma finalidade interventiva e tendo em conta os objetivos deste estágio, tornou-se necessário recorrer ao método de análise intensiva, na medida em que este permite uma abordagem qualitativa da realidade. Este método caracteriza-se ainda pela flexibilidade que apresenta ao nível da seleção de técnicas a utilizar e pela diversidade de dimensões que permite analisar. A abordagem qualitativa, tendo um carácter indutivo e descritivo, permite aceder às opiniões e posicionamentos dos alunos. A utilização de métodos de natureza qualitativa é fundamental para a compreensão do sentido dos comportamentos.

A investigação qualitativa baseia-se “[...] no método indutivo já que o investigador busca a intenção, o propósito de uma acção, estudando-a na sua própria posição significativa” (Pacheco, 1995:41). Assim sendo, neste caso de investigação pode-se afirmar estar presente uma investigação qualitativa. Portanto, pode-se caracterizar o presente estudo como estudo qualitativo “[...] desenvolve-se numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Ludke & André, 1986:18). O método qualitativo privilegia, na análise, o caso singular e operações que não implicam quantificação e medida.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994:47-51), a investigação qualitativa possuiu cinco características essenciais: a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva, os investigadores desta abordagem qualitativa interessam-se mais pelo

processo do que propriamente com os resultados ou produtos obtidos; estes investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Esta abordagem permite aos professores a oportunidade de explorarem o ambiente complexo das escolas e conseqüentemente tornarem-se mais autoconscientes acerca dos seus próprios valores e da forma como estes influenciam as suas atitudes face aos estudantes. Assim sendo, a estagiária foi procurando refletir sobre a sua prática, tentando perceber se as suas práticas, valores e intenções iam ao encontro das finalidades que o estágio ditava, tendo este um carácter interventivo no campo educativo.

1.2. Participantes do estudo

O universo de estudo são duas turmas do mesmo estabelecimento de ensino mas de ciclos de ensino básico distintos, no qual se realizaram os estágios profissionalizantes. Esta instituição, localizada numa freguesia do grande Porto é uma IPSS, composta por uma diversidade de alunos elevada.

Sendo que, também integram este estudo a professora estagiária e o seu par pedagógico, os professores cooperantes, assim como a comunidade académica, visto que influenciam todo o trabalho realizado dentro da sala de aula.

O primeiro grupo de estágio e conseqüente alvo de estudo foi uma turma do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, constituída por 23 alunos, sendo que 12 eram do sexo feminino e 11 do sexo masculino.

O segundo, foi uma turma do 6º ano de escolaridade do 2º Ciclo do Ensino Básico, constituída por 24 alunos, dos quais 11 pertenciam ao sexo feminino e 13 ao sexo masculino. Sendo que dois dos alunos pertencentes a esta turma apresentam NEE e estão ao abrigo do Decreto-Lei nº 3/2008, contendo um Programa Educativo Individual (PEI), no qual estão presentes estratégias de ensino, o historial académico, familiar e de saúde, assim como atenções a considerar quanto à avaliação.

No capítulo onde se analisa o contexto organizacional das instituições em causa (Capítulo III – Intervenção Educativa), encontrar-se-á uma descrição mais pormenorizada destes participantes do estudo.

1.3. Instrumentos

Durante os estágios, a observação tornou-se um dos instrumentos mais utilizados para o estudo. A observação direta é “[...] é um procedimento útil para obter elementos sobre todas as áreas de desenvolvimento e informações que possam ser utilizadas para planejar e adequar materiais e atividades aos interesses e necessidades das crianças” (Parente, 2002:180). Desta forma, pode assumir diversos formatos tais como “[...] descrições diárias, registos de incidentes críticos, registo contínuo, lista de verificação” (Parente, 180:2002). (Cf. Anexo A).

Ao longo do tempo de estágio, a professora estagiária, com o objetivo de conhecer melhor e mais detalhadamente a turma, realizou:

- Descrições diárias “trata[ndo]-se de uma forma de observação narrativa que consiste em realizar registos diários que podem variar entre descrições mais ou menos breves e de descrições mais detalhadas e compreensivas” (Parente, 180:2000), (Cf. Anexo B).

- Registos de incidentes críticos “[...] breves relatos narrativos que descrevem um incidente ou comportamento considerado importante para ser observado e registado”. Apresentam os acontecimentos de forma factual e objectiva [...]” (Parente, 181:2000), (Cf. Anexo C).

O papel de observador não é simples, o observador é:

“[...]como um navegador que constantemente procura a sua situação em relação à rota que deve seguir. Navega em cada momento, reconhecendo os pontos de referência ou marcos e situando uns em relação aos outros, tendo em conta as mudanças de perspectiva que sucedem à medida que se desloca. Entretanto, é para si próprio imprescindível situar-se em relação ao conjunto daquilo que vê”
(Postic e De Ketele citados por Parente 2000:173.)

Assim, percebe-se que a função de observador é complexa, nomeadamente porque deve ser uma visão detalhada, descritiva e neutra, o que nem sempre é simples para um ser humano.

Para uma observação eficaz deve-se “[...] escolher as unidades sobre as quais vai proceder-se à observação, isto é, retirar as informações necessárias” (Quivy & Campenhoudt, 2008:263), é necessário um observador maduro e consciente, capaz de tolerar ambiguidades e de guardar informações confidenciais.

Foi possível registar as observações através de “anotações escritas, outros combinarão as anotações com o material transcrito de gravações. Outros ainda registarão [...] através de filmes, fotografias [...]” (Lüdke e André, 1986: 32). Assim, a

professora estagiária, ao longo dos períodos de observação das turmas, registou os acontecimentos mais relevantes tanto recorrendo à escrita, como ao registo fotográfico (Cf. Anexo D). O registo fotográfico é uma anotação rápida verídica e que consegue transmitir através da imagem sentimentos e vivências que de outra forma seriam impossíveis de registar.

Foram instrumentos fundamentais de estudo o Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno (RI), Plano Anual de Atividades (PAA), o Projeto de Turma (PT) e o Plano Educativo Individual (PEI) dos alunos com NEE. Existem vários tipos de documentos, porém, neste caso, foram utilizados documentos oficiais e privados e pessoais.

A análise documental, é considerada uma “técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (Lüdke e André, 1986:38).

Reconhecendo que

“os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador [...] representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”

(Lüdke e André, 1986:39).

Esta análise documental serviu “[...] para completar a informação obtida por outros métodos” (Bell, 1997:90), revelando-se uma fonte de dados extremamente importante para a professora estagiária conhecer mais detalhadamente o contexto educativo e as turmas. Segundo Pardal e Lopes para uma análise documental eficaz são necessárias as seguintes regras de uso:

- Definir claramente o objeto de estudo;
- Formular devidamente a hipótese ou hipóteses;
- Detetar a nível de imparcialidade das fontes;
- Comparar apenas o comparável”

(Pardal e Lopes, s/d:103).

Perante os indicadores acima mencionados, a professora estagiária determinou os assuntos pertinentes, que iriam influenciar na sua relação professor-aluno e nas suas aulas. Conseguindo, caracterizar a turma e planificar aulas dos seus níveis de interesses, respondendo às necessidades dos alunos e ao que seria esperado por parte dos professores cooperantes.

Igualmente essenciais para a eficácia na prática profissional foram as conversas informais com os professores cooperantes, diretora de turma e pessoal não docente da instituição, que tão bem conheciam os alunos em questão.

Foi realizado um estudo de caso em relação a um aluno com NEE da turma de intervenção do 6º ano, um estudo qualitativo que se “[...] desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Ludke & André, 1986:18). Desta forma, a professora estagiária e o seu par pedagógico estudaram mais aprofundadamente o aluno em causa, percebendo como abordá-lo e motivá-lo, como o poderiam ajudar (Cf. Anexo E).

Com o objetivo de conhecer os interesses e as características dos alunos da turma do 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB), aproveitando uma aula de matemática com os conteúdos de Organização e Tratamento de Dados, foi entregue aos alunos um pequeno questionário. Este instrumento serviu para conhecer melhor os alunos, pois, como refere Quivy e Campenhoudt (2008:189), o objetivo é “o conhecimento de uma população [...]: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões” (Cf. Anexo F).

No que diz respeito ao 1º CEB um dos instrumentos de recolha de informação utilizados foi a entrevista “[...] visando economizar perdas inúteis de energia e de tempo na leitura na construção de hipóteses e na observação [...]” (Quivy e Campenhoudt, 2008:69), sendo uma metodologia intensiva. O facto de se ter optado pela entrevista, como instrumento de recolha de informação, deve-se ao facto de esta se caracterizar como semidiretiva, ou seja não é inteiramente aberta nem fechada. Para a realização da entrevista teve-se de elaborar um guião, de modo a que fosse possível elaborar uma entrevista com qualidade e coerência, de modo a focar os aspetos essenciais. Esta centrou-se nas aprendizagens da turma em relação ao 1º ano de escolaridade, com o objetivo de perceber como aprenderam, as suas dificuldades passadas que se refletiram nas dificuldades atuais.

Os métodos de observação direta “[...] constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a medição de um documento ou de um testemunho [...]” (Quivy e Campenhoudt, 2008:196), desta forma foi um dos métodos comum em ambos os ciclos do ensino básico.

Ao longo das aulas lecionadas foram preenchidas grelhas de avaliação dos alunos, para que desta forma a professora estagiária conseguisse perceber os alunos

mais interessados e aqueles que deveria solicitar mais e menos vezes. Com este instrumento, percebeu ainda a autonomia dos alunos e o seu comportamento. Estas grelhas foram preenchidas no final de cada aula lecionada, com a cooperação do par pedagógico, assim como, em alguns casos, dos professores cooperantes (Cf. Anexo G).

Os trabalhos realizados pelos alunos em cada aula foram um instrumento valioso para a professora estagiária conseguir entender se os conteúdos estavam a ser bem lecionados e bem interpretados e adquiridos (Cf. Anexo H).

Após cada aula lecionada foram realizadas reuniões com a professora supervisora, professor cooperante e o par pedagógico, para que assim, a estagiária refletisse e percebesse as suas fragilidades. Posteriormente, foram realizadas reflexões semanais em Orientação Tutorial (Cf. Anexo I). Com estas estratégias, semana a semana a professora estagiária teve oportunidade de exprimir os seus sentimentos e vivências, assim como aconselhar-se com os docentes mais experientes, conseguindo melhorar a sua prática.

No final do estágio do 2º CEB houve, ainda, oportunidade de pedir aos alunos uma avaliação das aulas da professora estagiária. Assim, percebeu-se a opinião dos alunos, que tão importante é e que ajudará a melhorar no percurso da estagiária como profissional (Cf. Anexo J).

CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA

1. Caracterização do Contexto

Os estágios em 1º e 2º CEB foram realizados na mesma instituição. De modo a poder produzir-se uma análise pormenorizada da Instituição onde decorreu o estágio final, foi necessário recorrer a um conjunto de documentos indispensáveis. Dos documentos analisados fazem parte o Projeto Educativo (PE), o Regulamento Interno (RI) e o Plano Anual de Atividades (PAA).

“A autonomia da Escola concretiza-se na elaboração de um projecto educativo próprio constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida Escolar e de adequação às características e recursos da Escola e às solicitações e apoios da comunidade em que se insere.” (Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de Fevereiro)

A instituição que acolheu a professora estagiária tem uma identidade própria com valores e ideais bem definidos a transmitir aos seus alunos. Sendo estes, a solidariedade, cidadania responsável, com vista à construção de um mundo mais justo e fraterno, o reconhecimento da família, participação ativa dos pais no processo educativo, a descoberta do amor a Deus, o respeito pela diversidade de religiões, entre outros. O Projeto Educativo da instituição alerta para os valores do respeito, a solidariedade, a justiça, a paz, a responsabilidade e o rigor como marcas essenciais para o colégio. O Projeto Educativo é o bilhete de identidade da instituição e refere “ninguém educa ninguém mas todos nos autoeducamos em confronto” (Projeto Educativo, 2012:6), sendo esta uma ideologia da instituição.

A instituição em questão pertence à freguesia do Bonfim, concelho e distrito do Porto. Destaca-se a proximidade do colégio com a Igreja Paroquial do Bonfim e vários transportes públicos em seu redor, nomeadamente o metropolitano do Porto e autocarros, sendo esta, uma zona de bastante tráfego, a proximidade com vias de transporte públicos é uma mais-valia para a instituição.

Atualmente esta instituição é uma “Instituição Privada de Solidariedade Social, que desenvolve a sua ação no campo de apoio a crianças, jovens, idosos e doentes” (Projeto Educativo, 2012:12). É um estabelecimento de natureza privada e com paralelismo pedagógico, que desenvolve as suas atividades culturais, científicas, tecnológicas e pedagógicas de forma autónoma. Por este motivo, os seus alunos são de uma grande diversidade, encontrando-se tanto alunos de famílias de classe alta e alunos de classe média. Assim, os professores desta instituição enfrentam distintas

realidades. Tendo a grande preocupação da pedagogia diferenciada, conseguir um ensino para todos, tendo em atenção a inclusão dos alunos “garantir maior equidade social exige que se diferencie o currículo para aproximar todos os resultados de aprendizagem pretendidos, já que o contrário – manter a igualdade de tratamentos uniformes para públicos diversos – mais não tem feito que acentuar perigosa e injustamente as mais graves assimetrias sociais” (Sousa, 2007:17).

Respetivamente aos órgãos, a instituição é constituída por um conselho consultivo, diretor pedagógico, conselho pedagógico, coordenador do 1º ciclo, diretores de turma, representantes dos professores, conselho de turma, delegados dos alunos e conselho de alunos.

Os docentes da instituição têm licenciatura com profissionalização, tendo somente dois docentes do 2º ciclo a licenciatura apenas, sem profissionalização. O corpo docente é constituído por 24 docentes, sendo quinze do 3º ciclo, quatro do 2º ciclo e cinco do 1º ciclo, dos quais apenas um do 1º ciclo e cinco do 3º ciclo são contratados, os restantes estão no quadro.

Focando o 1º ciclo do ensino básico, os alunos têm como atividades de enriquecimento curricular o Inglês, a Educação Física, a Horta Pedagógica, o Plano Nacional de Leitura – Hora do Conto, o Banco de Livros – Área de Projeto, as Olimpíadas de Matemática e o Concurso Canguru Matemático.

Como finalidade educativa no 1º Ciclo, a instituição pretende “promover uma formação com base no desenvolvimento de competências básicas de leitura, escrita, cálculo, estudo do meio e expressão artística para que os alunos aprendam a saber estar, a conhecer, a saber fazer e a pensar” (Projeto Educativo, 2012:23).

Já no que diz respeito ao 2º CEB, os alunos, para além das áreas curriculares obrigatórias, usufruem de apoio ao estudo das áreas com maiores dificuldades, tentando combater, desta forma, o insucesso escolar. Têm várias olimpíadas, como é o caso da Física, da Química e do Ambiente, oficina de teatro e clube de artes.

O Projeto Educativo demonstra um interesse por várias dimensões, nomeadamente organizacional, psicossocial, ecológica, curricular e na formação, apresentando um plano anual de ação para a melhoria das mesmas.

No que diz respeito à avaliação, os docentes valorizam a avaliação quantitativa e qualitativa, apontando como instrumentos de consulta para a avaliação, as pautas de testes intermédios, as pautas de avaliação por período, as pautas finais de ano letivo, as atas das reuniões intercalares, das reuniões de avaliação trimestrais e outras, os

registos de assiduidade (média por aluno), os projetos curriculares de turma e o relatório final, o plano anual de atividades e as participações de carácter disciplinar.

A instituição orgulha-se da elevada percentagem de transições ao longo dos anos e dos poucos processos disciplinares dos alunos, sendo que estes, nesta instituição, são mais recorrentes no 3º ciclo, segundo os resultados obtidos de análise de dados.

O Regulamento Interno (RI) que

“surge da necessidade de cada um assumir, no dia-a-dia da Escola, os seus direitos e deveres, contribuindo, assim, para melhorar as relações na comunidade e prática de vida efetiva numa sociedade democrática. O Regulamento Interno deverá ser encarado de forma otimizada e não apenas como limitador da ação dos intervenientes no processo educativo” (Regulamento Interno, 2013:6)

Por outro lado, o Plano Anual de Atividades é outro documento que “é um dos suportes do Projeto Educativo de Escola (PEE), permite de uma forma mais assertiva, o desenvolvimento das atividades, a sua divulgação e avaliação” (Plano Anual de Atividades, 2013:1). No Plano Anual de Atividades, pode-se verificar a preocupação da instituição com a celebração de alguns dias, como por exemplo, o dia mundial da música, com comemorações, visitas de estudo, palestras, entre outros eventos ao longo do ano letivo.

Centrando-se no 1º Ciclo do Ensino Básico, as quatro turmas têm as suas aulas no mesmo piso, tendo um recreio só para os alunos do 1º ciclo, um externo e um coberto. Os alunos do 1º Ciclo na hora do intervalo só têm contacto com os alunos do 1º Ciclo, não se misturando com os mais crescidos nem com os mais novos.

O 1º Ciclo está situado no 3º piso do edifício. Cada sala tem um quadro de giz e um quadro branco, mesas, cadeiras e armários. Em relação às paredes têm pouco espaço para ser decorado, tendo apenas um painel em cada sala e não sendo permitido expor nada nas mesmas. Porém, as portas das salas são decoradas com trabalhos dos alunos e na porta de cada sala está representada a mascote de cada turma. Cada docente, para utilizar o quadro interativo, tem de se dirigir com a sua turma para uma sala específica, no entanto, as docentes do 1º ciclo partilham um retroprojetor. À porta das salas cada turma tem os seus cabides para pendurarem os casacos e as mochilas. Há uma funcionária sempre no corredor e este também dá acesso às casas de banho.

Já em relação ao 2º Ciclo do Ensino Básico, este encontra-se noutra edifício da instituição, juntamente com o 3º Ciclo do Ensino Básico. Neste momento, são

presentes no externato, uma turma de 5º ano e outra de 6º ano. Cada turma tem a sua própria sala, com cadeiras e mesas individuais, tendo espaço nas paredes para expor trabalhos, prateleiras para guardar livros e um quadro branco. Como as salas não dispõem de retroprojektor, sempre que é necessário o uso do computador, o professor direciona a turma para uma sala multimídia que dispõe de um computador e projetor. Neste bloco da instituição, os alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico usufruem ainda de laboratórios equipados para aulas práticas de Ciências Naturais. Têm oportunidade de frequentar um bar de convívio, sala de convívio, biblioteca, sala de Música e sala de Educação Visual.

A instituição demonstra uma preocupação na articulação entre o 1º e o 2º ciclo do ensino básico, nomeadamente no Projeto Educativo, onde é mencionado que são realizadas reuniões entre os professores do 4º ano e os professores do 5º ano, sendo decididas em conjunto estratégias adequadas para os alunos em questão.

1.2. Caracterização das turmas

No que diz respeito à turma do 1º CEB, esta era composta por 23 alunos, sendo doze do sexo feminino e onze do sexo masculino, não existindo nenhum aluno com necessidades educativas especiais pelo que nenhum aluno estava ao abrigo do decreto-lei 3/2008. Porém a turma apresentava graus de desenvolvimento e aprendizagem bastante diversificados.

Esta turma era muito participativa e empenhada, no entanto tinha cerca de 5 alunos “sinalizados” como distraídos e um como perturbador. Para além destes casos, a turma apresentava três alunos que requeriam um apoio mais individual, devido às dificuldades sentidas.

Pelo que se pode apurar, a turma manteve-se desde o 1º ano, sendo todos aprovados com sucesso e a grande maioria dos alunos frequentaram juntos o ensino pré-escolar na atual instituição.

Era um grupo bastante motivado e curioso, com grande expectativa em relação às estratégias que contemplavam o “fator surpresa” e retinha a informação transmitida— onde Piaget descreve o desenvolvimento cognitivo desta faixa etária “como ocorrendo numa série de estádios qualitativamente diferentes. Em cada estágio, a criança desenvolve uma nova forma de operar – de pensar e responder ao ambiente” (Papália, *et al.*, 2001:277).

Em relação ao desenvolvimento sócio afetivo os alunos relacionavam-se bem entre eles e com os adultos, demonstrando um espírito cooperativo e uma necessidade em dialogar entre turma e para a turma.

A família pretende que “ (...) a instituição escolar “eduque” o filho (...) que o prepare para o ingresso na universidade para obter êxito profissional e financeiro.” (Baltazar, José, Moretti, Lúcia, Balthazar, Maria, 2006:45). No que diz respeito ao agregado familiar, estas crianças eram, na sua maioria, filhos únicos, ou tinham apenas um irmão e os pais usufruíam de uma escolaridade elevada, sendo sobretudo licenciados. Vinte dos alunos viviam com os pais, sendo estes casados, enquanto três elementos da turma tinha os pais divorciados. Os pais eram interessados, participando em iniciativas propostas pela instituição e envolvendo-se nos trabalhos da escola e de casa dos filhos. Relativamente, à situação profissional dos pais, estavam todos empregados, possibilitando um ambiente familiar de mais qualidade.

A grande parte da turma, vivia no distrito do Porto, essencialmente nos concelhos do Porto, Vila Nova de Gaia, Maia e Gondomar, deslocando-se de carro com os pais ou avós até à instituição. Apenas um aluno vivia em Ovar, tendo constantes atrasos já justificados anteriormente por tal motivo.

Em relação às áreas curriculares, a turma demonstrou um elevado interesse e empenho nomeadamente nas expressões, sensivelmente na expressão plástica, nas quais os alunos não demonstravam qualquer tipo de dificuldades. Na matemática a turma era constituída por alunos de nível “Muito Bom”, reconhecendo facilmente os números até 1000, também já multiplicavam, embora com algumas dificuldades. No estudo do meio, os alunos tiveram rendimentos positivos, reconhecendo a sua naturalidade e localizando-a no mapa por exemplo, tal como identificavam os órgãos e os sentidos correspondentes e os serviços e instituições sociais importantes. No que diz respeito ao Português, alguns alunos ainda tinham dificuldades na leitura, realizando uma leitura silábica e a expressão escrita era a grande dificuldade da turma, de salientar erros ortográficos e construção frásica mal elaborada.

O alvo de observação e de intervenção pedagógica, no 2ºCEB, era uma turma do 6ºano. Este grupo era constituído por vinte e quatro alunos, um dos quais integrou a turma a meio do 2º período. Relativamente a géneros, era constituída por onze meninas e treze meninos. A maioria da turma era formada por alunos de onze e doze anos de idade, no entanto, três dos alunos tinham 13 anos, sendo estes repetentes (dois repetentes de 6º ano e uma repetente no 5º ano).

Os alunos desta turma tinham problemas familiares graves, pais divorciados sendo exceção aqueles que tinham família estruturada, a maior percentagem dos alunos da turma era filho único ou tinha apenas um irmão. Em relação às habilitações académicas dos pais, existia uma grande diversidade na turma, o que se refletiu na aprendizagem dos alunos, essencialmente nos seus diálogos e nível de cultura, percebendo-se facilmente aqueles que têm pais instruídos e presentes, daqueles que não têm certas oportunidades na vida.

Dois alunos estavam ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008, um com uma Síndrome de oposição, e outro com perturbação de hiperatividade com défice de atenção (PHDA), estavam medicados e referenciados para os apoios de educação especial, por isso tinham um PEI, tendo fichas de avaliação diferenciadas e um acompanhamento individual e personalizado por parte dos professores. Havia ainda na turma, dois casos com dislexia, alunos com dificuldades auditivas e visuais, com diabetes, epilepsia e esclerose tuberosa. No entanto, para além destes casos específicos e mais relevantes, cinco outros alunos também eram medicados para o Déficit de Atenção e dois alunos estavam a ser acompanhados por pedopsiquiatra.

Os problemas de saúde e familiares refletiram-se no comportamento da turma ao longo da intervenção e observação da professora estagiária, estes alunos demonstraram carência afetiva, falta de concentração e era, frequentemente, presente um comportamento desadequado dentro da sala de aula. Um reflexo, da situação familiar, tendo vidas complicadas. Segundo o que se pôde apurar, na sua maioria os alunos pertenciam ao distrito do Porto, deslocando-se de carro e a pé até à instituição.

Estes alunos possuíam pouco espírito crítico, revelando fraca capacidade para emitir juízos de valor ou opiniões baseadas na reflexão crítica. Demonstravam falta de autoconfiança e/ou otimismo. A turma, no seu geral, era muito desmotivada para a aprendizagem, realizando muito raramente os trabalhos de casa, assim como foi observado frequentemente as faltas de materiais. Revelavam, ainda, falta de hábitos e métodos de estudo.

No entanto, eram alunos comunicativos, o que proporcionava diálogos interessantes. As intervenções destes foram diversificadas, porém quase sempre efetuadas pelos mesmos alunos, durante as aulas dos professores titulares e das professoras estagiárias, demonstrando a tal desmotivação e falta de interesse já referida anteriormente.

Entre eles próprios, eram um grupo muito unido, disfrutando dos intervalos sempre juntos e mostrando um sentido de cooperativismo. Porém, em sala de aula

demonstravam não saber trabalhar em grupo, não cumprindo as regras necessárias para um bom funcionamento das atividades.

Em relação aos rendimentos escolares, era uma turma com notas baixas, incluindo várias negativas no 1º período. Na disciplina de História e Geografia de Portugal, grande parte dos alunos demonstravam desinteresse, não retendo conteúdos devido ao comportamento presente na sala de aula. Na disciplina de Matemática, notava-se interesse por parte dos alunos, eram participativos e empenhados, demonstravam facilidade na elaboração dos exercícios, dificuldades nas operações de divisão e na interpretação de problemas. Na disciplina de Português, os alunos demonstravam dificuldades na conjugação dos verbos e na expressão escrita, porém, devido ao empenho da professora cooperante e diretora de turma destes alunos, a turma estava bem preparada para a conclusão deste ano letivo. Em relação à disciplina de Ciências Naturais, a turma era muito curiosa, questionando frequentemente o professor e as estagiárias sobre questões do quotidiano e dos conteúdos abordados.

2. Intervenção nos contextos

2.1. Observar/ Preparar

A observação é caracterizada como uma “[...] componente inseparável de todo o conhecimento (...)”, (Parente, 2002:166). A observação revela-se ainda, como sendo parte integrante e imprescindível em toda a prática de um profissional de educação, uma vez que “observar deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana “(Estrela, 1990:80).

Segundo Parente (2002:169), a observação permite-nos “[...] obter informações sobre os interesses e necessidades das crianças [...] obter dados exactos, precisos e significativos, capazes de informar o professor ou educador sobre as necessárias modificações a implementar”. Para Parente (2002, p. 179), “a observação é um processo básico da ciência que pode assumir diferentes formatos, variando entre a observação mais estruturada e controlada que suporta o método experimental e a observação não estruturada e naturalista que suporta os estudos etnográficos”. Além disso, “os diferentes formatos proporcionam diferentes lentes de leitura dos fenómenos observados”.

Respondendo à seguinte pergunta de partida: “observar para quê?” (Estrela,1994:29), Nabuco (2008:83) refere que “[...] a observação deve focar, tudo o que as crianças fazem: as suas explorações, as suas descobertas, as suas interrogações, os seus sonhos, as suas dificuldades, quer com adultos, quer com crianças, quer com os objetos [...]”.

As primeiras semanas de estágio foram dedicadas à observação, o que foi importante para perceber e conhecer melhor a turma, tanto em grupo como individualmente. Os momentos de observação foram sendo bastante privilegiados, pois “observar deverá ser a primeira etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana” (Estrela, 1990:80), permitindo assim recolher informação acerca das turmas, da professora titular no caso do 1º CEB e dos restantes professores cooperantes no caso do 2ºCEB, da organização das salas, das metodologias utilizadas em sala de aula, etc. Além disso, a observação permite conhecer as características dos alunos, as suas capacidades, dificuldades, interesses, hábitos, formas e níveis de interação que ao longo da prática, e no próprio quotidiano, nos poderão ajudar a planear e a planificar a nossa intervenção pedagógica propriamente dita, e ajudando ainda a avaliar cada aluno.

Através da observação a professora estagiária conseguiu perceber as dificuldades dos alunos, a disposição da sala, o material que teria disponível para as suas intervenções, assim como o que motivava mais. Quando se está apenas a observar, sem intervir, capta-se muitos comportamentos, atitudes, pormenores, que quando se intervém é impossível estar atento a tudo e todos.

Um observador é:

“um navegador que constantemente procura a sua situação em relação à rota que deve seguir. Navega em cada momento, reconhecendo os pontos de referência ou marcos e situando uns em relação aos outros, tendo em conta as mudanças de perspetivas que sucedem à medida que se desloca. Entretanto, é para si próprio imprescindível situar-se em relação ao conjunto daquilo que vê”

(Postik e De Ketele citado por Formosinho, 2002:173).

A observação também é fundamental para poder aplicar uma pedagogia diferenciada, pois só conhecendo as dificuldades e as respetivas causas é que se poderá pensar em estratégias para as combater. Assim, rapidamente existiram alunos que despertaram à atenção da professora estagiária e do seu par pedagógico, tanto em 1º como em 2º CEB. A grande diversidade das respetivas turmas, tanto a nível familiar, comportamental, aprendizagem e desenvolvimento.

No caso do 2º CEB, fazendo parte da turma dois alunos com Necessidades Educativas Especiais e, um deles ter integrado a turma a meio do 2º período, apareceu a necessidade de um estudo mais aprofundado deste aluno, sendo realizado um estudo de caso. Este tipo de estudo permitiu à professora estagiária juntamente com o seu par pedagógico caracterizar mais detalhadamente o aluno, entendendo como o poderia ajudar.

Foram, igualmente, importantes as conversas informais com a professora cooperante, tanto para conhecer cada aluno como perceber as melhores estratégias para lecionar certos conteúdos.

A observação é fundamental para o profissional da educação para posteriormente planificar, intervir e avaliar.

“A escuta, tal como a observação, devem ser um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, suas motivações, suas relações, seus saberes, suas intenções, seus desejos, seus modos de vida, realizado no contexto da comunidade educacional, que procura uma ética de reciprocidade. Assim, a escuta e a observação devem ser um porto seguro para contextualizar a acção educativa.”

(Oliveira-Formosinho [et al], 2007:28)

2.2. Planear/ Planificar

Planificar é essencial para o professor, podendo realizar-se planificações de diferentes tipos: anual, semanal e por aula.

Planear é um “processo contínuo que se preocupa com o «para onde ir» e «quais as maneiras adequadas para chegar lá» tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto às necessidades do desenvolvimento da sociedade como às do indivíduo” (Coarcy, 1972:74).

Para organizar as atividades, o professor orienta-se pelos conteúdos, o currículo, os programas e as metas curriculares que terão de ser cumpridos/atingidos ao longo do ano letivo, tomando sempre em conta os diferentes ritmos, dificuldades e necessidades de todos os seus alunos. Sendo que teve em atenção a inclusão dos alunos com NEE, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de “[...] assegurar que todos os alunos possam

ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola” (Mittler, 2000:25).

Para além dos aspetos referidos anteriormente, ao planificar a professora estagiária teve em consideração os valores e indicações da escola privada ou pública, do diretor de escola, de agrupamento e o Ministério da Educação e Ciência.

Com a planificação de uma atividade, o docente destas valências deve proporcionar ao aluno: espaços, onde a voz ativa seja a dele, permitindo uma construção de aprendizagem significativa; uma visão global do seu dia, de situações concretas, de atividades a realizar; e por fim, a noção de interdisciplinaridade que permite a integração dos saberes.

Segundo Mario Bris (2002:18), para planificar é necessário ter em conta os seguintes aspetos:

- “ – descentralización en educación.
- Currículum, desde la opción que incide en los procesos.
- Clima de trabajo.
- Inovación y cambio.”

Desta forma, o professor planificador “[...] que leva à prática, concretiza, uma ideia ou propósito que, [...] terá de ser educativo [...]” (Vilar,1995:22), tem de ter vários aspetos ao planificar.

O docente do Ensino Básico, no início de cada ano letivo, deve elaborar sempre um plano – Planificação Anual de Atividades, programando todo o trabalho que irá executar, e com o objetivo de facilitar as atividades e de ter tempo para as preparar.

A planificação das aulas pode ser a curto prazo (são elaborados planos de pequena amplitude, correspondente às ações que decorrem no dia-a-dia), a médio prazo (são elaborados planos de amplitude média correspondente à extensão de cada um dos blocos de aprendizagem) e longo prazo (ação interdisciplinar dos vários professores da turma).

A elaboração de uma Planificação Anual exige que exista uma gestão verdadeiramente eficaz do currículo, com base nos princípios orientados pelo Ministério da Educação, ou seja, deverá ter em conta:

- A racionalização da carga horária letiva semanal dos alunos;
- A existência de áreas curriculares e não curriculares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação de saberes;

- A reflexão sobre os diferentes conteúdos e a diversidade de metodologias e estratégias de ensino (recurso a tecnologias),
- A coerência e sequência que deve existir nos vários saberes, e por fim,
- A diversidade de ofertas educativas de acordo com as necessidades dos alunos, para que todos adquiram e desenvolvam as competências essenciais.

Segundo Fernanda Carrilho (2004:28) a planificação melhora o rendimento, a organização, a concentração, a autonomia, a motivação, evita a ansiedade, o cansaço, a pressão, o esforço desnecessário, os problemas de tempo, os contratempos de última hora e permite superar dificuldades, controlar o tempo e ter uma visão global, desta forma torna-se uma mais-valia para o docente.

Mario Bris (2002:19) aponta a planificação como “[...] instrumento de innovación y cambio [...]” desta forma, a planificação tem de “Justificarse, soporte teórico y técnico, estructura organizativa en la que se insertan los procesos, establecimiento de múltiples conexiones, viabilidad de ejecución, asentamiento y consolidación de la innovación”.

Na Prática de Ensino Supervisionada I, cada professora estagiária planificou de uma semana para a seguinte, para três dias inteiros lecionando todas as áreas curriculares. As planificações foram elaboradas pela professora estagiária, com a supervisão da professora titular e da supervisora.

Na Prática de Ensino Supervisionada II, foram elaboradas planificações diariamente, com a supervisão dos professores cooperantes e da supervisora, tendo sempre em conta a planificação anual, já previamente elaborada pelos professores cooperantes, nas quatro áreas disciplinares.

A estagiária planificou em grelha, tendo em conta as competências e objetivos “[...] é aquilo que, pretendemos que o aluno aprenda, numa dada situação de ensino e aprendizagem” (Roldão, 2003:21), assim como os currículos e matrizes curriculares, do 1 e 2º ciclos do ensino básico, os programas e as metas curriculares para os anos escolares em questão. As metas curriculares:

“estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituinte um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual.”

Ministério da Educação e Ciência, 2013:1

A professora estagiária optou por planificar em grelha, tendo desta forma a informação mais organizada e esquematizada, porém não abdicando de uma

operacionalização, na qual está presente uma descrição mais detalhada e pormenorizada da aula, tal como os anexos, sendo que a professora estagiária fazia questão de colocar todos os materiais que iria usar, assim como, por vezes o próprio diálogo que planeou.

Foi igualmente importante, planificar tendo em conta as necessidades, interesses e desenvolvimento cognitivo dos alunos. Sendo que, ambas as turmas tinham uma grande diversidade de alunos, durante as aulas a professora estagiária planificou de modo a que todos os alunos cumprissem os objetivos pretendidos.

Para poder efetuar uma pedagogia diferenciada, o professor do 1º e 2º CEB, deve, antes de mais conhecer bem todo o grupo com o qual realizada o processo de ensino-aprendizagem. De modo a poder realizar uma planificação apropriada, o professor deve, previamente, observar e avaliar, de modo a obter um melhor conhecimento dos alunos, e conseqüentemente, planificar de acordo com as suas necessidades. Importa, igualmente conhecer o contexto no qual os alunos se encontram inseridos, bem como o seu ambiente familiar, que pode estar subentendido às necessidades do aluno.

A professora estagiária, quando planificou teve em atenção os aspetos referidos, sabendo que, tanto em 1º como em 2º CEB, teve turmas com uma grande diversidade, as fichas de trabalho diárias tiveram de ser elaboradas com atenção, de modo a que todos os alunos conseguissem atingir os objetivos pretendidos.

2.3. Agir/ Intervir

“Um bom professor é também aquele que procura, a cada passo, inovar as suas práticas para melhor chegar a todos os alunos” (Cardoso, 2013:100).

Após a observação e a planificação é hora de agir. Em relação a este ponto, a professora estagiária, após as semanas de observação, interveio, tendo sempre em consideração as características da turma e os seus interesses.

As semanas de observação não foram suficientes para conhecer verdadeiramente a turma, sendo que foi a intervenção que auxiliou este conhecimento. Com a prática, a professora estagiária foi conhecendo cada aluno individualmente, percebendo as fragilidades e os pontos fortes de cada um.

Uma das maiores dificuldades sentidas pela professora estagiária, tanto em 1º como em 2º CEB, foi a gestão da turma, sendo que a indisciplina é “um dos desafios mais importantes que os professores principiantes enfrentam” (Arends, 2008:173). Em 1º CEB, porque foi no 1º período do 2º ano de escolaridade e os alunos não tinham ainda cientes as regras de estar na sala de aula. Desta forma, foi difícil para a professora estagiária a gestão da sala de aula, recorrendo à rotina da professora titular do quadro de comportamento por cores. Já em 2º CEB, visto ser uma turma muito complicada em sala de aula, inclusive com os professores titulares, sendo que alguns alunos apresentavam certos desajustes a nível familiar, o que se vieram a refletir no seu comportamento.

Foram várias as estratégias utilizadas pela professora estagiária para cativar e motivar estes alunos, com o objetivo de que os mesmos atingissem o sucesso tanto a nível escolar como a nível pessoal, que crescessem como pessoas. A professora estagiária aproveitou, ainda, o facto de estar em estágio para experimentar situações diferenciadas, percebendo se na prática resultariam ou não. Algumas experiências correram muito bem, como é exemplo a questão do “Oceano das Tabuadas”. No 1º CEB coube à professora estagiária dar início ao estudo da tabuada, para os cativar foi elaborado em papel de cenário um oceano, “O Oceano das Tabuadas”. Aproveitando ainda o facto de estarem a estudar em Português a obra de Franclim Neto “Tesouro Perdido... Tesouro recuperado”, o oceano foi preenchido com o barco à vela do pirata e a tabuada preenchida com os papagaios do pirata. Foi contada a seguinte história introdutória para os cativar, recorrendo às personagens do livro:

“Timóteo foi viajar no seu barco e apanhou vários papagaios para fazer companhia ao seu. No entanto, para conseguir transportar tantos papagaios, tem de os dividir pelos postes do barco, senão eles partiriam e o barco ficaria desequilibrado, acabando por afundar! Porém, muitos papagaios juntos dá confusão! Então o Timóteo pediu-nos para os separar dois a dois. Vamos ajudá-lo nesta missão?”

Com esta introdução, a professora estagiária conseguiu cativar a atenção dos alunos, que ficaram motivadíssimos para participar na tarefa. A motivação detém um papel fulcral neste envolvimento acima referido. Boruchovitch, Bzuneck e Guimarães (2010:14) partilham a ideia de que “[u]ma tarefa ou um conteúdo vistos como irrelevantes não têm o poder de despertar motivação, antes, provocam tédio ou indiferença”. Ao longo da tarefa, os alunos foram percebendo que estariam a aprender a tabuada do 2. E, no final após a distribuição dos papagaios, a professora estagiária lançou o desafio “agora o Timóteo precisa saber quantos papagaios tem em cada.

Vamos contar?”. Foi feita a organização recorrendo à multiplicação, pois os alunos perceberam que se fosse utilizado a soma, seria bem mais complicado de chegarmos ao objetivo (Cf. Anexo K).

Com esta atividade, a professora estagiária conseguiu ainda, interdisciplinaridade ao longo do dia todo, “qualquer combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum” (Pombo, 1994:13), (Cf. Anexo L).

Usufruindo da obra “Tesouro perdido... tesouro recuperado” para iniciar o estudo da tabuada; abordando as profissões, já que pirata seria uma profissão e introduzindo com questões do género “Para ter este fato Timóteo precisou de quem?”. Assim, os alunos iam respondendo e abordando várias profissões. A estagiária lecionou também os antónimos, recorrendo a um cartaz com o desenho do pirata Timóteo, questionando a turma sobre as suas características físicas e psicológica e como seria Timóteo se fosse completamente o oposto do que eles observavam.

A interdisciplinaridade requer, assim, de um trabalho contínuo e de cooperação entre os docentes. Desta forma, a professora estagiária sentiu mais facilidade no 1º CEB, tendo um horário mais flexível, o que foi facilitando a abordagem da mesma. No entanto, em 2º CEB também é possível, principalmente sendo professora generalista. Foi o caso do tema do debate realizado em Português, realizando interdisciplinaridade com Ciências Naturais.

Então, já em 2º CEB um dos grandes desafios foi a realização de um debate. Foi uma ideia proposta pela professora cooperante de Português que a professora estagiária e o seu par pedagógico acataram de imediato, pois perceberam que seria muito desafiante.

Sendo que a escola é uma ferramenta; com ela, transformaremos a sociedade” (Sérgio Niza, 2010:59) e a educação é um direito de todos e deve promover o desenvolvimento do espírito crítico e democrático, sendo que a partilha de ideias e de sentimentos, contribuirá para a formação de cidadãos capazes de se integrar em qualquer meio social e, ao mesmo tempo, estabelecerem um foco na sua formação e evolução enquanto cidadãos. Esta foi, uma atividade importante para o desenvolvimento crítico destes futuros cidadãos.

Os alunos nunca tinham realizado um debate, sendo a oralidade um aspeto importante no que diz respeito ao Português e não só, seria importante incentivar os alunos à expressão oral, sendo que vários elementos da turma mostravam

desinteresse e dificuldade. Esta atividade teve de ser bem planejada pela professora estagiária e pelo seu par pedagógico (Cf. Anexo M), assim foram formados os grupos previamente para evitar conflitos, estabelecidas e apresentadas regras com o objetivo de anular comportamentos desadequados e foi lançado o tema e a explicação da atividade na aula anterior, solicitando aos alunos que pesquisassem em casa, evitando que não fosse conseguido diálogo. Mesmo assim, as professoras estagiárias levaram notícias e imagens alusivas ao tema, para que, os alunos pudessem comentar. A atividade correu muito bem, os alunos participaram e envolveram-se, sendo que a professora cooperante felicitou as estagiárias e o debate voltou a ser realizado, mas desta vez, escolhendo os alunos o tema. Conseguiu-se motivar os alunos e apurar os seus espíritos críticos de uma forma dinâmica.

Outra atividade que merece relevo foi a realização de trabalhos de grupo. Segundo Fernanda Carrilho (2004:178), o trabalho de grupo permite ao próprio aluno avaliar os seus conhecimentos de forma formativa, fomentar o confronto de ideias e troca de experiência, permite exercitar o respeito pelas ideias dos outros, facilita uma maior comunicação, desenvolve o espírito crítico, promove a responsabilidade do aluno e a ajuda mútua, desenvolve a imaginação e a iniciativa. Assim sendo, a professora estagiária no 1º CEB no Dia Mundial da Alimentação dispôs a turma em grupos para a realização de uma espetada de frutas, que seria a sobremesa dos alunos após o almoço (Cf. Anexo N). Para a realização da mesma, foram dispostas as mesas da sala previamente, de modo a que os alunos entrassem na sala e pudessem logo se sentar nos seus lugares. Sendo uma espetada de frutas elaborada por alunos do 2º ano de escolaridade foi necessário ter em atenção várias questões como: a fruta estar previamente lavada; a escolha da fruta, existindo necessidade de fruta fácil de cortar, sendo que foram utilizados materiais de plástico com o objetivo de evitar lesões com a brincadeira.

Tanto em 1º como em 2º CEB as Tecnologias estiveram presentes, nomeadamente em 1º CEB quando a professora estagiária lecionou os programas informáticos e levou os alunos à sala de informática para terem a oportunidade de experimentarem o Paint. (Cf. Anexo O) e no 2ºCEB quando em Ciências Naturais a professora estagiária construiu uma história em PowerPoint e apresentou aos alunos juntamente com um vídeo para lecionar a reprodução humana (Cf. Anexo P) e em Matemática na Organização e Tratamento de Dados, em que a professora estagiária utilizou a sala de multimédia e construiu as grelhas no computador projetadas para os alunos copiarem (Cf. Anexo Q). A utilização do computador pressupõe o

desenvolvimento de capacidades cognitivas e metacognitivas, pelo que “o estudo, a experimentação e a exploração da informação, em qualquer área do currículo escolar, melhora imediatamente a motivação, o rendimento e as capacidades cognitivas dos alunos” (Sancho e Hernández, 2006:21).

Em 1º CEB foi incentivado o espírito de pesquisa com o projeto dos provérbios populares. Desta forma, conseguiu-se envolver os pais nos trabalhos dos alunos e, assim os alunos pesquisaram e tomaram conhecimento dos provérbios. Foi entregue a cada aluno, uma folha com o mês atribuído e este, juntamente com os familiares, registou os provérbios e entregou à professora cooperante ou às professoras estagiárias. Posteriormente, a professora estagiária e o seu par pedagógico, todos os meses, afixaram uma cartolina com o mês, os provérbios recolhidos e os nomes dos alunos que pesquisaram, expondo, desta forma os seus trabalhos. Todos os primeiros dias dos meses, os alunos se dirigiam à parede do corredor, perto da porta da sala de aula, para verificar os novos provérbios e quem os tinha pesquisado.

Em ambos os estágios a professora estagiária tentou partir do conhecimento e dos interesses dos alunos, sendo que

“Uma primeira estratégia motivacional consiste em capitalizar interesses pessoais e valores dos próprios alunos. De modo geral, todo o aluno passará a ver significado e importância nas aprendizagens escolares se elas aparecerem de alguma forma relacionadas com a sua vida, o seu mundo, suas preocupações e interesses pessoais” (Boruchovitch et al, 2010:15).

É exemplo, uma aula de Ciências Naturais, que para lecionar as drogas e os seus malefícios, partiu-se de exemplos do mundo dos famosos que demonstraram as consequências do uso das drogas em pessoas que os alunos conhecem tão bem do mundo televisivo (Cf. Anexo R). Assim, conseguiu motivar os alunos, que tão desmotivados eram para a aprendizagem, no seu geral, para estarem atentos e participativos nesta aula. Com o simples facto de abordar o assunto partindo do mundo famoso, captou a atenção da turma que quis imediatamente opinar e comentar.

Quando a professora estagiária projetou o acetato com as imagens dos famosos e oralmente iniciou o tema recorrendo ao mundo da televisão, a agitação da sala de aula verificou-se, no entanto a motivação e o aumento da participação também, sendo estas uma mais-valia. Porém, foi necessário um controlo por parte da professora estagiária para conseguir proceder com a aula, pois estas atividades para além de motivadoras, causam agitação na sala de aula.

Uma das grandes preocupações da professora estagiária foi a diferenciação de alunos que a rodeavam. Tanto em 1º como em 2º CEB, as personalidades distintas, os

ritmos de trabalho e de aprendizagem diferenciadas, os interesses desiguais. Principalmente, na turma do 1º CEB, esta questão foi verdadeiramente preocupante. Enquanto alguns alunos terminavam as tarefas em cinco minutos, outras demoravam três quartos de hora, sendo a diferença bastante significativa. Foi pensado pela professora estagiária e o seu par pedagógico, a elaboração de desafios. Estes funcionaram como um bônus para quem terminava mais cedo, desenvolvendo competências matemáticas, linguísticas, entre outros. Desta forma, os alunos que demoravam mais tempo a terminar, tinham a possibilidade de finalizar sozinhos e os alunos mais rápidos aproveitavam o tempo de forma lúdica, não estando distraídos nem a perturbar os restantes colegas.

Ao longo da intervenção educativa, a professora estagiária teve a oportunidade de conviver com o pessoal docente e não docente da instituição, assim como com as famílias dos seus alunos e restantes alunos do colégio. Todos os dias a professora estagiária ia se cruzando com os pais nos corredores e na portaria, os alunos faziam questão de apresentá-la aos pais, o que era gratificante para a estagiária.

No 1º CEB, a mãe de uma aluna com a profissão de veterinária esteve na sala de aula, dialogando sobre a sua profissão. O entusiasmo dos alunos e, principalmente da aluna em questão, era notório. Os alunos demonstram mais interesse para a aprendizagem quando os pais estão envolvidos e algo de diferente é trazido para dentro da sala de aula. Assim, percebeu-se mais uma vez a importância e benefícios para a aprendizagem, com o envolvimento dos pais no contexto escolar.

Também em 1º CEB, a professora estagiária fardou-se de elemento da Cruz Vermelha e dialogou com os alunos sobre a sua outra profissão: a de socorrista! A admiração dos alunos foi imensa e indescritível! Inicialmente não acreditaram, imaginando que seria uma fantasia. Porém, ficaram interessadíssimos com o discurso da estagiária, questionando sobre o funcionamento da linha 112, assim como o que o socorrista pode fazer em diversas situações e deram muitos exemplos de acidentes que já observaram. Assim, a professora estagiária demonstrou aos alunos outra faceta sua, o que a aproximou dos alunos, para além de que conseguiu sensibilizá-los para diversas situações do dia-a-dia.

A professora estagiária, tanto em 1º como em 2º CEB esteve em contacto com as famílias, nomeadamente na feira dos saberes (Cf. Anexo S) como no dia mundial da criança, ambos comemorados em sábados na instituição, de modo a que os pais e familiares pudessem estar mais disponíveis para estar presentes. Conseguiu, ainda, se deslocar à instituição para ajudar na festa de Carnaval do 1º CEB, na qual teve a

possibilidade de ajudar a mascarar e maquilhar os alunos e de realizar jogos, é de salientar que por esta altura a professora estagiária já não se encontrava em estágio 1º CEB.

Em 2º CEB a professora estagiária teve oportunidade de participar numa visita de estudo, por já não ser possível acompanhar a turma de intervenção, o 6º ano, foi dada a possibilidade de acompanhar o 9º ano ao teatro Rivoli para presenciar o “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente. Uma visita de estudo “[...] é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, no qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais” (Almeida,1998:31). O transporte foi efetuado de metro, sendo que a instituição tem uma estação perto até ao Rivoli.

Esta foi uma experiência diferente, o estar com os alunos noutra contexto, com a responsabilidade de os acompanhar, gerir no transporte, deslocação e durante o teatro. Porém, sendo que a professora estagiária acompanhou uma turma do 9º ano, a maturidade durante a visita de estudo foi evidente, facilitando o trabalho da professora estagiária e das restantes professoras.

Todas as intervenções foram uma mais-valia para a professora estagiária, algumas tiveram mais sucesso do que outras. Porém, assim também conseguiu perceber com os erros o que deverá modificar no seu futuro como professora titular.

2.4. Avaliar

“A avaliação é um «processo técnico», mas também «um fenómeno moral», pois não se pode avaliar sem se ter em consideração os valores, o sentido de justiça e o respeito pelos avaliadores e os avaliados.”

Guerra, 2003:13

“Avaliação é uma palavra que está na ordem do dia em todos os setores na sociedade moderna. Também o está na educação” (Fiolhais, 2012:7), nomeadamente a avaliação do sistema educativo, dos professores, dos alunos e das escolas. Estes tipos de avaliação estão relacionados, por exemplo, não se pode abordar a avaliação das escolas, sem ter em conta a avaliação dos professores e dos alunos.

A avaliação é um “processo técnico”, mas também “um fenómeno moral” (Guerra, 2003:13), pois não se pode avaliar sem ter em conta os valores, o sentido de justiça e o respeito pelos avaliadores e os avaliados. Guerra quando aborda a

avaliação refere que “diz-me como avalias, dir-te-ei quem és como profissional e como pessoa” (Guerra, 2003:107), pois, de facto, a forma como a pessoa avalia, o que tem em consideração e os pontos que dá menos e/ou mais valor, refletem como a pessoa é, tanto como profissional como pessoa. Em suma, a forma como se avalia diz muito da pessoa e do profissional.

A avaliação tem como finalidade, a hierarquização e certificação dos alunos “[...] mas também é a avaliação que justifica a existência de normas de excelência. [...] A avaliação sempre esteve associada às escolhas e à seleção [...] ” (Ferreira, 2007:13).

Importa referir quais as modalidades de avaliação existentes: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Quando se fala em avaliação diagnóstica, esta pretende oferecer ao professor indicações sobre os conhecimentos/aptidões/interesses que os seus alunos possuem; pretende ainda determinar a posição dos alunos no início de um período ou ano letivo. Este tipo de avaliação pode ainda ser utilizado durante todo o processo de ensino-aprendizagem quando o aluno revelar incapacidade de aproveitar o ensino formal. Por sua vez, a avaliação formativa, de acordo com Bloom, “ [determina] o grau em que o aprendiz dominou uma determinada tarefa de aprendizagem e [detecta] a parcela da tarefa que não foi dominada” (Bloom *et al*, 1983: 67). No que diz respeito à avaliação sumativa, esta pretende classificar os alunos, relativamente aos resultados de aprendizagem conseguidos no final de um período de ensino relativamente longo (período/ano).

É necessário referir que, no que diz respeito à avaliação dos alunos, o professor “atua num contexto que condiciona a sua prática de avaliação” (Guerra, 2003:107), este tem de ter em conta os ideais da escola e o que lhe é solicitado, daí saber-se que “nenhum dos profissionais que trabalha numa instituição faria o mesmo tipo de avaliação no caso de ser responsável por uma atividade particular com um aprendiz que estivesse tutelando” (Guerra, 2003:107).

É preciso que a avaliação seja um processo contínuo e não isolado, sendo um processo que acompanha a aprendizagem continuamente. O que deve realmente ser importante é o processo, a evolução e não o produto final. Porém, existe uma grande pressão por parte da sociedade em relação aos resultados finais, o que influencia as avaliações.

No que diz respeito à avaliação das escolas, a avaliação externa é realizada pela Inspeção Geral da Educação e Ciência, o grande objetivo da avaliação externa é a melhoria. Mas será que há de facto melhoria? Já Guerra (2003) menciona que a

avaliação não é sinónimo de melhoria, porque muitas vezes os resultados não transmitem a realidade. As escolas sabem o que é esperado e, assim sendo, ao saberem da avaliação externa tentam realizar o que é esperado, ou seja não a fazem espontaneamente, mas sim porque sabem que é como a Inspeção Geral da Educação e Ciência pretende.

Tendo em conta os objetivos da Avaliação Externa das Escolas o quadro de referência do novo ciclo de avaliação estrutura-se em três domínios – Resultados, Prestação do serviço educativo e Liderança e gestão – abrangendo um total de nove campos de análise. Os campos de análise são explicitados por um conjunto de referentes, que constituem elementos de harmonização das matérias a analisar pelas equipas de avaliação.

Em relação à avaliação do desempenho docente, tem como finalidades “melhorar o desempenho dos professores; responsabilização e prestação pública de contas; melhorar práticas e procedimentos das escolas; compreender problemas de ensino e de aprendizagem, contribuindo para a identificação de soluções possíveis e compreender as experiências vividas por quem está envolvido numa dada prática social” (Fernandes, 2008:5).

Segundo Domingos Fernandes (2012), para que estas finalidades sejam alcançadas, são realizadas dois tipos de avaliações: as avaliações sistemáticas ou formais e as avaliações informais. Ambas, é que avaliarão os docentes devidamente, ou pelo menos é o que se espera destas. Tendo como objetivo que sejam o mais justas e verdadeiras possíveis. Daí a necessidade de, por vezes na avaliação, ter alguém externo.

Com a avaliação do desempenho docente, os professores têm uma pressão maior, no entanto “[...] para a maioria dos professores, este processo traduzir-se-á numa avaliação anual feita pelos diretores das escolas e na redação de um relatório, tendo como consequências a definição de um plano de ação profissional e de uma supervisão do trabalho durante o ano seguinte” (Day, 1993:98).

No que diz respeito à avaliação dos alunos, a avaliação torna-se um elemento integrante de todo o processo educativo e deve ser realizada com os alunos para que desta forma, se constitua também uma base de avaliação para o professor. O profissional de educação deve, refletir sobre os acontecimentos que vai observando, para que, posteriormente consiga realizar uma progressão das aprendizagens. Segundo o Despacho Normativo nº14/2011, de 18 de novembro, é referido que a avaliação deve “apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos

os alunos [...] e ainda [...] contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo [...]”, como se verifica também, numa legislação mais atual, no Despacho Normativo nº 24-A/2012, onde se refere que a avaliação assume-se “(...) como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino (...)”, (Despacho Normativo nº 24-A/2012).

A avaliação dos alunos é, na sua grande maioria, realizada através de fichas de avaliação (Cf. Anexo U) e fichas formativas (Cf. Anexo T).

Ao longo do estágio, a professora estagiária teve a oportunidade de realizar tanto fichas formativas, com o objetivo de consolidar os conhecimentos, principalmente em 2º CEB por causa dos exames nacionais, como fichas de avaliação. Em relação às fichas de avaliação, para os alunos com NEE foi necessário e importante recorrer a uma pedagogia diferenciada, tendo em atenção as características e dificuldades dos alunos, de modo a que estes conseguissem atingir o sucesso escolar e dando o *feedback* ao professor da sua evolução na aprendizagem. Assim, a professora estagiária com o seu par pedagógico elaborou fichas de avaliação para os alunos com NEE próximas dos restantes alunos, no entanto indo de acordo com as estratégias propostas nos seus PEI, nomeadamente questões mais diretas e curtas (Cf. Anexo U).

Ao longo desta experiência, a professora estagiária teve possibilidade de refletir sobre fichas realizadas por si própria, o que foi uma mais-valia, pois percebeu a importância da relação que estas têm de ter com as competências e as metas de aprendizagem. Outras estratégias de avaliação que podem ser adotadas, são os mapas conceituais “um recurso esquemático para organizar e representar o conhecimento, através do estabelecimento de relações significativas entre conceitos sob a forma de proposições” (Gouveia, 2008:5) e os portfolios, o que ainda não são tão utilizados quanto desejados. “O uso dos portfolios em educação constitui uma estratégia, que tem vindo a procurar corresponder à necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino-aprendizagem de modo a assegurar-lhe uma cada vez melhor compreensão e, desse modo, mais elevados índices de qualidade” (Sá-Chaves, 2000:9).

Ao longo desta experiência profissional foi realizada a avaliação formativa, “[...] que acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio [...]” (Ribeiro e Ribeiro, 2003:348), através da realização de fichas diárias, de questões orais e interpelativas aos alunos, a avaliação sumativa, que “[...] procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem [...]”

(Ribeiro e Ribeiro, 2003:359), com a construção e correção de fichas de avaliação e também, juntamente com o par pedagógico e os professores cooperantes, avaliando os alunos trimestralmente. A avaliação diagnóstica, que “[...] tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens [...]” (Ribeiro e Ribeiro, 2003:342), esteve também presente ao longo desta experiência na medida em que sempre que era abordado um tema em aula, partia-se das experiências e conhecimentos prévios dos alunos.

Como instrumentos de avaliação, a professora estagiária elaborou fichas de trabalho, exercícios no caderno diário e no manual escolar, testes de avaliação com o seu par pedagógico. As grelhas de observação “[...] para além de permitirem o tipo de registos anteriormente referidos, possibilitam não só uma observação da frequência dos comportamentos como da progressão dos mesmo” (Lemos, Neves, Campos, Conceição, Alaiz, 1994:40).

A autoavaliação foi, também, observada pela professora estagiária, mas apenas em 2º CEB. Esta observou que os alunos não valorizam a autoavaliação, não preenchendo conscientemente. A professora estagiária recorda um episódio “Professora, para quê que serve isto? Oh, já está!”, ao qual tentou explicar e consciencializar, mas sem resultado imediato. Assim, seria importante refletir com os alunos e abordar esta temática na Formação Cívica.

Avaliar é um dos desafios mais difíceis para um profissional de educação, porém é essencial para o docente, pois “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (MEC-despacho normativo nº30/2001).

Em relação à avaliação é importante e necessário o *feedback* porque “o professor assim como o aluno, deve poder corrigir a sua ação, modificando se necessário, o seu dispositivo pedagógico, com o objetivo de obter melhores efeitos” (Ferreira, 2007:28). Assim, com o *feedback* por parte dos alunos, o professor toma consciência do sucesso ou insucesso das suas atividades, conseguindo melhorar o seu empenho. Desta forma, é uma mais-valia tanto para o docente como para a turma.

No que diz respeito à avaliação, a Lei de Bases do Sistema Educativo deixa claro os seguintes pontos

- promover a igualdade de oportunidades
- promover o sucesso

- ser contínuo e positivo
- ser corretivo e compensatório;
- não sobrepor razões administrativas ou outras razões pedagógicas no acompanhamento da progressão dos alunos;
- promover a participação de todos os envolvidos na definição dos percursos escolares.

“A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades”

(Ribeiro e Ribeiro,2003:337)

Todos os dias se fala em avaliação! O Ensino Básico está organizado por três períodos, no final de cada um dedicam-se dias à avaliação dos alunos, no qual os professores fazem um balanço de todos os itens que se integram na avaliação. A professora estagiária em 1º CEB teve a oportunidade de realizar a avaliação final do 2º período, juntamente com a professora cooperante e o seu par pedagógico. Esta foi elaborada em grelha no *Microsoft Excel*, contendo uma coluna com os nomes dos alunos e nas restantes as notas das avaliações sumativas, assim como a participação, comportamento, assiduidade, pontualidade e valores, que foram sendo classificados um a um, conforme o que se tinha observado durante o período.

Outra avaliação, para qual a professora estagiária sente que interveio, vivendo os momentos de preparação e de emoção do momento, foi os exames nacionais do 6º ano. A professora estagiária lecionou conteúdos importantes durante as suas intervenções, assim como consolidou com fichas de trabalho e exercícios. Assim, contribuiu para a aprendizagem de cada elemento da turma. Vivendo, ainda a euforia do dia dos exames, o nervosismo dos alunos e professores que tanto querem demonstrar o seu conhecimento e trabalho ao longo do ano.

Estas vivências foram importantes para as competências profissionais da estagiária, visto que iniciou a prática não só lecionando, mas também avaliando, assim, tendo contacto com este aspeto que faz parte de ser docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A nossa forma de intervir é o espelho do que somos e dos valores que nos sustentam”

Mendonça (2002:98).

Quando se chega ao fim de mais uma etapa, é difícil perceber que o que tanto se deseja por tanto tempo, termina rapidamente sem se aperceber que realmente já passou. Muito fica por fazer, os sentimentos são imensos e variados e é difícil transmiti-los para o papel.

É tempo de refletir, agora a professora estagiária questiona-se sobre a sua intervenção ao longo destes meses, tanto em 1º como em 2º CEB, sobre as suas posturas e atividades. “Será que as estratégias utilizadas foram as mais adequadas?” “Se fosse hoje faria algo de diferente?” “O que mudaria?”, estas são algumas das várias questões que surgem com o final desta etapa.

Ao refletir sobre as práticas a professora estagiária tem consciência de que nem tudo que foi realizado foi da maneira mais correta, “mas a verdade é que se não tivermos preparados para errar, nunca faremos nada de original” (Robinson, 2010:27). Assim, pensa que todos os erros cometidos foram construtivos, todas as reuniões realizadas com os professores cooperantes e professoras supervisoras foram importantes para a aprendizagem, refletindo e absorvendo os conselhos dos professores para o futuro profissional.

Aconteceram situações novas, que só a prática poderá garantir uma resposta adequada e mais eficaz, no entanto a professora estagiária ficou surpresa com ela própria por todas as vezes que lhe foram colocadas questões desadequadas, inoportunas e que conseguiu contornar a situação de forma a convencer os alunos e a responder adequadamente.

No 2º CEB esta questão tornou-se mais complexa, os conteúdos eram mais exigentes e o lecionar quatro áreas e estar preparada para tal não se torna nada simples. Os alunos não são crianças fáceis e o habitual “não sabes? Não acredito! Tens de ir pesquisar em casa então e amanhã trazes a resposta” já não funcionava, nesta situação os alunos já respondiam “a professora não sabe”. Assim, a professora estagiária teve necessidade de se informar para além dos conteúdos a lecionar e aproveitou o facto de ter alguns bons alunos para responder às dúvidas dos restantes. No entanto, na verdade um professor não pode saber tudo e, assim sendo, houve

momentos em que a professora estagiária não se sentiu tão à vontade e mais frágil. O grande desafio foi não deixar transparecer esta fragilidade para os alunos, o que nem sempre foi conseguido.

O bom professor, segundo Cardoso (2013:87/88):

“[...] é aquele que prepara os seus materiais, esclarece dúvidas de forma clara, é pontual, demonstra entusiasmo no que leciona, é dinâmico não se limitando a aulas expositivas, encoraja a participação dos alunos, mostra disponibilidade, é credível e fiável nas avaliações, criar momentos de reflexão e diálogo, promove a autonomia e a aprendizagem ativa, é justo, consciente, delicado e promove a autoestima.”

Refletindo sobre as palavras do professor Jorge Rio Cardoso, a professora estagiária concorda com o mesmo, percebendo que ainda tem muito a desenvolver com a prática. Porém, “para entrarmos no nosso Elemento precisamos de algo mais: paixão. Quem está no seu Elemento delicia-se com o que faz” (Robinson, 2010:35), assim a professora estagiária sentiu-se satisfeita ao lecionar as aulas, sentindo-se a fazer algo que realmente gosta, a sua paixão.

É necessário refletir sobre a prática, assim, a “[...] professional action as comprising distinctive, reflective, and practical judgments, rather than esoteric knowledge [...]” (Cheng, Chow, Tsui, 2001:92).

No fim dos estágios em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, o sentimento vivido é de que não foi feito tudo o que se queria, por vários motivos, não foram possíveis de concretizar todos os desejos. A professora estagiária, apesar de em algumas atividades tentar a criatividade e a diferença, tentou, também, em algumas ocasiões realizar atividades às quais a turma já estava habituada, conseguindo deste modo um maior controlo na turma, pois a agitação era menor.

Houve a possibilidade e o sentimento do que é “ser professora” e a estagiária sentiu-se professora durante estes meses de estágios. Durante estes meses de estágio a estagiária sentiu que as turmas em questão lhe pertenciam e sentiu-se responsável pelo desenvolvimento e pelo sucesso destas crianças e adolescentes, tanto a nível escolar como pessoal. Em alguns momentos, a professora estagiária teve momentos menos bons, sendo essencial o apoio do seu par pedagógico, professores cooperantes e professora supervisora. Sendo a estagiária principiante, sentiu-se frágil em algumas situações, que só a prática a poderão preparar, não esquecendo que para além de estagiária é ser humano, tal como outro professor. O que, por vezes dificulta as vivências.

É importante referir que a professora estagiária tentou sempre estabelecer uma boa relação com os alunos, partilhando os intervalos com eles, dialogando sobre assuntos para além da escola e esta boa relação verificou-se ao longo destes meses.

A estagiária tem consciência do seu esforço, dedicação e empenho ao longo deste tempo, no qual se dedicou “de corpo e alma” a estes alunos e tentou dar tudo de si, tendo hoje consciência que muito de si ficou com estas crianças e adolescentes e que leva consigo muito de cada um.

Durante este estágio o crescimento e a aprendizagem da professora estagiária foram enormes! Porém, tem consciência de que muito ainda tem a aprender e da importância da formação contínua. Uma das maiores dificuldades sentidas foi a gestão da turma e a gestão da relação pedagógica e da aprendizagem com a grande diversidade de alunos que teve: motivações distintas, ritmos de aprendizagens diferentes, interesses e situações comportamentais, culturais e familiares diferenciadas.

A formação contínua aparece consagrada, pela primeira vez, no artigo 35º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86). Posteriormente no Decreto-Lei nº344/89, de 11 de outubro, reconhece a importância da formação contínua nos domínios das competências científica e pedagógica dos docentes e refere que a formação contínua constitui uma condição de progressão na carreira.

A professora estagiária tem consciência de que nem tudo que aprendeu na teoria pode se transportar para a prática e que há situações que se vão aperfeiçoando conforme os anos de prática, a experiência traz uma bagagem e um estofa maior para lidar com várias situações do quotidiano, da vida de um profissional de educação. A identidade profissional docente “[...] não é uma construção imutável nem externa [...] é um processo de elaboração do sujeito [...] que se constrói na vivência da profissão e num exercício sistemático e continuado de revisão dos significados sociais” (Moreira, Jacinta, 2010:22).

É fundamental salientar que estes meses foram de um trabalho em equipa, principalmente com o par pedagógico, mas também com os professores cooperantes e as supervisoras. Os professores ajudaram na preparação das aulas e com os seus *feedbacks* fizeram com que a professora estagiária melhorasse. Quanto ao par pedagógico apoiou na preparação das aulas, demonstrou *feedback* e opiniões/sugestões e deu apoio nos momentos mais difíceis, não deixando que a colega se fosse a baixo.

O trabalho em equipa proporcionava colaboração, interesse e, como não poderia deixar de ser, a partilha de saberes e informação, no qual a estagiária sempre expôs a suas dificuldades, uma vez que o trabalho em equipa funciona como “factor de enriquecimento da sua formação e da actividade profissional, privilegiando a partilha de saberes e de experiências” (MEC- Decreto – Lei nº 240/2001 de 30 de agosto).

A professora estagiária teve também a possibilidade de conviver e participar em iniciativas de outras professoras do colégio, tomando consciência do ambiente vivido entre colegas de profissão. São exemplos a participação na Feira dos Saberes, a festa de Carnaval e a festa de final de ano, nas quais a professora estagiária e o seu par pedagógico participaram. Para além de se ter integrado muito bem com as professoras, as auxiliares e funcionários da instituição. Estes também foram muito acolhedores e formou-se uma boa relação.

É importante salientar, ainda, que numa das iniciativas do colégio que envolveu a família, a estagiária teve a oportunidade de conviver com a família dos alunos, dialogar com os pais e perceber esta dificuldade, que por vezes é, a de entender os pais e de os envolver. Sendo que, como já estudado anteriormente o envolvimento dos pais é essencial para o processo de aprendizagem dos alunos.

É extremamente gratificante para a professora estagiária, ainda hoje, na rua, ser abordada por pais e alunos do seu primeiro estágio e conseguir ir visitá-los, acompanhar o seu crescimento e evolução, participando em dias importantes para os mesmos, como festividades letivas e aniversários.

No fim desta etapa, a professora estagiária pensa ter atingido a maioria dos objetivos inicialmente propostos e sente-se muito bem por, acima de tudo, ter se sentido tão bem no papel de professora e ter a certeza que tem vocação e que gosta realmente do que faz. Pois, “quando entramos no nosso Elemento, ligamo-nos a algo fundamental para a nossa identidade, o nosso desígnio e o nosso bem-estar” (Robinson, 2010:33).

O que a professora estagiária retira de melhor desta etapa é a boa relação com os alunos “[...] é o aspecto que mais importa realçar pelo impacto, motivação (...) e permite acreditar que o sucesso é possível” (Roldão e Alonso, 2005:103). Assim como, todas as aprendizagens que conseguiu desenvolver, os objetivos que os alunos atingiram que deixaram a professora estagiária orgulhosa. Foi espantoso assistir à evolução dos alunos e aos seus sucessos, sabendo que contribuiu para tal.

Em jeito de reflexão e futura melhoria, a professora estagiária analisou as avaliações que os alunos do 6º ano preencheram sobre a mesma. Ao refletir, percebeu que os alunos têm consciência das suas atitudes e comportamentos, referindo que “[...] as aulas da professora foram muito boas, mas podiam ter corrido melhor se nos portássemos melhor [...]” (avaliação de uma aluna a 30/5/2014). Vários alunos repetem este discurso, demonstrando a consciência dos seus atos e dos colegas. É notório que os alunos gostaram da maneira de lecionar da professora estagiária e a maior crítica presente é em relação à gestão da turma, mencionam que a estagiária deveria ser mais exigente. Assim, fica um conselho para as futuras práticas, sendo que a professora estagiária concorda com os alunos.

“Já não é «qualquer um que vai para professor» porque a grande maioria dos docentes fez formação específica para ser professor, estudou e licenciou-se nos cursos «via de ensino», fez estágios, formação contínua [...]” (Wong, 2011:133), todos estes processos diferenciam os atuais professores, de professores antigos que não tinham formação para tal, exemplificando alguns engenheiros que lecionavam matemática.

Ser professor não é só dar aulas, o conhecimento dos conteúdos não é suficiente, mas sim juntamente com a didática, a dedicação e a paixão pelo ensino. Isto diferenciará um simples professor de um bom professor. Educar é trazer para fora, é extrair de uma pessoa algo que a torne transformada, ou seja, o professor educa para a transformação. A educação é o processo que renova o outro, extraindo ou libertando as suas potencialidades criadoras.

A realidade portuguesa tem mostrado que a realização profissional dos professores não tem sido uma meta facilmente alcançável, tal como tem sido realçado pelos meios de comunicação social e por investigações várias, que têm apontado esta carreira como uma das que têm graves repercussões na saúde e bem-estar desses profissionais, como é referido nos estudos realizados no âmbito da saúde e capacidade para o trabalho na docência. “O mundo está a mudar mais depressa do que nunca” (Robinson, 2010:13) e cabe ao professor acompanhar este desenvolvimento e esta mudança repentina.

Hoje, a profissão de professor está desvalorizada e vive-se no mundo da docência o descontentamento dos professores. A docência “[...] tornou-se uma das profissões qualificadas de maior polivalência e risco na sociedade atual, quantas vezes incompreendida a partir de casos episódicos [...]” (Guinote citado por Wong, 2011:16) e “uma das causas da insatisfação dos professores se deve ao facto destes

estarem na profissão por falta de alternativas” não sendo projeto de vida (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro, Gomes, 2007:190). É posto em causa, cada vez mais, a autoridade dos professores, os seus valores e competências.

É real que os professores estão a perder a autoridade, cada vez mais os alunos fazem o que querem nas aulas e “[...] os familiares que condenam o comportamento dos professores na escola são os primeiros a rir-se do que se passa dentro da sala de aula [...]”, (Wong, 2011:97). E o descontentamento é o topo do dia do professor, é-lhe exigido muito e, cada vez mais, o professor tem menos ânimo para corresponder às expectativas. Todavia, alguns professores “[...] procuram que os estudantes tenham uma vida melhor” (Wong, 2011:254), preocupando-se com os alunos como crianças e adolescentes e não apenas como alunos.

Os professores são humanos, muitas vezes falham, muitas vezes acertam. Todavia, é exigido que sejam perfeitos, sendo cada vez mais “[...] generalistas, especialistas, firmes, flexíveis, rigorosos, compreensivos, imunes às pressões mas atentos ao que os envolve, disciplinados, mas estimulados da crítica e da criatividade [...]” (Wong, 2011:255), isto em 45 ou 90 minutos em uma ou duas vezes semanais em cada turma, no caso do 2º CEB.

Sêneca mencionou que "não é porque certas coisas são difíceis que nós não ousamos; é justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis", assim os mais recentes formados, terminam o curso cheios de ideias novas e vontade de triunfar no Mundo do ensino, eles são a esperança de mudança.

É essencial refletir que o professor do 1º CEB é titular de uma turma a tempo inteiro e, assim, tem uma possibilidade maior de flexibilidade de horário e de currículo. Tem contacto com os alunos muito mais tempo que o professor do 2º CEB estando este mais pressionado a cumprir o programa com rapidez, tendo menos tempo para atividades lúdicas. Isto foi sentido ao longo dos estágios, em que a professora estagiária conseguiu cumprir as planificações e realizar atividades didáticas e lúdicas, enquanto no 2º CEB os 45 ou 90 minutos passaram a voar e com a pressão de lecionar os conteúdos, o lúdico acabou por ficar aquém.

Atualmente, surge o perfil do professor generalista para a Educação Pré-Escolar e 1º CEB ou para o 1º e 2º CEB. No que diz respeito ao 1º e 2º CEB é uma forma de quebrar o contraste violento que existe de uma passagem de uma monodocência para uma pluridocência. Com o perfil do professor generalista o professor pode acompanhar os seus alunos desde o 1º ano de escolaridade até ao 6º ano, desde criança a adolescente. Assim, o professor consegue acompanhar o

crescimento, conhece o aluno mais detalhadamente, o que o permitirá trabalhar de uma forma mais eficaz.

No entanto, também são várias as questões que se colocam e que a professora estagiária já foi confrontada com elas como: “como é possível saber todas as áreas?”, “como se está preparado para tal?”, “as áreas das letras e das ciências são opostas, como é possível ser bom em ambas?”. Estas são algumas das imensas questões que a população e, principalmente, os professores com mais anos de serviço colocam. Afinal, eles tiraram uma licenciatura numa área específica e os atuais finalistas de mestrado saem com especialidade em quatro disciplinas. A professora estagiária ao refletir sobre este assunto percebeu que, de facto, é natural existir uma tendência para área das ciências exatas ou para as letras, daí concordar com a mais recente decisão do Ministro da Educação em dividir o atual mestrado em Especialidade em 1º e 2º CEB História e Geografia de Portugal e Especialidade em 1º e 2º CEB Ciências Naturais e Matemática.

Porém, apesar das tendências a estagiária acha-se capaz de lecionar as quatro disciplinas, apesar de se sentir mais à vontade com umas do que outras, é possível! A formação contínua, o atualizar-se, investigar e refletir combaterão as fragilidades.

Com esta polémica acaba por surgir o decreto-lei 79/2014, este traz modificações para o próximo ano letivo de 2014/2015, dividindo este perfil misto em dois mestrados: formação em ensino do 1º e 2º ciclo do ensino básico em História e Geografia de Portugal e Português e formação em ensino do 1º e 2º ciclo do ensino básico em Matemática e Ciências Naturais. Desta forma, divide as ciências exatas da área das letras, respondendo assim, há problemática de um professor tão generalista.

Em jeito de conclusão, a professora estagiária recorda esta frase de Isaac Asimov “na vida, ao contrário do xadrez, o jogo continua após o xeque-mate”, assim após esta etapa concluída, muito ainda está por vir, muitos caminhos para percorrer, muitas aprendizagens, muita formação e muito para viver!

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, António. (1998). *Visitas de Estudo – Conceções e eficácia na aprendizagem*, Lisboa, Livros Horizonte.
- ALONSO, Luísa, ROLDÃO, Maria. (2005). *Ser Professor do 1º Ciclo Construindo a Profissão*, Coimbra, Almedina.
- ARENDS, Richard I. (2008). *Aprender a Ensinar*, Madrid, The McGraw-Hill (7ª Edição).
- BALTAZAR, José, MORETTI, Lúcia, BALTHAZAR, Maria. (2006). *Família e escola: um espaço interativo e de conflitos*, São Paulo, Arte e Ciência Editora.
- BELL, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*, Lisboa: Gradiva.
- BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto, Porto Editora.
- BORUCHOVITCH, Evely, BZUNECK, José, GUIMARÃES, Sueli. (2010). *Motivação para Aprender – Aplicações no contexto educativo*, Brasil, Editora Vozes.
- BRIS, M. (2002), *Planificación de centros educativos, organización y calidad*. Barcelona.Praxis.
- CARDOSO, Jorge. (2013). *O Professor do Futuro*, Lisboa, Guerra e Paz.
- CARDOSO, Jorge. (2012). *O método: ser bom aluno 'bora lá?'*, Lisboa, Clube do Livro.
- CARRILHO, Fernanda. (2004). *Métodos e Técnicas de Estudo*, Lisboa, Editorial Presença.
- CARVALHO, Olívia, PEIXOTO, Luís. (2000). *A Escola Inclusiva Da Utopia à Realidade*, Braga, Edições APPACDM.
- COLL, César; MARTIN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana; ONRUBIA, Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. (2001). *O Construtivismo na Sala de Aula – Novas Perspetivas para a acção Pedagógica*, Lisboa: Edições Asa.
- CORTESÃO, Luiza. (1993). *A Avaliação Formativa*, Porto, Edições ASA.
- CHENG, Yin, CHOW, King, TSUI, Kwok. (2001). *New Teacher Education for the Future – International Perspectives*, Hong Kong, The Hong Kong Institute of Education.

- CHRISTENSEN, Clayton. (2012). *Inovação na sala de aula*, Porto, Bookman.
- DAY, Christopher. (1993). *Avaliações em educação: novas perspectivas*, Porto Editora, Porto.
- DAY, Christopher, GU, Qing (2012), *Profesores: vidas nuevas, verdades antiguas – una influencia decisiva en la vida de los alumnos*, Madrid, Narcea.
- DAY, Christopher. (2004). *A Paixão pelo Ensino*, Porto, Porto Editora.
- DAVIES, Don. (2013). *A Escola também se vive cá fora*, Porto, Plátano Editora
- DAVIES, Don, MARQUES, Ramiro, SILVA, Pedro. (1997). *Os professores e as Famílias - a colaboração possível*, Lisboa, Livros Horizonte.
- DUARTE A. (2012). *Aprender Melhor*, Lisboa, Escolar Editora.
- ESTRELA, Maria (2010). *Profissão Docente*, Porto, Areal Editores.
- ESTRELA, M^a T. (1994). *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Coleção Ciência da Educação, 2^a Edição, Porto: Porto Editora.
- FERNADES, Domingos. (2012). *A avaliação do docente: desafios, problemas e oportunidades*, Texto Editores.
- FERREIRA, Carlos. (2007). *A avaliação no quotidiano da Sala de Aula*, Porto Editora, Porto.
- FIOLHAIS, Carlos. (2012). *A avaliação dos alunos*, Fundação Manuel dos Santos, Lisboa.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra.
- FOSNOT, Catherine. (1996). *Construtivismo e Educação – Teoria, Perspectivas e Prática*, Lisboa, Horizontes Pedagógicos.
- GUERRA, Miguel. (2003). *Uma seta no alvo*, Edições ASA, Porto.
- GOUVEIA, J. (2008). *Saber avaliar*, texto policopiado.
- JESUS, Saul. (1999). *Influência do Professor sobre os Alunos*, Lisboa, Edições ASA.
- LANDSHEERE, Viviane. (1992). *Educação e Formação*, Porto, Edições ASA.
- LOUREIRO, Carlos. (2001). *A docência como profissão*, Porto, Edições ASA.
- LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*, Editora Pedagógica E Universitária LDA, São Paulo.
- MARTINS, Vítor. (2000). *Para uma pedagogia da criatividade*, Lisboa, Edições ASA.

- MARQUES, Ramiro. (1998). *A escola e os pais como colaborar?*, Lisboa, Texto Editora.
- MARQUES, Ramiro. (2001). *Educar com os pais*, Lisboa, Editorial Presença.
- MARQUES, RAMIRO. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia*, 2ª Edição.
- MARQUES, M. et al (2007). “O Educador como Prático Reflexivo” in *Cadernos de Estudo* n.º 6, Porto: CIPAF.
- MENDONÇA, M. (2002). *Ensinar e Aprender por Projectos*, Porto, Edições ASA
- MESQUITA, Elza, (2011). *Competências do Professor – Representações sobre a formação e a profissão*, Edições Sílabo, Lisboa.
- MITTLER P. (2000). *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*, Porto Alegre, Artmed Editora S.A.
- MOREIRA, J., (2010). *Portefólio do Professor – O portefólio reflexivo no desenvolvimento profissional*, Porto, Porto Editora.
- NEVES I. (2007). *A Formação Prática e a Supervisão da Formação*, Porto, Saber (e) Educar.
- NIZA, Sérgio. (2012). *Escritos sobre educação*, Lisboa, Tinta da China Edições.
- NÓVOA, António. (1991). *Profissão Professor*, Porto, Porto Editora.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J (2002). *A supervisão na formação de Professores I – Da sala à escola*, Porto: Porto Editora.
- PACHECO, José (1995). *O pensamento e a acção do professor*, Porto, Porto Editora.
- PAPALIA, D. OLDS, S, FELDMAN, R. (2001). *O Mundo da Criança*, Lisboa: Editora McGraw.
- PARDAL, Luís, LOPES, Eugénia. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*, Porto, Porto Editora.
- PARENTE, Cristina. (2002). “Observação: um percurso de formação, prática e reflexão” in OLIVEIRA, Formosinho, *A supervisão na formação de professores I –Da Sala à escola*, Porto, Porto Editora.
- PEREIRA, Anabela. (2004). *Educação Multicultural – Teorias e Práticas*, Porto, Edições ASA.
- PERRENOUD, P. (1999). *Dez novas competências para Ensinar*, Porto Alegre: Artmed.

- PERRENOUD, P. (2000). *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*, Porto Alegre, Artmed.
- POMBO, Olga, LEVY, Henrique. (1994). *A Interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*, Lisboa, Texto Editora.
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT (2008). *Manual de Investigação Em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- RIBEIRO, António, RIBEIRO, Lucie (2003). *Planificação e Avaliação Do Ensino-Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- ROBINSON, K. (2010). *O elemento*, Porto: Porto Editora.
- RODRIGUES, David (2001). *Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*, Porto, Porto Editora.
- ROLDÃO, M. (2003). *Gestão do currículo e avaliação de competências: as questões dos professores*, Barcarena: Editorial Presença.
- ROLDÃO, M. e ALONSO, L. (2005). *Ser professor do 1º ciclo construindo a profissão*, Coimbra: Almedina.
- ROLDÃO, Maria. (2009). *Estratégias de Ensino – O saber e o agir do professor*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- SÁ-CHAVES, Idália. (2000). *Portfolios Reflexivos – Estratégias de Formação e de Supervisão*, Universidade de Aveiro, Aveiro
- SANTOS, Belmira. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão – Quando todos ensinam e aprendem com todos*, Lisboa, Instituto Piaget.
- SOUSA F. (2007). *Diferenciação Curricular e Deliberação Docente*, Porto, Porto Editora
- SOUSA, Jesus. (2000). *O professor como pessoa*, Porto, Edições ASA.
- TAVARES, José, PEREIRA, Anabela, GOMES, Ana, MONTEIRO, Sara, GOMES, Alexandra. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, Porto, Porto Editora.
- TISTONE, Christina, FLORIAN, Lani, ROSE, Richard. (2003). *Promover a Educação Inclusiva*, Lisboa, Instituto Piaget.
- TOUGH, Paulo. (2013). *Educar para o futuro*, Lisboa, Clube do autor.
- VILAR, A. (1995). *O professor planificador*, Porto, Edições ASA.
- WONG, B. (2011). *A minha sala de aula é uma trincheira*, Lisboa, Esfera dos Livros.
- ZABALZA, M. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na Escola*, Porto: Edições ASA.

Legislação

Constituição da República Portuguesa. (1989). artigo 36º.

Declaração de Salamanca, Unesco 1994

Decreto-lei 79/2014

Despacho Normativo nº24-A/2012

Despacho Normativo nº30/2001

Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 35º, lei de 46/86 de 14 de outubro.

Ministério da Educação. (1997). Lei- Quadro nº 5/97 – Diário da República, 1ª Série, nº 34 de 10-02-1997, Portugal.

Ministério da Educação. (1998). Decreto-Lei nº 115 – A/98. Diário da República, 1ª Série, nº 102 de 04-05-1998, Portugal.

Ministério da Educação. (2001). Decreto-Lei nº 240/2001. Diário da República, 1ª Série A – nº 201 de 30-08-2001, Portugal.

Ministério da Educação. (2001). Decreto-Lei nº 241/2001. Diário da República, 1ª Série A – nº 201 de 30-08-2001, Portugal.

Ministério da Educação, Decreto-Lei nº 344/89.

Ministério da Educação, Decreto-lei nº 3/2008.

Ministério da Educação, Decreto-lei nº24/2001de 30 de agosto.

Ministério da Educação, Decreto-lei nº43/89 de 3 de fevereiro.

Ministério da Educação, Decreto-lei nº 49/2005, de 30 de agosto, artigo 8º, nº 1 alínea a, nº2 alínea b, nº3, alínea b.

Ministério da Educação, Decreto-lei nº 49/2005, de 30 de agosto, artigo 2º

Ministério da Educação, (2006), Despacho nº 19575/2006. Diário da República, 2ª Série, nº 185-25 de setembro de 2006, Portugal;

Ministério da Educação, (2011), Circular nº 4, Avaliação na Educação Pré-Escolar, de 11 de abril de 2011, Portugal, DGIDC;

Ministério da Educação, (2011), Despacho nº 14/2011. Diário da República, 2ª Série, nº 222 de 18 de novembro de 2011, Portugal;

Ministério da Educação, (2012), Despacho nº 5306/2012. Diário da República, 2ª Série, nº 77 de 18 de abril de 2012, Portugal;

Documentos da instituição:

Regulamento Interno

Plano Anual de Atividades

Projeto Educativo

Plano Educativo Individual

ANEXOS

Anexo B: Exemplo de Nota de Campo

4 de dezembro de 2014

Eram 8:30 da manhã e soou a campainha do colégio. Poucos alunos se encontravam na sala de aula.

A professora entrou na sala saudando os alunos presentes e iniciou a escrita do sumário do dia anterior. Para tal, questionou a um aluno presente o que estiveram a aprender no dia anterior.

Assim, registou o sumário e os alunos foram copiando para o caderno. Entretanto os alunos foram chegando, saudando a professora e os restantes colegas. A professora foi circulando pela sala e à medida que os alunos terminavam o registo do sumário, terminaram tarefas do dia anterior inacabadas ou realizaram um desenho.

Após certa de 15/20 minutos, a turma já se encontrava completa, desta forma a professora deu início à matéria do dia. Então, recorrendo ao manual de Matemática, a professora leu os exercícios e os alunos realizaram individualmente. À medida que os alunos estavam a realizar esta tarefa a professora circulou pela sala de aula, esclarecendo algumas dúvidas.

Posteriormente, a professora solicitou os alunos para se dirigirem ao quadro para correção dos exercícios.

De seguida, a professora deu autorização para fila a fila os alunos irem ao corredor buscar as suas lancheiras e lancharem a merenda da manhã.

Por fim, à medida que terminavam o lanche foram para o recreio.

Anexo C: Exemplo de Registo de Incidente Crítico

Nome da criança: GC

Idade: 12 anos

Observador: Professora estagiária

Data: 11/03/2014

Incidente: A professora estagiária chega à porta da sala de aula. Mal GC a avistou, dirigiu-se à mesma: “Professora o meu pai também tem moedas como a professora mostrou ontem. Em casa estive a ver mais”.

Comentário: Com este gesto, o aluno demonstrou interesse e motivação perante a atividade que a professora estagiária realizou no dia anterior. No dia anterior, a professora estagiária mostrou moedas antigas Portuguesas, o que cativou o aluno e fez com que este investiga-se mais.

Anexo D – Registo fotográfico



As moedas portuguesas de antigamente.



O debate do 6º Ano.



O jogo da composição das palavras.

Anexo E – Excerto do Estudo de Caso

Caracterização do Caso

O aluno em estudo é do sexo masculino, tem 12 anos de idade e encontra-se no 6º ano de escolaridade. A Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção foi-lhe diagnosticada aos 8 anos, pelo pedopsiquiatra, receitando-lhe metilfenidato (ritalina) para inibir os estímulos corporais, aumentando o índice de concentração.

Segundo o infarmed, “os medicamentos que contêm metilfenidato continuam a ser adequados para o tratamento de crianças com mais de seis anos de idade e de adolescentes com perturbação de hiperactividade e deficiência de atenção (ADHD)”. Na verdade trata-se de uma droga psicoestimulante, onde o “seu mecanismo de ação é o estímulo de receptores alfa e beta-adrenérgicos diretamente, ou a libertação de dopamina e noradrenalina dos terminais sinápticos, indiretamente”, iniciando-se o efeito em 30 minutos (Pastura e Mattos, s/d:s/p).

O adolescente em estudo foi transferido, no final do 2º período, do Externato das Escravas do Sagrado Coração de Jesus para uma outra instituição particular com características ideológicas semelhantes, situada, de igual forma, na região metropolitana do Porto. A partir de uma conversa informal com a Diretora de Turma, fomos informadas de que o aluno apresentava um Programa Educativo Individual (PEI), que segundo o Decreto-Lei nº3/2008, artigo 8º, nos pontos 1, 2 e 3 (página 3), “fundamenta as respostas educativas e respectivas formas de avaliação”, documentando “as necessidades educativas especiais da criança ou jovem” e integrando “o processo individual do aluno”. Devido ao incumprimento do mesmo, na primeira instituição, foi tomada a decisão, por parte da mãe do discente, da efetivação da transferência, mesmo que a mesma pudesse repercutir situações negativas ao adolescente.

Antecedentes

JG é filho de pais separados, residindo com a sua mãe e irmã (mais velha do que o aluno 1 ano) (Confrontar Anexo I). A sua mãe é gestora e o seu pai economista. Ambos apresentam habilitações académicas de nível superior, mais designadamente licenciatura.

A Educação Pré-Escolar, assim como o Ensino Básico (até inícios do 2º período relativo ao 6º ano de escolaridade) decorreram no Externato das Escravas do

Sagrado Coração de Jesus, vindo a integrar, no presente ano letivo, o Externato Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Aquando da sua aprendizagem no 1º Ciclo, foi diagnosticado, a JG, a perturbação de hiperatividade com défice de atenção, pelo Pedopsiquiatra. Aos 8 anos de idade foi-lhe administrada, pela primeira vez, a medicação para que o discente pudesse se concentrar. De acordo com o processo do aluno, não existe nenhum diagnóstico familiar semelhante, não nos sendo possível relacionar, teoricamente, com as teorias biológicas supraditas em capítulos anteriores.

Como características relevantes verificamos que JG é um aluno irrequieto, agitado, desorganizado, imaturo, irresponsável e preguiçoso. Está constantemente a falar com os colegas do lado, mexe constantemente as mãos e as pernas, levanta-se repetidamente do lugar, não traz material escolar, não efetua os trabalhos de casa e são raros os momentos em que tem a sua mesa organizada (Confrontar Metodologia – Registo Fotográfico).

Socialização

A família surge, neste indicador, como o primeiro grupo responsável pela socialização da criança, uma vez que, realiza a mediação entre esta e a sociedade (Vitale, s/a:89). O processo de socialização requer a apropriação de regras e valores previstas numa sociedade, para que se promova uma coesão entre os indivíduos. JG está inserido numa socialização primária, onde não só a família como os seus colegas e professores (escola), os grupos de pares e os *media* são agentes modeladores das suas características.

Em nenhum momento da observação/intervenção ouvimos o JG falar da sua família. Deste modo, não podemos efetuar nenhum apontamento quanto a este assunto.

Já no que diz respeito à relação com os seus colegas, JG foi muito bem recebido pelos mesmos, sendo rapidamente integrado na turma. Participa em todas as atividades com os seus amigos, desde jogos no telemóvel ou *tablet*, a exercícios em grupo, a trocas e verificações dos cromos dos jogadores do mundial (Confrontar Anexo III), decorram elas na sala de aula ou no recreio.

Motricidade

O Desenvolvimento Motor engloba o comportamento e a aptidão para que cada um controle o seu corpo, vindo esta a ser adquirida ao longo das transformações e evolução do indivíduo (Neto, s/a:4). Segundo este autor (s/a:5), “no âmbito da

motricidade infantil os anos críticos para a aprendizagem das habilidades motoras situam-se entre os 3 e os 9/10 anos de idade”. Deste modo, é possível afirmar que o aluno em causa já se encontra “fora” do período crítico.

Pela observação efetuada podemos afirmar que o aluno não possui nenhuma dificuldade ao nível da motricidade fina ou grossa.

Linguagem

JG é um aluno muito comunicativo que aliado à sua distração é capaz de passar a aula a conversar. Tudo é motivo para efetuar uma brincadeira ou dizer uma nova graça, o que condiciona o seu nível de concentração.

Refletimos um pouco sobre as estratégias a adequar e verificamos que os colegas que se encontram dispostos lateralmente deveriam ser mudados de lugar, pois propiciam conversas paralelas com JG. Apesar deste se encontrar localizado na zona mais próxima da docente e um pouco afastado da janela, embora possua boa luminosidade, o lugar do discente deveria ser repensado, ou pelo menos, o dos dois colegas.

No que diz respeito agora à oralidade, JG expressa-se com algumas dificuldades, ao nível da sintaxe e da semântica (foi-lhe diagnosticada dislexia), o que dificulta a sua compreensão por parte do recetor. Este utiliza um vocabulário pouco variado e uma pronúncia, por vezes, pouco inteligível. Fala apressadamente e, muitas vezes, na vez dos outros, servindo-se de gestos e de movimentos corporais para complementar o seu discurso.

Autonomia

Em relação à sua carteira de trabalho, normalmente, JG tem uma mesa muito desarrumada, com material espalhado e que, por vezes, não está relacionado com a área disciplinar do momento. JG não é lento, mas devido à sua tendência para se distrair facilmente, se atrasa na realização das atividades.

É essencial que o professor o chama várias vezes a atenção para que efetue o registo dos exercícios no caderno, pois caso não seja avisado, o aluno não regista nada e passa a aula desatento. É também essencial que o professor o auxilie na organização dos cadernos. Porém, como raramente os traz, apesar de existirem algumas afirmações quanto a faltas de material, essa atividade fica sem acompanhamento.

Cognição

Para a aprendizagem da leitura estão associados às dificuldades ao nível da decodificação das palavras (E. Caballo e Ángel Simón, 2005:163). Já para a escrita, a mesma deve decorrer na sequência de quatro processos, nomeadamente, a elaboração de um plano (estruturação e ordenação de ideias), a componente sintática (construção frásica que compõe o texto), o léxico (seleção de palavras adequadas para a estruturação frásica) e o desenvolvimento motor do aprendiz –

“antes de representar a palavra com um sinal gráfico [a criança seleciona] alógrafos adequados [...] [presentes na] memória de longo prazo. [Estes] (...) são traduzidos em movimentos musculares para [a] sua representação gráfica e na formação de um padrão motor [sendo este] recuperado do armazém de padrões gráficos nos quais são indicados a forma, direção e tamanho dos traços das letras” (E. Caballo e Ángel Simón, 2005:163).

Quanto ao seu rendimento escolar, JG possui imensas dificuldades e maus resultados escolares. Apresenta dificuldades na leitura e na escrita, não realizando corretamente a entoação dos sinais de pontuação. Este escreve com a mão esquerda e tem uma letra pouco legível (Confrontar Metodologia – Registo Fotográfico).

Metodologia

O aluno é acompanhado pela psicóloga da instituição que, conseqüentemente, trabalha com ele várias componentes, nomeadamente a língua materna, Português (Confrontar Anexo II). JG é também acompanhado por um pedopsiquiatra, tendo, este, sido o responsável pelo diagnóstico precoce, acerca da perturbação.

Neste momento, o aluno não é acompanhado por mais nenhum especialista, tendo apenas, um acompanhamento na instituição, na qual estuda, pela psicóloga e acompanhamento por parte dos professores.

Não foi possível contactar nenhum familiar. No entanto, após várias conversas informais com os professores, a psicóloga e a observação/intervenção efetuadas foi possível constatar as distrações evidentes do aluno, a desorganização e as várias dificuldades, nomeadamente na área do Português quanto à incidência de erros ortográficos.

Embora não esteja presente no Programa Educativo Individual, a professora de Português afirmou que este apresenta dificuldades na comunicação oral e escrita, atribuindo-se uma outra perturbação, a dislexia.

Registo Fotográfico



JG distraído com outro aluno.

ANEXO F – Questionário:

Género: _____

Idade: _____

Peso: _____

Altura: _____

Número de irmãos: _____

Cor dos olhos: _____

Desporto favorito: _____

Nota a matemática do 1º período: _____

ANEXO G – Grelhas de aula

Grelha de Avaliação de Competências

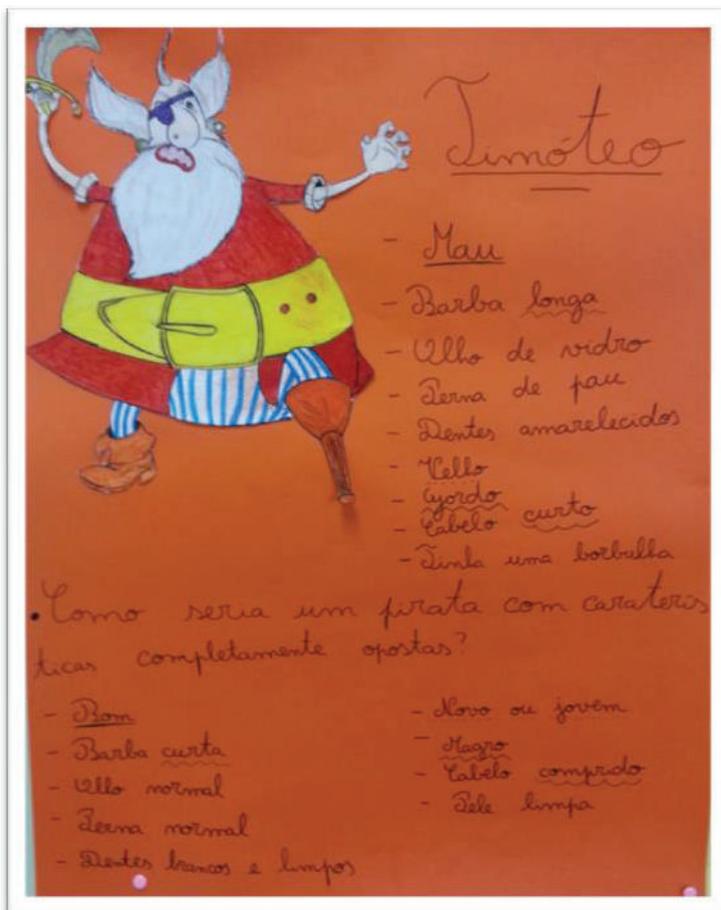
Competências	Aspetos a observar	1	2	3	4	5	NO
Comportamento	Respeitou as normas básicas de comportamento na sala de aula.						
Participação	Participou na maioria das discussões, na sua vez e de forma bem estruturada.						
Cooperação	Apoiou os colegas, tentou, em conjunto, superar as dificuldades, apresentou-se como um elemento importante na coesão do grupo.						
Empenho	Realizou as atividades com empenho.						
Autonomia	Chamou constantemente o professor durante a realização da tarefa, com o objetivo de lhe serem dadas as soluções da mesma.						
	Chamou constantemente o professor durante a realização da tarefa, para esclarecimento de dúvidas.						
	Chamou ocasionalmente o professor durante a realização da tarefa.						
	Chamou o professor, no final da tarefa para o esclarecimento de dúvidas que não conseguiu esclarecer por si.						

Legenda: 1 – Fraco; 2 – Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom; 5 – Muito Bom; NO – Não observado.

Nota: A tabela será preenchida em todas as aulas, mas a observação, será feita a um pequeno grupo de alunos (entre 5 a 8 alunos por aula).

ANEXO H – Trabalhos dos alunos

Materiais do Natal:





ANEXO I – Exemplos de Reflexões realizadas:

REFLEXÃO SOBRE OS DOCUMENTOS

O professor do Ensino Básico para lecionar precisa de um documento orientador com o qual possa perceber os objetivos que terá de atingir com os seus alunos, o que deverá lhes ensinar e em que altura. Para tal, existe o Currículo Nacional do Ensino Básico com Competências Essenciais e Competências Específicas.

No que diz respeito às Competências Essenciais estas são competências que se devem obter em qualquer área de ensino, nomeando o que o aluno deverá ser capaz de fazer/saber e as ações a desenvolver pelo professor.

Em relação às Competências Específicas estas demonstram o que o professor deverá desenvolver no aluno em cada área, nomeadamente na Língua Portuguesa, nas Línguas Estrangeiras, na Matemática, no Estudo do Meio, na História, na Geografia, nas Ciências Físicas e Naturais, na Educação Artística, na Educação Tecnológica e na Educação Física.

No Currículo Nacional do Ensino Básico as Competências Específicas são, ainda, divididas por ciclos, sendo estes 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. Este documento é da autoria do Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação.

Mais especificamente para o 1º Ciclo do Ensino Básico exista ainda outro documento, Organização Curricular e Programas, direcionado somente para o 1º Ciclo do Ensino Básico, também da autoria do Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação.

Este documento é constituído por a organização curricular do ensino básico, nomeadamente objetivos gerais do Ensino Básico, estrutura curricular do Ensino Básico, princípios orientadores e componentes dos domínios disciplinares. Assim como o programa de cada área, Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Expressões Artísticas individualmente e Educação Moral. Ainda dispões de legislação essencial para quem exerce o 1º Ciclo do Ensino Básico.

O programa divide cada área em blocos e enumera por anos de escolaridade (1º ao 4º ano) o que os alunos deverão ser capazes de fazer no final de cada ano de escolaridade. O professor usufrui, ainda, de cadernos de apoio que poderão ser bastante úteis, por exemplo em Português com exemplos de textos para abordar.

Mais recentemente surgiram as Metas Curriculares, por iniciativa do Ministério da Educação e Ciência e realizadas com a ajuda de profissionais de cada área disciplinares. Surgiram na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais” (Despacho n.º 17169/2011, de 23/Dezembro). “As metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual.” (Ministério da Educação, 2013:1).

As metas curriculares têm sido alvo de vários estudos e críticas, sendo que para a sua origem foram realizados vários estudos e fundamentaram-se em metas já implementadas em vários países.

O documento das metas curriculares é estruturado por ciclos do Ensino Básico, por ano de escolaridade e por domínios e subdomínios, contendo, ainda anexos importantes como é exemplo no Português, os anexos com obras e textos recomendados.

As opiniões dividem-se, são vários os especialistas que concordam que as metas de aprendizagem são uma mais-valia e vieram aperfeiçoar e desenvolver o Currículo e os respetivos Programas. No entanto, há quem defenda que as metas terão sido um regresso ao passado e de nada vieram a melhorar o Ensino Básico, optando por trabalhar com os programas.

Isabel Alçada, anterior Ministra da Educação, defende que “O projecto Metas de Aprendizagem insere-se na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional que visa assegurar uma educação de qualidade e melhores resultados escolares nos diferentes níveis educativos. Concretiza-se no estabelecimento de parâmetros que definem de forma precisa e escalonada as metas de aprendizagem para cada ciclo, o seu desenvolvimento e progressão por ano de escolaridade, para cada área de conteúdo, disciplina e área disciplinar. Corresponde a resultados da investigação nacional e internacional sobre padrões de eficácia no desenvolvimento curricular, que recomendam este tipo de abordagem.”

Eu concordo com a introdução das metas curriculares, acho que de facto este documento está muito direccionado para os interesses dos alunos e ajuda muito o docente a definir objetivos.

Na minha opinião as metas curriculares estão organizadas de melhor forma que o programa do 1º Ciclo do Ensino Básico, dirigindo-se mais para os interesses dos

alunos e o facto de estarem organizadas por áreas disciplinares, áreas de conteúdos e por ano de escolaridade é mais útil e fácil de consulta e de leitura.

Pessoalmente, gosto mais de trabalhar com as metas curriculares, sendo que é um documento mais recente e, ainda, constantemente em atualizações, é também mais acessível, de leitura rápida e mais práticas para colocar na prática. Destaco a organização do documento, que na minha opinião está muito bem organizado.

Porém, penso que tanto o programa como as metas curriculares são importantes de serem consultados e utilizados, sendo que ambos se completam e que podem e devem ser utilizados simultaneamente, visto que há aspetos em que um está mais completo que o outro e vice versa.

setembro de 2013

REFLEXÃO SOBRE DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Quando um professor está perante uma turma, nunca sabe os alunos que tem diante de si. Com o passar do tempo vai conhecendo cada um e percebendo quais são as principais dificuldades que estes possuem. Enquanto bom profissional de ensino, a sua primeira reação será diferenciar cada um dos alunos, pois não existem dois alunos iguais, quer sejam os dois muito bons ou menos bons.

Uma situação didática proposta ou imposta uniformemente a uma turma é inadequada para uma parte dos alunos. Para alguns, pode ser dominada com facilidade, não constituindo nenhum desafio nem provocando qualquer aprendizagem. Para os restantes, pode não ser uma tarefa que compreendam e por isso não a realizam. Mesmo que a tarefa esteja em harmonia com o nível de desenvolvimento dos alunos, pode parecer desinteressante, não gerando nenhuma atividade de nível intelectual e não criando assim nenhuma situação de aprendizagem nova. (cfr. Perrenoud, Philippe, 1996) Por esse motivo, uma definição possível de diferenciação do ensino pode ser “ (...) diferenciar é organizar as interações e as atividades, de modo que cada aluno seja confrontado constantemente, ou ao menos com bastante frequência, com as situações didáticas mais fecundas para ele.” (Perrenoud, Philippe, 1996:17)

A diferenciação de ensino deve permanecer como um paradigma geral, bastante abstrato, separado desta ou daquela modalidade de realização.

Na pedagogia mais frontal e na escola mais burocrática, os percursos educativos são diferentes, cada aluno irá entender, ver, compreender e, portanto, construir novas aprendizagens, pois não viverão da mesma maneira situações aparentemente idênticas e não investirão os mesmos desejos e significados. Diferenciar o ensino não é introduzir a diferença, mas dominar a individualização dos percursos.

A individualização dos percursos de formação, obriga a reinventar a escola, os modos de agrupamento dos alunos e da sua progressão nos cursos, os modos de negociação e divisão do trabalho entre professores, os modos de relação pedagógica e de organização didática. (Perrenoud, Philippe, 1996:53)

REFLEXÃO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA

“Por escrita entende-se o produto, dotado de significado e conforme à gramática da língua resultante de um processo que inclui o conhecimento do sistema de representação gráfica adotado. Esta competência implica processos cognitivos e linguísticos complexos, nomeadamente os envolvidos no planeamento, na formatação linguística, na revisão, na correção e na reformulação de texto.” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001).

Segundo Piaget “O desenho é precedido pela garatuja, fase inicial do grafismo. Semelhantemente ao brincar, se caracteriza inicialmente pelo exercício da ação. O desenho passa a ser conceituado como tal a partir do reconhecimento pela criança de um objeto no traçado que realizou. Nessa fase inicial, predomina no desenho a assimilação, isto é, o objeto é modificado em função da significação que lhe é atribuída, de forma semelhante ao que ocorre com o brinquedo simbólico.” E aponta como fases do desenho a Garatuja, o Pré-Esquematismo, o Esquematismo, o Realismo, Pseudo Naturalismo.

O ato da escrita implica uma coordenação motora (olho e mão), perceção da forma, processo linear que se inicia da esquerda para a direita, discriminação visual, relacionar, comparar, ordenar, esquematizar, inferir as varias formas e símbolos gráficos e dominar a rotação dos grafismos que para a maioria dos signos, rodam no sentido da esquerda para a direita.

Obstáculos que podem ocorrer durante esta aquisição são Mesa inclinada ou vertical, materiais (lápiz, canetas, ...) desadequados e dimensão do papel, entre outros.

“O domínio da linguagem escrita é uma ferramenta fundamental aos seres humanos pois é por ela que se alcança a cultura, os conhecimentos e as técnicas do nosso mundo complexo e preponderadamente tecnológico.” (Serra, 2007).

No entanto existem vários problemas associados a esta aquisição são exemplos a dislexia “Síndrome particular, que se traduz em dificuldades de distinção ou memorização de letras ou grupos de letras e problemas de ordenação, de ritmo e de estruturação das frases, prejudicando simultaneamente a leitura e a escrita.” (Fonseca, 1999); a disgrafia que é uma perturbação na componente motora do ato de escrever, provocando compressão e cansaço muscular, que por sua vez são responsáveis por uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas e a disortografia que “é uma perturbação específica da escrita que altera a transmissão do código linguístico ao nível dos fonemas, dos grafemas, da associação correta entre estes, no que respeita a peculiaridades ortográficas de certas palavras e regras de ortografia.” (Serra, 2007:15).

É necessário que o docente saiba identificar os vários problemas, pois muitas vezes são os professores que conseguem diagnosticar e quanto mais cedo forem detetados maior será a evolução e melhoramento do aluno.

Em relação à leitura segundo Inês Sim-Sim “Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto. Por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto. É por isso que, perante o mesmo texto, dois leitores podem obter níveis de compreensão diferentes e o mesmo leitor, perante dois textos diversos, pode atingir níveis de compreensão distintos.”.

A compreensão da leitura é um processo complexo que envolve o que o leitor conhece sobre a sua própria língua, sobre a vida, sobre a natureza dos textos a ler e sobre processos e estratégias específicas para obtenção do significado da informação registada através da escrita. O ensino da compreensão da leitura tem de incluir, portanto, estratégias pedagógicas direccionadas para o desenvolvimento do conhecimento linguístico das crianças, para o alargamento das vivências e conhecimento que possuem sobre o Mundo e para o desenvolvimento de competências específicas de leitura.

O grande objetivo do ensino da compreensão da leitura é o desenvolvimento da capacidade para ler um texto fluentemente, o que implica precisão, rapidez e expressividade na leitura. A rapidez de leitura envolve o reconhecimento instantâneo de palavras, libertando a atenção e a memória para a recuperação do significado da

frase (e do texto) e permitindo o treino da leitura expressiva. Um leitor fluente reconhece as palavras automaticamente e sem esforço, agrupa-as, acedendo rapidamente ao significado de frases e de expressões do texto.

Senti necessidade de pesquisar e relembrar os métodos de iniciação da escrita e da leitura, porque senti que um dos poucos fracos da turma em que estou a estagiar é a leitura. Os alunos têm imensa dificuldade em ler, leem silabicamente ainda. Após pesquisar sobre os métodos, questionei a professora cooperante e percebi que aprenderam com o método sintético.

Setembro de 2013

ANEXO J - Avaliação dos alunos à professora estagiária

- 1) Na tua opinião como correram as aulas lecionadas?
- 2) Em qual das disciplinas tive melhor prestação?
- 3) Das atividades realizadas, qual a que gostas-te mais?
- 4) Quais os aspetos que tenho de melhorar?

Classifica a professora estagiária de 0 a 5:

Pessoa atenciosa e interessada.	Respeito o ritmo dos alunos.	Utiliza material didático.
Sorri com frequência.	Promove o respeito.	Explica os conteúdos
Respeita os alunos.	É exigente quanto às regras.	Relaciona os conteúdos.
Ouve os alunos com atenção.	Realiza atividades.	Aceita e corrige os erros.
Valoriza os trabalhos.	Retira dúvidas	

ANEXO J – O oceano das tabuadas



ANEXO L – Planificação com interdisciplinaridade

Ano de escolaridade: 2º		Turma: A	
Supervisora: Ana Luísa Ferreira		Data: 09/12//2013	
Professora Cooperante:		Hora: 08:30-12:30	
Professora Estagiária: Catarina Carvalho		14:30-17:00	
Áreas curriculares: Português, Matemática, Estudo do Meio			

Área	Blocos/Domínios	Conteúdos/Competências	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português					8:30-10:20 - Acolhimento e escrita do sumário;	- Cartaz; - Marcador; - Bostik; - Quadro;	Modalidade: <i>Formativa</i> - Preenchiment

	Gramática		Manipular e comparar dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua.		<p>- Introdução dos antónimos partindo de um excerto do livro “Tesouro perdido... tesouro recuperado”;</p> <p>- Preenchimento do cartaz alusivo aos antónimos; 9:30-10:20</p> <p>- Recepção do escritor Francim Neto no colégio;</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre o momento</p>	<p>- Marcador; - Cadernos diários; - Lápis; - Caneta</p>	o do cartaz; - Exercícios
Estudo do Meio					<p>11:00 – 12:30</p> <p>- Realização de uma ficha de avaliação</p>	<p>- 23 Fichas de avaliação; - Caneta; - Lápis; - Lápis de cor</p>	Modalidade: <i>Sumativa</i> - Ficha de avaliação trimestral
Matemática	Números e operações	Multiplicação O símbolo «X» e os termos «fator» e	Multiplicar números naturais	Utilizar corretamente o símbolo «X» e os	14:30-16:00 - Apresentação do	- Papel de cenário;	Modalidade: <i>Formativa</i> - Exercícios

				<p>«produto»;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tabuada do 2; - O termo «dobro» - Problemas de um ou dois passos envolvendo situações multiplicativas nos sentidos aditivo e combinatório 			
				<p>termos «fator» e «produto».</p> <p>Construir e saber de memória a tabuada do 2</p> <p>Utilizar adequadamente o termo «dobro»</p>			
				<p>barco do 2;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Registo no caderno diário da tabuada do 2 e da definição de dobro; - Resolução de exercícios no caderno diário 			
				<ul style="list-style-type: none"> - Papagaios; - Cadernos diários; - Lápis; - Borracha; - Caneta; - Quadro; - Marcador 			

Operacionalização:

A aula iniciará com a abertura da lição e escrita do sumário da passada sexta-feira, ditado pelos alunos de modo a lembrarem o que foi lecionado e escrito no quadro pela professora estagiária e copiado para o caderno diário pelos alunos.

O grande tema do dia será relacionado com o livro “Tesouro perdido... tesouro recuperado”, por isso após a abertura da lição e escrita do sumário a professora estagiária introduzirá o conceito de antónimos a partir da descrição do pirata presente no livro. A professora apresentará um cartaz, o qual terá a imagem do pirata e os alunos deverão mencionar as características físicas e psicológicas da personagem, segundo a ilustração e a descrição presente no livro lido. Posteriormente os alunos dirão como seria um pirata com características opostas, introduzindo desta forma os antónimos. O que os alunos dirão será escrito no cartaz e de seguida a professora estagiária apresentará várias imagens de piratas e os alunos deverão escolher qual a que se identifica mais com o pirata descrito pelos alunos.

De seguida, os alunos deslocar-se-ão com as professoras para o local onde estará o escritor Franclim Neto que conversará com os alunos. Já na sala de aula, a professora estagiária dialogará com a turma, sobre o que acharam, o que mais gostaram e menos.

Após a pausa da manhã será distribuída a ficha de avaliação de Estudo do Meio. A professora estagiária distribuirá a ficha, lerá e explicará todos os exercícios, esclarecendo as dúvidas presentes. De seguida, desejará boa sorte à turma e o silêncio instalar-se-á na sala para concentração dos alunos.

Na parte da tarde será introduzida a tabuada do 2. A professora estagiária fará relevo aos conceitos de fator, produto e à propriedade comutativa da multiplicação. Para tal, a professora estagiária apresentará em papel de cenário “O Oceano das Tabuadas”, fará uma pequena introdução com o auxílio à história do pirata estudada. Os alunos serão solicitados para colocarem os papagaios no local correto e escreverão, desta forma, a tabuada do 2. De seguida registarão no caderno diário e realizarão exercícios escritos pela professora estagiária no quadro que os alunos copiarão para o caderno diário e resolverão. Posteriormente serão corrigidos no quadro. Já na sala de estudo resolverão uma ficha de trabalho sobre antónimos e sinónimos.

Eventualidade/Precauções: Caso os alunos terminem as tarefas mais cedo pintarão o desenho alusivo ao Natal em anexo que poderão ser expostos na sala de aula ou corredor

Cartaz do pirata alusivo aos antónimos

Descrição do Pirata:

-
-
-
-
-
-
-
-
-



Como seria um pirata com as características opostas?

O cartaz será realizado em cartolina e preenchido pelos alunos. Os alunos deverão mencionar as características e a professora estagiária mencionará. O cartaz será exposto na sala de aula.

Tabuada do 2

Diálogo introdutório:

O nosso pirata foi viajar e ao longo da sua viagem foi apanhando papagaios. Os papagaios são muito sociáveis, não gostam de estar sozinhos, mas também todos juntos portam-se muito mal. Então, o pirata quer juntá-los dois a dois para os organizar. Mas ele pediu-me ainda que em cada haste do mastro a diferença de papagaios seja de 2, sendo que tem menos papagaios na haste mais alta. Vamos ajudá-lo?



Na bandeira o barco dirá "O barco do 2". O papel de cenário terá 2,50m X 1,20m.

Será preenchido com os seguintes papagaios pelos alunos, o outro lado do mastro será preenchido pelos alunos com a tabuada, ex: $2 \times 1 = 2$, sendo que estará alinhado com os papagaios.

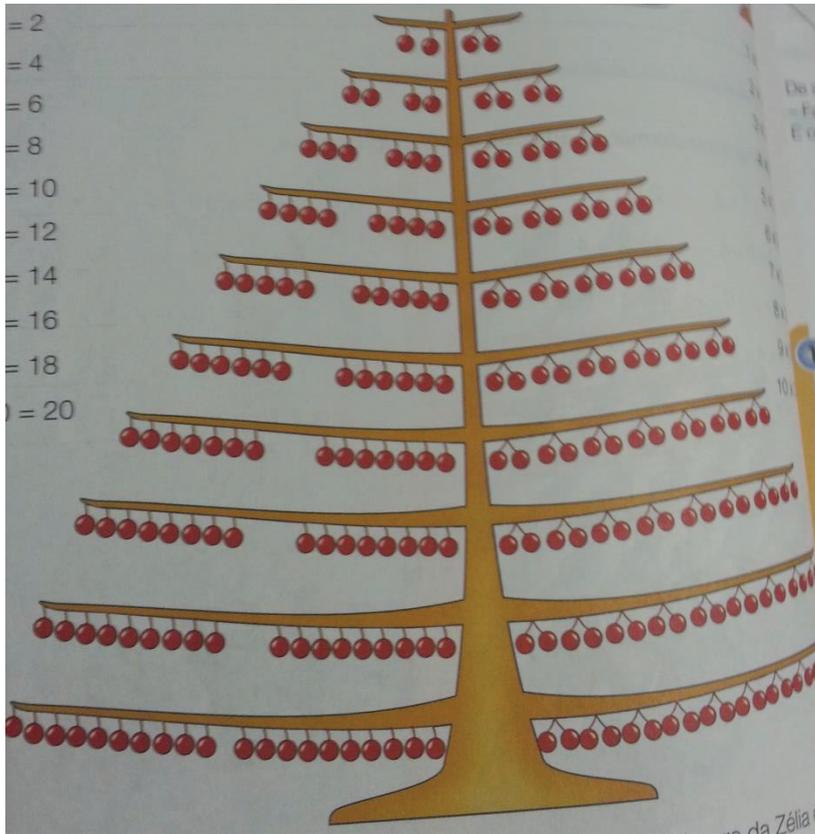
O papagaio. (São necessários 104 papagaios)



Diálogo após a colocação dos papagaios pelos alunos:

Mas afinal quantos papagaios tem o pirata? Ele quer saber! Vamos lá ajudá-lo. São tantos! E agora como vão contar? Vamos utilizar a multiplicação para facilitar a contagem, que acham? Vamos contar primeiro por hastes. Vamos a isso.

A ideia do barco foi inspirada nesta imagem:



No entanto serão logo agrupados dois a dois e o outro lado será a tabuada por escrito.

Nota: Este trabalho será afixado na sala de aula e posteriormente deverá ser preenchido com mais barcos com as próximas tabuadas estudadas.

Exercícios da tabuada e dobro para copiar para o caderno diário:

1) Responde:

O dobro de 1 é _____.

O dobro de 2 é _____.

O dobro de 4 é _____.

O dobro de 5 é _____.

O dobro de 8 é _____.

O dobro de 6 é _____.

O dobro de 9 é _____.

O dobro de 7 é _____.

2) O pirata resolveu trocar de barco. O barco atual tem 8 janelas. Sabendo que o barco novo tem o dobro das janelas. Quantas janelas tem o barco do pirata?

3) O filho do pirata tem 5 anos. O pirata tem o dobro da sua idade, que idade tem o pirata? E o pai do pirata tem o dobro da idade do pirata. Que idade tem?

Ficha de trabalho sobre antónimos e sinónimos para a Sala de Estudo:

Será fotocopiada do livro.

4 SINÓNIMOS

Algumas palavras têm um significado equivalente. Chamam-se **sinónimos**.
Ex.: *Que lindas rosas vermelhas!*
Que lindas rosas encarnadas!



PRÁTICO

- Faço corresponder as palavras da esquerda aos seus sinónimos.

formoso 1	inacabado e
divertido 2	embaraçado b
envergonhado 3	cruel c
incompleto 4	bonito d
malvado 5	animado f
- Em cada série, risco a palavra que não é sinónima das restantes.

a) alto elevado baixo grande	b) compreender comunicar entender perceber	c) afeto amizade carinho interesse
---	---	---
- Com a ajuda do dicionário, procuro sinónimos das palavras sublinhadas no texto.

Uma raposa ágil e matreira trazia uma vinha debaixo de olho, ansiosa por poder provar o gosto das uvas. Porém, não havia meio de conseguir entrar na vinha pela única fenda aberta no muro circundante. Pôs-se a pensar na forma de ultrapassar o obstáculo e lembrou-se de que uma dieta de três ou quatro dias poderia ser a desejada solução.

José Jorge Letria, Lendas e Contos Judaicos



3.1. Coloco por ordem alfabética os sinónimos que encontrei.

ANTÓNIMOS

Algumas palavras têm significados opostos. Chamam-se **antónimos**.
Ex.: *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*



PRÁTICO

- Numero corretamente os antónimos de cada palavra.

1 irritar	2 brilhante	3 gritar	4 lavado
5 sussurrar	6 ocultar	7 acalmar	8 sujo
			9 mostrar
			10 baço
- Escrevo antónimos das palavras dadas, utilizando os prefixos *des-* e *in-*.
 - Definido
 - Gratidão
 - Agradável
 - Aparecer
- Leio o texto que se segue.
 - O cabelo está comprido
 - dá trabalho a pentear
 - quando vou comer a sopa
 - ponho um gancho para agarrar.
 - Os sapatos apertados
 - porque os pés estão a aumentar
 - os vestidos mais curtinhos
 - mesmo mesmo a rebenatar.

José Faiba, A noite em que a noite não chegou



3.1. Registo os antónimos das palavras sublinhadas.

75

Pintura que poderá ser afixado



Ano de escolaridade: 2º		Turma: A
Supervisora: Ana Luísa Ferreira		Data: 10/12/2013
Professora Cooperante:		Hora: 08:30-12:30
Professora Estagiária: Catarina Carvalho		14:30-17:00
Áreas curriculares: Matemática, Estudo do Meio, Português, Expressões Artísticas		

Área	Blocos/Domínios	Conteúdos/Competências	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Matemática	Números e operações	Multiplicação O símbolo «X» e os termos «fator» e «produto»; - Tabuada do 2; - O termo «dobro» - Problemas de um	Multiplicar números naturais	Utilizar corretamente o símbolo «X» e os termos «fator» e «produto». Construir e saber de memória a tabuada do 2	8:30-10:20 - Acolhimento, abertura da lição e escrita do sumário; - Resolução de uma ficha de trabalho sobre a multiplicação,	- Quadro; - Marcador; - Cadernos diários; . Lápis; - Borracha; - Caneta	Modalidade: <i>Formativa</i> - Ficha de trabalho

Estudo do Meio	À descoberta dos outros e das instituições	ou dois passos envolvendo situações multiplicativas nos sentidos aditivo e combinatório		Utilizar adequadamente o termo «dobro»	tabuada do 2 e o dobro, em grande grupo no quadro;		
				Utilizar, de forma integrada e transversal conceitos essenciais para a compreensão das profissões.	<p>11:00-12:30</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo com os alunos sobre as profissões; - Registo no caderno diário das profissões e instrumento de trabalho; - Resolução de exercícios do manual, individualmente, da pág. 53 à 57 e do livro de fichas págs. 23 e 24 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - Marcador; - Cadernos diários; - Lápis; - Borracha; - Caneta; - Manual adotado; - Livro de fichas 	<p>Modalidade: <i>Diagnóstica:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Questões introdutórias <p><i>Formativa:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios do manual
Português	Educação			Compreender o essencial dos textos	<p>14:30 – 15:15</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação do texto: “A primeira prenda do Pai 	<ul style="list-style-type: none"> - Manual de Português adotado; - Lápis; - Borracha; 	<p>Modalidade: <i>Formativa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios do manual; - Ficha do

	<p>Literária</p>	<p>Expressar-se por iniciativa própria: — em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos...); Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).</p>	<p>escutados e lidos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações. <p>Ouvir ler e ler textos literários</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir ler e ler - Nome comum e nome comum coletivo. - Flexão nominal – número (singular plural); género (masculino, feminino). 	<p>essencial dos textos escutados e lidos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações. <p>Ouvir ler e ler textos literários</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir ler e ler <p>Prestar atenção ao que ouve de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> – responder a questões acerca do que ouviu; – apropriar-se de novos vocábulos; – identificar palavras desconhecidas; <p>Ler com progressiva autonomia pequenos textos</p>	<p>Natal”;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realização dos exercícios presentes no manual em grande grupo, págs. 58 e 59; - Realização da ficha do livro de fichas de Português relativa ao texto estudado, individualmente, pág. 22 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de fichas de Português; - Quadro; - Marcador 	<p>livro de fichas</p>
--	-------------------------	--	--	--	--	--	------------------------

Operacionalização:

Hoje o tema do dia será o Natal e as profissões!

A aula iniciará com a escrita do sumário e a abertura da lição pela professora estagiária no quadro e cópia dos alunos para o caderno diário.

De seguida será distribuída pela professora estagiária uma ficha de trabalho de Matemática com exercícios de problemas sobre a tabuada do 2 e do dobro. Todos os exercícios estarão, ainda, relacionados com o Natal e as profissões. A ficha de trabalho será feita em grande grupo, pelos alunos no quadro.

Após a pausa da manhã, será iniciado o estudo das profissões. Para tal a professora estagiária dialogará com os alunos sobre as profissões. Assim, a professora estagiária aproveitará o tema do Natal para referir algumas profissões, nomeadamente o Pai Natal como profissão e profissões relacionadas. A professora estagiária questionará os alunos sobre profissões que conhecem, as dos pais, assim como “o que querem ser quando forem grandes” e registarão no quadro e caderno diário. Posteriormente os alunos realizarão exercícios do manual da pág. 53 à 57e do livro de fichas de Estudo do Meio págs. 23 e 24.

A parte da tarde iniciar-se-á com a leitura e compreensão do texto “A primeira prenda do Pai Natal”. Inicialmente a professora estagiária questionará os alunos sobre o que o título lhes sugere e dialogarão sobre o Natal. Após a leitura do texto e algumas questões orais de interpretação e análise do texto a nível de gramática e de interpretação, os alunos realizarão os exercícios propostos pelo manual em grande grupo das págs. 58 e 59 e, de seguida, a ficha do livro de fichas de Português relativo ao texto estudado da pág. 22, individualmente.

Seguir-se-á a Expressão Plástica com o objetivo de decorar a sala de aula. A professora estagiária colocará músicas natalícias de fundo.

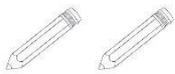
Precauções/Eventualidades: Caso os alunos terminem mais cedo realizarão a cópia do texto “A primeira prenda do Pai Natal”.

Ficha de trabalho de Matemática

Nome: _____

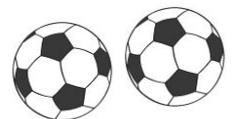
Data: ___/___/___

1) Completa usando a adição e a multiplicação.



$$\underline{\quad} + \underline{\quad} = \underline{\quad}$$

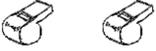
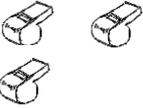
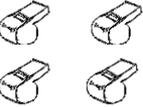
$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = \underline{\quad}$$



$$\underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} = \underline{\quad}$$

$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = \underline{\quad}$$

2) Completa a tabela:

	1
	
	
	



	O dobro de 1 é ____.
4	O dobro de ____ é 4.
	O dobro de ____ é ____.
	O dobro de ____ é ____.

3) Faz a correspondência entre as diferentes representações do mesmo número.

2 X 5

2 X 8

2 X 9

2 X 3

16

6

18

10

Uma dezena e seis unidades.

10 unidades.

Seis unidades.

Uma dezena e oito unidades.

4) A professora disse que um ano tem 4 estações e dois anos têm o dobro. Então, dois anos têm:

$$\underline{\quad} + \underline{\quad} = \underline{\quad}$$

Ou $\underline{\quad} \times \underline{\quad} = \underline{\quad}$

O dobro de 4 é $\underline{\quad}$.

5) Completa:

$2 \times 5 = \underline{\quad}$
$2 \times \underline{\quad} = 8$
$8 \times \underline{\quad} = 16$
$2 \times \underline{\quad} = 2$
$2 \times 9 = \underline{\quad}$
$2 \times \underline{\quad} = 4$
$2 \times 3 = \underline{\quad}$
$\underline{\quad} \times 6 = 12$
$7 \times \underline{\quad} = 14$
$2 \times 10 = \underline{\quad}$

Resolve os seguintes problemas recorrendo à multiplicação:

- 6) O Pai Natal tem 7 crianças para distribuir carrinhos. Sabendo que vai oferecer dois carrinhos a cada uma, quantos carrinhos tem de ter o Pai Natal?

R: _____

- 7) No jogo de futebol o João, que é um ótimo jogador, marcou 3 golos na primeira parte e marcou na segunda o dobro. Quantos golos marcou o João?

R: _____

- 8) A família do Tiago adora limonada. No dia-a-dia eles são 4 pessoas, no entanto no Natal são o dobro. Ajuda o Tiago nas quantidades para poder fazer a limonada.

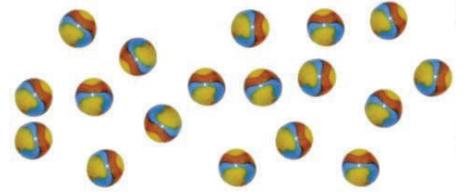
4 pessoas:

2 litros de água, 1 limão,
50 g de açúcar.

___ pessoas:

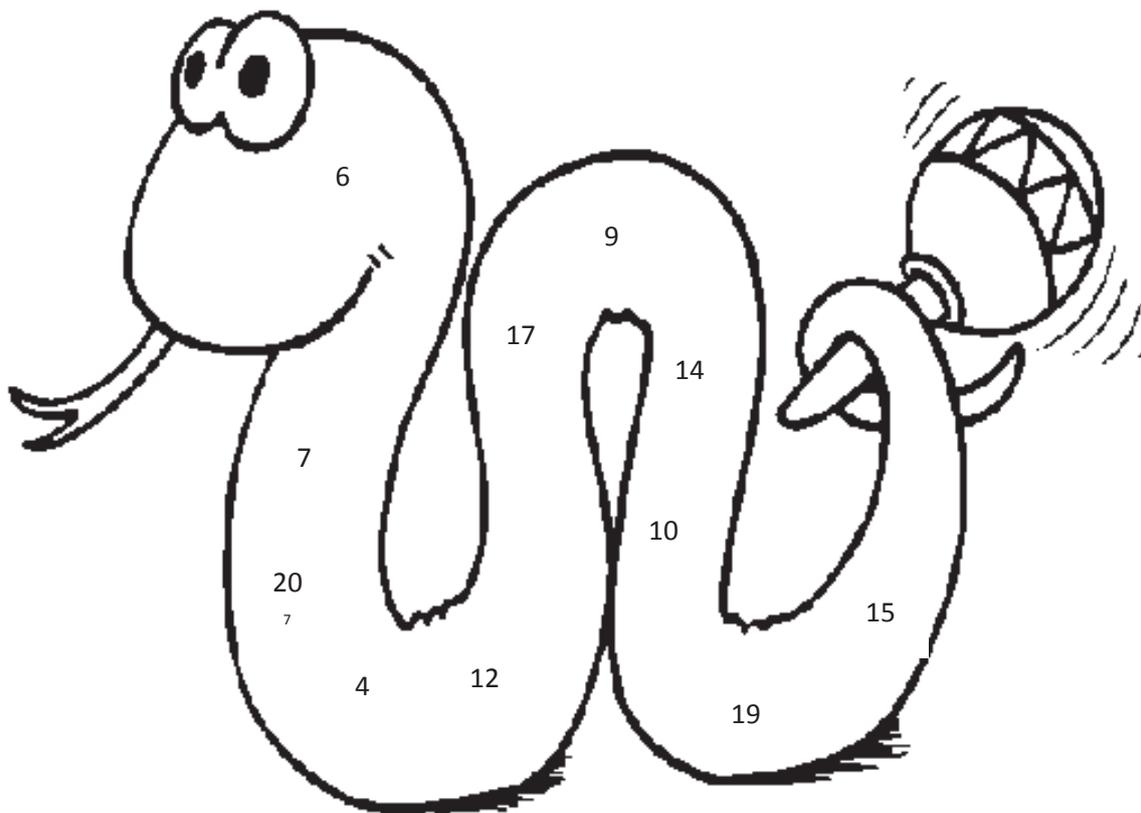
R: _____

9) No Natal o Ricardo recebeu 18 berlindes e vai agrupá-los em conjuntos de 2 berlindes. Quantos conjuntos de 2 berlindes consegue fazer?



R: _____.

10) O veterinário descobriu que a cobra engoliu alguns números. Pinta os que pertencem à tabuada do 2.



Diálogo introdutório das profissões

- Agora, que estamos na época do Natal, vamos pensar... O Pai Natal é uma profissão?
- Então, afinal o que é uma profissão?
- O Pai Natal tem um trenó. Quem terá feito o trenó? (Carpinteiro)
- E a sua casa? (Construtor civil)
- E as renas? Precisam de estar bem de saúde para poderem trabalhar tanto nesta época. Quem tratará delas? (Veterinário)
- E do Pai Natal? (Médico)
- Acham que o Pai Natal também toma vacinas como nós para prevenir as doenças? Se calhar toma. Ainda para mais trabalha no Inverno com este frio durante a noite... Como se chama aquela escola que dá as injeções? Esqueci-me, ajudem-me lá. (Enfermeiro)
- O Pai Natal para ler as nossas cartas é porque sabe ler e escrever. Quem terá lhe ensinado? (Professor)
- Como será a casa do Pai Natal? Estará arrumada? Quem arrumará? Será ele ou... (Empregada)
- Não acham que o Pai Natal precisava de um fato novo? Acho que devíamos de arranjar alguém para lhe fazer um fato à medida. Quem? (Costureira)
- Acham que ficava mais bonito sem barba e cabelo pequeno? Teríamos de levá-lo a um... (Cabeleireiro)
- Ouvi dizer que o Pai Natal cozinha muito bem, ou seja é um ótimo... (Cozinheiro)

Lista de profissões antigas, profissões recentes, instrumentos (registro no caderno)

Profissões que já são poucas:

- Polícia sinaleiro;
- Amolador;
- Ardina;
- Engraxador;

As novas profissões:

- Ilustrador gráfico
- Engenheira de projetos de energia eólica

Profissões e instrumentos:

- Cozinheiro – panela;
- Carpinteiro – martelo;
- Professora – giz;
- Enfermeiro – seringa;
- Árbitro – apito;
- Futebolista- bola

Diálogo introdutório para o estudo do texto “A primeira prenda do Pai Natal”:

- Onde costumam passar o Natal?
- Com quem?
- O que costumam fazer?
- O que costumam comer?
- Gostam do Natal? Porquê?
- Acham que nos outros países também se festeja assim? Como imaginam?

- Sabem que há países que é Verão, passam o Natal com calor...
- O quê que o título do texto vos sugere? De que irá tratar?

Questões orais após leitura:

- Será pedido o reconto do texto.
- Quem são as personagens do texto?
- Qual é a autora? A editora? Foi retirado de algum texto? De qual? Em que ano foi escrito?
- Alguma palavra desconhecida? Qual?
- O texto presente é uma prosa ou poesia?
- Por quantos parágrafos é constituído o texto?
- Dá-me um exemplo de um nome próprio presente no texto.
- Dá-me um exemplo de um nome comum presente no texto.
- Dá-me um exemplo de um nome comum, no feminino, plural, presente no texto?

Trabalhos para o Natal – Expressão Plástica

Serão distribuídos aos alunos um pedaço de cartolina, na qual eles terão de delinear a sua mão e decorá-la. Posteriormente a professora estagiária juntará todas as mãos formando a árvore que será colada na porta da sala de aula.



Com os pauzinhos de madeira que são utilizados pelos médicos, olhos, algodão e cartolina fornecida pela professora estagiária. Cada aluno fará o seu Pai Natal, que será exposto no corredor, por cima dos cabides de cada aluno.

Serão distribuídas aos alunos a fita brilhante, cartolina e a cara. Os alunos decorarão e colarão as várias partes do corpo formando o anjo. De seguida, com arame, serão pendurados na sala.



Ano de escolaridade: 2º	Turma: A
Supervisora: Ana Luísa Ferreira	Data: 11/12//2013
Professora Cooperante:	Hora: 08:30-12:30
Professora Estagiária: Catarina Carvalho	
Áreas curriculares: Matemática, Português, Expressão Plástica	

Área	Blocos/Dominios	Conteúdos/Competências	Descritores de Desempenho	Metas de Aprendizagem	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Expressões Artísticas: - Expressão Plástica					8:30-9:30 - Ficha de avaliação de Expressão Plástica	- 23 Fichas de avaliação; - Lápis; - Caneta; - Borracha	Modalidade: <i>Sumativa</i> - Ficha de avaliação trimestral
Português	Conhecimento explícito da língua			Apropriar-se de novos vocábulos - Reconhecer o significado de novas	9:30-10:30 - Introdução do uso do dicionário; - Procura e registo	- Dicionário - Lápis; - Caneta; - Cadernos diários; - Quadro;	Modalidade: <i>Formativa</i> - Caderno diário

Operacionalização:

A aula iniciará com a abertura da lição e escrita do sumário pela professora estagiária no quadro e registo do caderno diário pelos alunos. De seguida, a professora estagiária distribuirá a ficha de avaliação de Expressão Plástica, lerá, esclarecerá dúvidas e desejará boa sorte.

Após a ficha de avaliação de Expressão Plástica a professora estagiária distribuirá os dicionários pelos alunos. Posteriormente explicará como se utiliza o dicionário, recordando a ordem alfabética. Procurarão algumas palavras em grande grupo inicialmente e depois a professora estagiária escreverá no quadro uma lista de palavras para os alunos procurarem individualmente. De seguida os alunos colarão nos cadernos diários um quadro sobre os antónimos.

Já após a pausa da manhã a professora estagiária lerá e explicará os exercícios do manual da pág. 71 à 74 e do livro de fichas de Matemática págs. 35 e 36 que os alunos deverão realizar. À medida que terminam a professora estagiária corrigirá e solicitará alunos para corrigirem no quadro. Os exercícios que suscitarem mais dúvidas deverão ser corrigidos no quadro e explicados pela professora estagiária.

Palavras para procurar no dicionário

Hospedeira;

Azevinho;

Promessa;

Tenaz;

Natal;

Ascendente;

Medíocre;

Tecelão;

Celebridade;

Potencial;

Argila;

Sorna;

Subchefe;

Abaixo-assinado

A lista poderá ser aumentada, conforme a professora estagiária se aperceber do ponto de situação da turma.

Quadro dos antónimos para o caderno

 **Informação**

Em alguns casos, para obter antónimos, acrescenta-se **des-**, **in-**, **im-**, **ir-** ou **i-** no início da palavra, tal como podemos verificar nos seguintes exemplos.

Palavra inicial	Acrescentar	Palavra antónima
contente	des-	descontente
colar	des-	descolar
atar	des-	desatar
feliz	in-	infeliz
completo	in-	incompleto
capaz	in-	incapaz

Palavra inicial	Acrescentar	Palavra antónima
perfeito	im-	imperfeito
puro	im-	impuro
possível	im-	impossível
real	ir-	irreal
moral	i-	imoral
móvel	i-	imóvel

O quadro será fotocopiado do livro para melhor qualidade de imagem

ANEXO M – Debate do 2º CEB

Data: 28/03/2014

Hora prevista: 10:20-11:50

Turma: 6ºA

Professoras estagiárias: Catarina Carvalho e Diana Pinto

Professora cooperante:

Tema: A preservação do Ambiente

Regras para o debate:

- 1) Tens de trazer o tema investigado;
- 2) Para participar deves colocar o dedo no ar;
- 3) Só é permitido falar após a autorização do moderador ou das professoras;
- 4) Não podes interromper o colega;
- 5) Não são permitidas conversas paralelas;
- 6) Apenas podes expor argumentos relacionados com o tema;
- 7) Tens 3 minutos para apresentares os teus argumentos;
- 8) Tens de justificar o teu ponto de vista;
- 9) Tens de participar obrigatoriamente;
- 10) Tens de respeitar a opinião do colega;
- 11) Deves usar linguagem adequada ao momento de avaliação;

Consequências:

Sempre que quebrares uma regra é-te atribuído um ponto negativo;

Quando tiveres cinco pontos negativos és excluído do debate;

A exclusão do debate representa 0 na avaliação.

Grupos:

Grupo a favor	Grupo contra
Gonçalo Pacheco	João Nuno
Ana Raquel	Sara
Nuno	Catarina
Ana Luísa	Afonso
Gonçalo Afonso	António
Eliana	Guilherme Mota
João Pedro	Francisca Ferreira
Diana	Carlos
Francisca Santos	Gonçalo Cunha
Inês	André
João Gonçalo	

Moderador: Rafaela

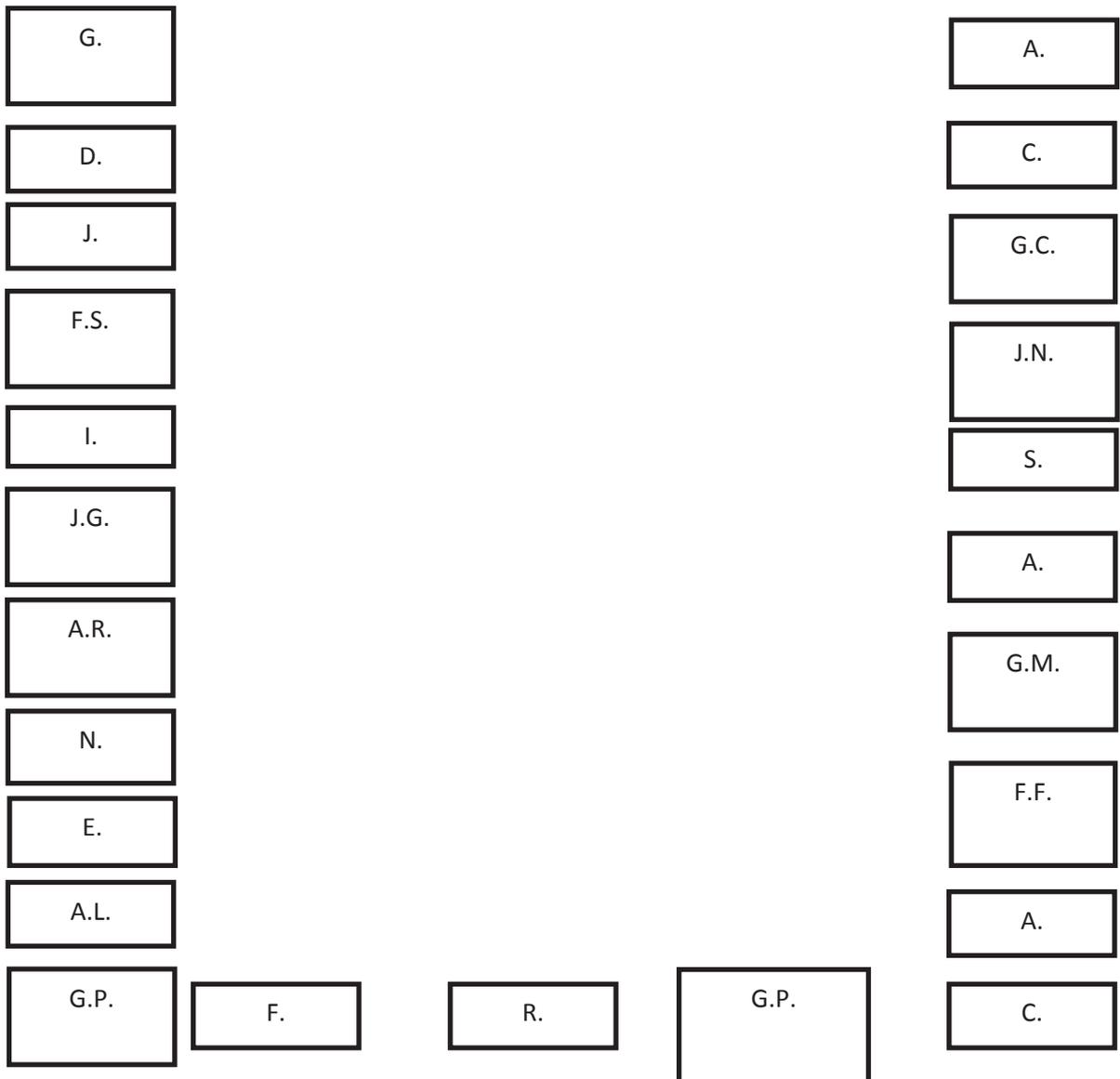
O moderador deve:

- Iniciar o debate;
- Apresentar o tema;
- Dar a palavra aos intervenientes;
- Pedir esclarecimentos;
- Impedir desvios do tema;
- Controlar o tempo;
- Encerrar o debate;
- Fazer uma síntese das conclusões.

Secretários: Guilherme Parente e Filipa (registarão as ideias dos intervenientes, a favor e contra, para no final facilitar as conclusões).

Material necessário: Fonte de pesquisa, papéis com os nomes, acetato, retroprojeter, grelha de avaliação dos alunos e regras do debate, duas ampulhetas, material de escrita, triângulo e ferrinho (instrumento musical).

Planta:



Produto final: Elaboração de um cartaz, apresentando os argumentos mais relevantes para a temática, assim como, imagens/notícias relacionadas com o ambiente.

Metas Curriculares de Português:

Oralidade 6º Ano

Produzir discursos orais com diferentes finalidades e com coerência.

1. Planificar um discurso oral, definindo alguns tópicos de suporte a essa comunicação e hierarquizando a informação essencial.
2. Fazer uma apresentação oral (máximo de 4 minutos) sobre um tema, distinguindo introdução e fecho, com recurso eventual a tecnologias de informação.
3. Captar e manter a atenção de diferentes audiências (com adequação de movimentos, gestos e expressão facial, do tom de voz, das pausas, da entoação e do ritmo).
4. Respeitar princípios reguladores da interação discursiva, na formulação de pedidos (com uso apropriado dos modos imperativo, indicativo e conjuntivo), na apresentação de factos e de opiniões.
5. Tratar um assunto com vocabulário diversificado e adequado.
6. Controlar as estruturas gramaticais correntes e algumas estruturas gramaticais complexas (pronominalizações; uso de marcadores discursivos).

Compreender e apresentar argumentos.

1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.
2. Justificar pontos de vista.
3. Construir uma argumentação em defesa de uma posição e outra argumentação em defesa do seu contrário (dois argumentos para cada posição) sobre um mesmo tema, proposto pelo professor.

ANEXO N – Foto do dia da alimentação



ANEXO O – As TIC:



Apresentação de um vídeo sobre os gémeos



Ficha de Trabalho de TIC

Nome: _____

Data: ___/___/___

1. Faz a correspondência entre os logótipos e a sua função.



•

•

Nestes programas pode-se navegar na Internet, para obter informações variadas, imagens, sons, vídeos e jogar jogos – **Internet Explorer, Mozilla Firefox e Chrome.**



•

•

Neste programa podem-se criar desenhos e editar imagens – **Paint.**



•

•

É uma ferramenta utilizada para enviar e receber *e-mails*, publicidade, faturas, fotografias e outros documentos – **Correio eletrónico (Email).**



•

•

Neste programa pode-se criar e apresentar textos. Nas apresentações pretende-se informar sobre um determinado tema, podendo-se utilizar imagens, sons, vídeos e textos – **PowerPoint.**



•

•

Neste programa pode-se escrever textos e formatá-lo (a formatação do texto consiste na sua mudança do tipo de letra, da sua cor, do seu tamanho e estilo) – **Word.**



•

•

Neste programa pode-se realizar cálculos e construir gráficos – **Excel.**



•



•

•

ANEXO P – História criada pela professora estagiária:

Estou prestes a nascer!



Olá!

Pelo que já ouvi, vou-me chamar Matilde.
E estou prestes a nascer!

Mas sabes? A
minha história
não vai começar
só agora... Vamos
ver como tudo
começou...



A Matilde está prestes a nascer!

Mas a sua vida já começou há 9 meses atrás...

Vamos descobrir como?
A Matilde vai nos contar...

Tudo começou assim...

Os espermatozoides
do pai rodearam o
óvulo da mãe. Até que
um deles acabou por
penetrar no seu
interior...

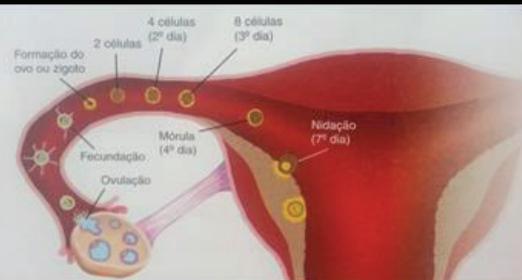


Assim, deu-se o processo da **fecundação**, do qual
formou-se um **ovo**. Começava aqui esta longa viagem...
Já estando definido, desde então, o meu sexo.

De seguida, a mórula
continuou o seu percurso
pelo corpo da minha mãe,
até atingir o útero e aí se
alojar – **nidação**.



As células da mórula continuaram a dividir-se,
formando o **embrião** e o **saco amniótico**.



Passadas
trinta horas
da
fecundação,
ainda na
trompa de
Falópio, o
ovo, dividiu-
se em duas
células.

Passadas cerca de quarenta e cinco horas, as
duas células dividiram-se sucessivamente...
Até se formar um conjunto de células
parecido com uma amora – a **mórula**.

Este saco amniótico continha um líquido amniótico, que
me protegeu ao longo desde 9 meses contra os choques e
as variações da temperatura.

Assim, estive sempre protegida durante este tempo todo.

Ao longo destes meses, estive sempre em contacto com o organismo da minha mãe através do **cordão umbilical** e da **placenta**. Foi assim, que recebi sempre nutrientes e oxigénio que me mantiveram viva.



No **primeiro mês** parecia-me, ainda, muito pouco com um ser humano.

No entanto, já sentia o meu cérebro e a espinhal medula a desenvolver-se.



E... O meu coração já batia!

Tinha cerca de 1mm de tamanho.



Ao fim das 10 semanas pesava cerca de 14 gramas. E, apesar de ainda muito pequenina, os órgãos essenciais estavam quase formados. Tenho o tamanho de uma noz.

Os médicos, começam, então, a designar-me por **feto** e não por embrião.



Durante o segundo trimestre do período gestacional, comecei a ouvir as vozes dos meus pais e a sentir o coração da minha mãe.

Comecei a mexer-me mais. Dei muitos pontapés à minha mãe. E percebi, que ela me estava a sentir dentro dela.

Eu estava cada vez maior!

Por volta das 28/29 semanas, comecei a conseguir abrir os olhos, cresceu-me a cabeleireira e a minha pele era ainda muito enrugada.



Por esta altura, comecei a ter unhas e a aparecer-me as impressões digitais.



Comecei a crescer e a formar-me rapidamente. Adaptei-me ao corpo da minha mãe e, agora, voltei-me de cabeça para baixo, preparando-me para o meu nascimento.



Mãe, pai estou preparada para ir para o vosso colo!

ANEXO Q – Planificação com recurso às TIC

<p>Ano de escolaridade: 6º</p> <p>Supervisora: Ana Gomes</p> <p>Professora Cooperante:</p> <p>Professora Estagiária: Catarina Carvalho</p> <p>Unidade Curricular: Matemática</p> <p>Aula nº 133/134</p> <p>Sumário: Introdução à representação e interpretação de dados.</p>	<p>Turma: A</p> <p>Data: 17/03/2014</p> <p>Tempo: 90 minutos</p> <p>Hora: 10:20-11:50</p>
---	---

Conteúdos	Competências a desenvolver	Metas Curriculares	Estratégias/Atividades	Tempo	Recursos	Avaliação
Organização e Tratamento de Dados	<p>Representação e tratamento de dados</p> <p>- População e unidade estatística;</p>	<p>Organizar e representar dados</p> <p>- Identificar «população estatística» ou simplesmente «população» como um conjunto de elementos,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura da lição e escrita do sumário; - Distribuição e preenchimento de um inquérito; - Análise dos dados obtidos no inquérito; - Registo dos conceitos nos cadernos diários 	<p>3’</p> <p>10’</p> <p>45’</p> <p>10’</p>	<p>Computador;</p> <p>Projeto;</p> <p>Cadernos diários;</p> <p>Material escrita;</p> <p>Manual adotado;</p> <p>Calculadora</p>	<p>Avaliação Formativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios do manual; - Grelha de avaliação da participação

	<p>- Variáveis quantitativas e qualitativas;</p> <p>- Análise de conjuntos de dados a partir da média, moda.</p>	<p>designados por «unidades estatísticas», sobre os quais podem ser feitas observações e recolhidos dados relativos a uma característica comum.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar «variável estatística» como uma característica que admite diferentes valores (um número ou uma modalidade), um por cada unidade estatística. - Designar uma variável estatística por «quantitativa» ou «numérica» quando está associada a uma característica suscetível de ser medida ou contada e por «qualitativa» no caso contrário. 	<p>- Resolução de exercícios (manual pág. 91);</p> <p>- Marcação do trabalho de casa (conclusão dos exercícios do manual).</p>	<p>20'</p> <p>2'</p>	<p>Recursos Humanos</p> <p>Professora e estagiária e alunos</p>	
--	--	--	--	----------------------	--	--

Operacionalização:

A aula será lecionada na sala multimédia.

Para iniciar a aula, a professora abrirá a lição e mencionará o sumário oralmente, o que os alunos deverão registar nos seus cadernos diários.

De seguida, a professora estagiária distribuirá um pequeno questionário à turma, o qual deve ser preenchido individualmente. Posteriormente recolherá os questionários e, juntamente com a turma, selecionará algumas variáveis e, no computador elaborará a tabela de frequências. Para tal, pedirá a ajuda de alguns alunos para a contagem. Ao longo desta construção, serão abordados os conteúdos de frequência absoluta, frequência relativa, variável qualitativa e quantitativa (contínuas e discretas). Depois calcularão a média e moda das variáveis selecionadas.

No final desta atividade, registarão no caderno os conceitos a reter.

Seguir-se-á a realização individual dos exercícios da página 91 do manual adotado. A professora estagiária circulará pela sala de aula esclarecendo dúvidas e auxiliando os alunos.

Para finalizar a aula será marcado o trabalho de casa, que será a conclusão dos exercícios do manual.

Eventualidades/Precauções: Caso os alunos terminem as atividades mais cedo, serão corrigidos oralmente os exercícios do manual da página 91 e o trabalho de casa passará a ser o exercício 5 da página 92.

Questionário a distribuir à turma:

Género: _____

Idade: _____

Peso: _____

Altura: _____

Número de irmãos: _____

Cor dos olhos: _____

Desporto favorito: _____

Nota a matemática do 1º período: _____

Tratamento dos dados:

(Dados fictícios, apenas para exemplo)

Desporto favorito: variável qualitativa

Desporto favorito	Contagem
Futebol	
Dança	
Voleibol	
Ténis	

Tabela de frequências

Desporto	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa (%)
Futebol	15	$15/24 = 0,63$	63
Dança	5	$5/24 = 0,21$	21
Voleibol	3	$3/24 = 0,13$	13
Ténis	1	$1/24 = 0,04$	4

Qual é a moda?

R: É o futebol, o desporto mais popular.

Número de irmãos: variável quantitativa discreta

0 0 0 1 2 3 1 4 3 2

3 0 2 1 4 3 2 1 1 1

0 0 1 2

Número de irmãos	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa (%)
0	6	$6/24=0,25$	25
1	7	$7/24=0,29$	29
2	5	$5/24=0,21$	21
3	4	$4/24=0,17$	17
4	2	$2/24=0,08$	8

Peso: variável quantitativa contínua

Género

Raparigas: 45, 48, 50, 43, 49, 50, 61, 55, 53, 51, 52

Rapazes: 48, 52, 53, 62, 63, 65, 70, 56, 66, 61, 61, 54, 58

Construção de caule-e-folhas

Rapariga	Rapazes
9 8 5 3	4 8
5 3 2 1 0 0	5 2 3 4 6 8
1	6 1 1 2 3 5 6
	7 0

Altura: Variável qualitativa contínua

1,33 1,45 1,47 1,50 1,63 1,63 1,69 1,42 1,66 1,67

1,37 1,49 1,56 1,63 1,61 1,72 1,53 1,54 1,54 1,64

1,39 1,42 1,56 1,61

Agrupar por classes:

Altura (cm) em classes	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa (%)
130 a 140	3	$3/24 = 0,13$	13
140 a 150	5	$5/24 = 0,21$	21
150 a 160	6	$6/24 = 0,25$	25
160 a 170	9	$9/24 = 0,38$	38
170 a 180	1	$1/24 = 0,04$	4

Nota a matemática do 1º período:

3 2 3 4 5 2 3 4 4 4 1 2 2 2 3 4 5 5 1 2 3 3 3 4

Média: $2 \times 1 + 6 \times 2 + 7 \times 3 + 6 \times 4 + 3 \times 5 = 74 / 24 = 3,1$

A média de notas da turma será de aproximadamente 3.

Conceitos para copiar para o caderno:

Recolha e organização de dados:

Estatística: é um ramo da Matemática que nos ajuda a recolher, a organizar e a interpretar a informação para tirar conclusões e fazer previsões.

Variável estatística: é qualquer característica de um indivíduo ou objeto à qual se possa atribuir um número ou uma categoria.

Moda: a moda de um conjunto de dados é o dado mais frequente. Um conjunto de dados pode não ter moda ou ter mais do que uma. Se tiver dois valores para a moda o conjunto de dados diz-se bimodal.

Amplitude de um conjunto de dados: é o nome que se dá à diferença entre o máximo e o mínimo desse conjunto de dados.

Frequência absoluta: corresponde ao número de vezes que um dado foi observado.

Frequência relativa: obtém-se dividindo a frequência absoluta pelo número total de observações.

Média aritmética: é o resultado da adição de todos os dados e a divisão desse resultado pelo número total de dados.

Variável qualitativa: não é suscetível a medição ou contagem, mas unicamente de uma classificação, podendo assumir várias modalidades ou categorias.

Variável quantitativa discreta: variável que se refere a características que se podem contar.

Variável quantitativa contínua: variável que se pode medir

Resolução dos exercícios da página 91 do manual:

- 1.1) Variável quantitativa discreta;
- 1.2) Variável qualitativa;
- 1.3) Variável quantitativa contínua;
- 1.4) Variável quantitativa contínua;
- 1.5) Variável quantitativa discreta;
- 1.6) Variável quantitativa contínua;
- 1.7) Variável quantitativa discreta.

2.1) Variável quantitativa contínua.

2.2) A moda é 34.

2.3) $1 \times 30 + 1 \times 31 + 3 \times 32 + 4 \times 34 + 1 \times 35 + 1 \times 36 + 2 \times 37 + 1 \times 38 + 2 \times 39 + 2 \times 40 + 1 \times 42 + 1 \times 44 + 3 \times 45 + 1 \times 47 + 2 \times 50 + 1 \times 52 = 38,8 \text{ kg}$.

O peso médio de um aluno da turma é de 38,8 kg.

2.4) O peso médio dos rapazes é de 39,4 kg.

2.5) O peso médio das raparigas é de 38,3 kg.

3.1)

Nº de irmãos	Freq. Abs.	Freq. Relativa (%)
0	8	27
1	11	36
2	8	27
3	2	7
4	1	3
Total	30	100

3.2) Número de irmãos. Variável quantitativa discreta.

3.3) 19 alunos têm no máximo 1 irmão.

3.4) 22 alunos têm, pelo menos, 1 irmão.

3.5) 27 alunos têm, quando muito, 2 irmãos.

3.6) 10% dos alunos têm mais de dois irmãos.

3.7) dos alunos que têm irmãos, 13,6% tem pelo menos três irmãos.

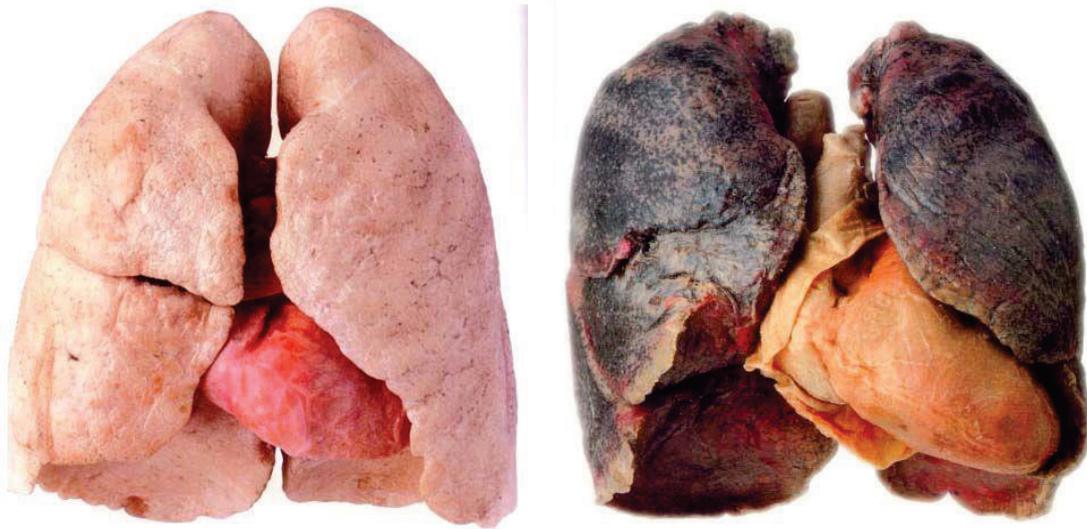
4) Variáveis qualitativas: B, C, H, J.

Variáveis quantitativas discretas: A, F, G, I

Variáveis quantitativas contínuas: D, E, L.

ANEXO R – A atividade das drogas

Projeções:



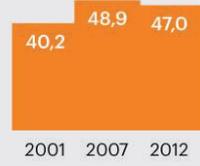
Pulmões de fumadores e de não fumadores.



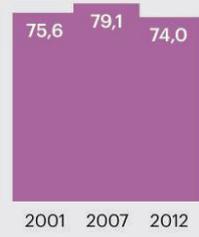
Menos drogas, álcool e tabaco

Prevalência de consumo ao longo da vida - população dos 15 aos 64 anos (em %)

TABACO



ÁLCOOL



DROGAS

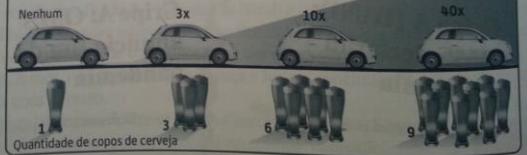


Jovens têm maior índice de sinistralidade

Os jovens entre os 18 e os 24 anos são o grupo etário que conduz mais depressa, que tem o mais elevado índice de sinistralidade rodoviária e cujo maior número de acidentes graves ocorre ao fim de semana. Quanto ao consumo de álcool, o estudo indica que os jovens bebem menos frequentemente que os restantes condutores, mas maiores quantidades de cada vez, atingindo elevadas taxas de alcoolemia.

Agência Lusa, 25 de outubro de 2010

Risco de envolvimento num acidente rodoviário



ANEXO S – Feira dos Saberes:

A banca das professoras estagiárias:



ANEXO T – Fichas Formativas

Nome: _____

Nº: _____ Turma: _____

Data: ___/___/___

EXPRESSÃO ORAL

1) Quando falas ou escreves sobre ti próprio estás a usar um registo **autobiográfico**, ou seja, estás a desvendar aspetos passados ou recentes da tua vida.

1.1) Escolhe quatro momentos que tenham sido importantes para ti e que não te importes de partilhar.

1.2) Apresenta-os à turma: refere a data, ou a idade que tinhas, os locais e os intervenientes, bem como a razão por que os escolheste.

LEITURA E ESCRITA

1) Lê a nota autobiográfica de Conceição Paganele. Lê também um texto autobiográfico sobre a sua infância.

Nome: Conceição Paganele

Apelido: Cecinha

Local e data de nascimento: Conde (Bahia, Brasil), 4 de julho de 1955

Nome dos pais: José António Paganela e Rosalina Alves de Andrade

Brincadeira preferira: Ler livros

Conceição – com 12 anos já era professora

Eu só tenho 12 anos, mas minha história já é bem comprida: dava até um livro! Sou a primeira da fila de 12 irmãos, a menor acabou de nascer. O meu pai, o Biú, sempre quis que a gente estudasse. Até comprou briga com meus tios, o povo aqui da fazenda Teixeira acha que menina só vai pra escola aprender a escrever carta pra namorado!

A gente levanta às cinco da manhã e anda três quilómetros até a cidade pra ir pra aula. Três pra ir, três pra voltar. Mas o sacrifício vale a pena. Olha porque: muita gente daqui tem parente trabalhando em São Paulo que manda notícia por carta. A minha mãe lia e respondia essas cartas, mas agora ela me passou a responsabilidade. Eu com 12 anos só, e todo mundo em minha volta.



O problema é que fico sabendo de cada coisa íntima das famílias... É muito esquisito, fico sem graça. Por isso, resolvi ensinar a criançada a ler e escrever também. Assim, eles ajudam a fazer as cartas, e eu não preciso ficar sabendo dos segredos deles.

Criamos uma escolinha numa sala largada da casa grande da fazenda, onde tem uma mesa bem comprida, mas o fazendeiro não gostou e me expulsou de lá. O meu pai, que acreditava muito em mim, disse que a escola não ia acabar. Serrou uns troncos, e fomos para debaixo da árvore. Mais de vinte meninos sentados com lápis e papel na mão!

Um vereador da cidade ficou sabendo disso, foi lá em casa e falou pro meu pai: «Vamos fazer uma escolinha pra ela. Vai no mato tirar a madeira, que eu vou ajudar.»

Em pouco tempo, a gente tinha uma escola como as da cidade: com lousa, carteiras, material dos alunos. Ah, e uma placa de madeira escrito: Escola Paganele. No fim da tarde, todo mundo sai do trabalho da roça e vai pra casa do meu pai. Sabem pra quê? Para ouvir as histórias que eu leio. Fico sentada ao lado do candeeiro, lendo livros com histórias de onça, de saci, de assombração; e todo mundo prestando atenção. Às vezes olho pro lado e vejo meus tios orgulhosos, rindo de satisfação. Logo eles, que achavam que menina não precisava estudar. Agora, o que eu mais faço na minha vida é ler. Se eu pudesse, só fazia isso na vida.

José Santos, *Crianças do Brasil, suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos*, Peirópolis, 2010

2) Indica duas características que fazem deste texto uma **autobiografia**.

2.1) Que informações presentes na **nota biográfica** da Conceição não são dadas na sua autobiografia?

3) Por que razão Conceição afirma que a sua vida «dava até um livro»?

4) Transcreve do texto duas frases que mostrem como era difícil ir para a escola da cidade.

5) Depois de aprender a ler, que tarefa herda Conceição da sua mãe?

5.1) Por que razão essa tarefa não lhe agrada?

5.2) Qual é a solução que Conceição encontra para deixar de realizar essa tarefa?

6) «Em pouco tempo, a gente tinha uma escola como as da cidade.» De que forma contribuiu cada uma das personagens seguintes para a construção da escola: Conceição, o fazendeiro, o pai de Conceição, o vereador?

6.1) Quais são as vantagens da construção da escola para as crianças da fazenda?

6.2) E para os outros habitantes da fazenda?

7) A partir do texto, indica quatro características de Conceição.

8) O texto foi escrito a partir do depoimento oral de Conceição. O registo que ela utiliza é **formal** ou **informal**?
Justifica a tua resposta com exemplos retirados do texto.

9) Escreve uma **carta** para convidar um escritor para visitar a tua escola. Decide o escritor a convidar e o objetivo da sua visita.

Que diferenças posso encontrar entre o português europeu e o português do Brasil?

1) Recorda a leitura que fizeste do texto «Conceição – com 12 anos já era professora» e reproduz oralmente a primeira frase na variedade brasileira do português.

1.1) Que palavras pronunciaste de maneira diferente?

2) Para além da pronúncia, notaste certamente que há outras diferenças entre o **português europeu** e o **português do Brasil**.

2.1) Identifica, nos exemplos seguintes, cada uma das características do português do Brasil apresentadas em baixo.

«Eu só tenho 12 anos, mas minha história já é bem comprida [...]»
« [...] Muita gente daqui tem parente trabalhando em São Paulo [...]»
«Criando uma escolinha numa sala largada da casa grande da fazenda, onde tem uma mesa bem comprida [...]»

a) O verbo <i>ter</i> pode ser utilizado com o sentido de existir.
b) O gerúndio (cantando) é uma forma verbal muito utilizada.
c) O determinante artigo é pouco utilizado antes do possessivo.
d) Algumas palavras e expressões são usadas com um sentido diferente.

3) Reescreve em português europeu as frases e expressões que se seguem.

a) «Até comprou briga com meus tios [...]»

b) «[...] fico sem graça.»

c) «Vai no mato tirar madeira [...]»

d) «[...] todo mundo prestando atenção.»

4) Para concluíres, rodeia a única alínea que completa corretamente a afirmação.

4.1) Entre o **português europeu** e o **português do Brasil** há diferenças na pronúncia.

a) na construção das frases e no vocabulário.

b) na intenção das frases e no vocabulário.

GRAMÁTICA

1) Nas passagens seguintes, estão identificados constituintes da frase com diferentes funções sintáticas. Completa o quadro com as alíneas correspondentes a esses constituintes.

- a) «[...] ficaria com ódio **às coisas belas.**»
- b) «[...] passeava **pelas ruas da cidade** [...]»
- c) «[...] passava **a mão** pelo seu cabelo [...]»
- d) «[...] passava a mão **pelo seu** cabelo [...]»
- e) «- O espelho é **para os egoístas.**»

Funções sintáticas

Complemento direto	Completo indireto	Complemento oblíquo	Modificador do grupo verbal	Predicativo do sujeito

2) Transcreve das passagens indicadas no exercício 1:

- a) Um verbo intransitivo: _____
- b) Dois verbos transitivos: _____
- c) Um verbo copulativo: _____

3) Completa o quadro com as palavras apresentadas:

pentear	embelezar	desagradável	hidromassagem
deselegantemente	Guarda-fatos		

Formação de palavras

Derivação				Composição
Prefixação	Sufixação	Prefixação e sufixação	Parassíntese	

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

Resolve os seguintes problemas utilizando a relação entre a adição e a subtração:

A Rita e a Inês fazem juntas coleção de vernizes, no entanto a Inês partiu alguns vernizes. Sabendo que inicialmente tinham 98 vernizes e agora têm 32. Quantos vernizes partiu a Inês?

R: _____

O Gustavo tinha 139 cromos, perdeu 23. Quantos cromos tem o Gustavo agora?

R: _____

Descobre o subtrativo das seguintes subtrações:

$130 - \underline{\quad} = 80$

$459 - \underline{\quad} 321 =$

$854 - \underline{\quad} = 15$

Descobre o aditivo das seguintes operações:

$\underline{\quad} - 120 = 340$

$\underline{\quad} - 548 = 125$

$\underline{\quad} - 98 = 356$

Resolve os seguintes problemas recorrendo à técnica da decomposição dos números:

O pai do Carlos comprou-lhe uma bicicleta por 425 euros. Sabendo que o preço da bicicleta era 850 euros, quantos euros gastou a menos o pai do Carlos?

R: _____

O Luís tem um galinheiro. No seu galinheiro tinha 249 galinhas, mas este fim-de-semana morreram 123. Quantas galinhas tem o galinheiro do Luís?

R: _____

A Sofia perdeu 79 das suas 183 canetas. Com quantas canetas a Sofia ficou?

R: _____

ANEXO V – Testes de avaliação realizados pelas estagiárias

Exemplo de uma das fichas de avaliação realizadas pelas professoras estagiárias em 1ºCEB:

Teste Intercalar de Português - 2º Ano Nome _____ Data ___ / ___ / ___	Classificação: _____ Prof. _____ Enc. Ed. _____
--	--

Grupo I

Lê o texto com muita atenção. Presta atenção ao assunto do texto.

O sapo apaixonado

O Sapo estava sentado à beira do rio. Sentia-se esquisito. Não sabia se estava contente ou se estava triste.

Toda a semana tinha andado como que a sonhar. Que é que teria? Então encontrou o Porquinho.

– Olá, Sapo – disse o Porquinho. – Não estás com muito bom ar. Que é que tens?

– Não sei – disse o Sapo. – Tenho vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. E aqui dentro de mim tenho uma coisa que faz tum-tum.

– Talvez estejas constipado – disse o Porquinho. (...)

O Sapo continuou o seu caminho. Estava preocupado. Depois passou por casa da Lebre.

– Lebre – disse ele – não me sinto muito bem.

– Entra e senta-te um bocadinho – disse a Lebre, muito simpática.

– Ora então, que é que tens?

– Umás vezes fico com calor e outras vezes fico com frio. – e aqui dentro de mim tenho uma coisa que faz tum-tum.

A Lebre pensou muito, como um verdadeiro médico. Depois disse:

– Já sei. É o teu coração. O meu também faz tum-tum.

– Mas o meu às vezes faz tum-tum mais depressa do que de costume – disse o sapo. – Faz um-dois, um-dois, um-dois.

A Lebre foi buscar à estante um grande livro e pôs-se a virar as folhas.

– Ah! – disse ela. – Ora ouve. Coração a bater acelerado, ataque de calor e de frio... quer dizer que estás apaixonado!

– Apaixonado? – disse o Sapo, surpreendido. – Ena pá! Estou apaixonado!

E ficou tão contente que deu um salto enorme pela porta fora. (...)

– Já sei! – disse ele. – estou apaixonado pela linda e adorável Patinha branca! (...)

Não sabia escrever, mas sabia fazer bonitas pinturas. Quando voltou para casa fez uma pintura linda (...).

À noite, quando já estava escuro, saiu com a pintura e enfiou-a por baixo da porta da Pata. Com emoção, tinha o coração a bater com toda a força.

A Pata ficou muito admirada quando encontrou a pintura. (...)

Max Velthuijs, *O Sapo Apaixonado*, Caminho, 1998, texto com supressões

Vais agora começar a realizar a tua prova.

1. Qual é o título da história?

2. Quem é o autor da história?

3. Ordena de 1 a 5, de acordo com o texto.

A Lebre consultou um livro.

Ele soube que estava apaixonado.

O Sapo falou com a Lebre sobre o que sentia.

O Sapo sentia-se esquisito.

Passou por casa da Lebre.

4. Como ficou o Sapo quando a Lebre lhe disse que ele estava apaixonado?

5. Assinala as afirmações com V (verdadeira) ou F (falsa), de acordo com o texto.

O Sapo estava sentado à beira mar.

O Sapo falou do seu problema com o Lobo.

O Sapo ficou surpreso ao saber que estava apaixonado.

A Pata ficou admirada com a pintura do Sapo.

6. Completa os espaços

Este texto é _____ e é composto por _____ parágrafos.

Grupo II

7. Pinta da mesma cor as palavras que têm o mesmo significado.

esquisito

surpreendido

acelerado

rápido

estranho

admirado

8. Descobre a palavra intrusa e risca-a.

Livro
Livrete
Livrar

Flor
Florista
Floreira

Calorias
Calor
Calorzinho

9. Faz a ligação entre as palavras do género masculino e as do género feminino.

Pato

Apaixonado

Frio

Surpreendido

Surpreendida

Fria

Pata

Apaixonada

10. Acentua corretamente as frases seguintes:

“Era uma vez uma rapariga tao limpa, tao limpa, tao limpa, que so vestia de branco. E tapava-se com um plastico transparente para nao lhe cair um graozinho de po.”

“Cristovao tinha tres filhos e uma lindissima egua branca.”

“O Fagotes andava ha que tempos deseioso de fazer uma permanente a cauda...”

11. Escreve as seguintes palavras no singular ou plural:

Cão: _____ Balões: _____ Livro: _____

Gota: _____ Formiguinha: _____ Facas: _____

12. Completa as palavras com: an/am, en/em, in/im, on/om, un/um.

an/am

t____bor; b____co; c____po; lav____

en/em

v____to; part____; te____po; nuv____

in/im

i____par; s____patizar; f____; v____te

on/om

c____putador; ____da; b____bo; b____

un/um

at____; j____tar; ____bigo; z____bido

14. Escreve ce, ci ou ç nos espaços para formares palavras.

ofi____na

va____na

ma____o

fa____

do____

cal____ado

polí____a

li____ão

pesco____o

Teste Intercalar de Português - 2º Ano

Nome _____ Data ___ / ___ / ___

Classificação: _____

Prof. _____

Enc. Ed. _____

Grupo I (60%)

Lê o texto com muita atenção. Presta atenção ao assunto do texto.

O sapo apaixonado

O Sapo estava sentado à beira do rio. Sentia-se esquisito. Não sabia se estava contente ou se estava triste.

Toda a semana tinha andado como que a sonhar. Que é que teria? Então encontrou o Porquinho.

– Olá, Sapo – disse o Porquinho. – Não estás com muito bom ar. Que é que tens?

– Não sei – disse o Sapo. – Tenho vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. E aqui dentro de mim tenho uma coisa que faz tum-tum.

– Talvez estejas constipado – disse o Porquinho. (...)

O Sapo continuou o seu caminho. Estava preocupado. Depois passou por casa da Lebre.

– Lebre – disse ele – não me sinto muito bem.

– Entra e senta-te um bocadinho – disse a Lebre, muito simpática.

– Ora então, que é que tens?

– Umhas vezes fico com calor e outras vezes fico com frio. – e aqui dentro de mim tenho uma coisa que faz tum-tum.

A Lebre pensou muito, como um verdadeiro médico. Depois disse:

– Já sei. É o teu coração. O meu também faz tum-tum.

– Mas o meu às vezes faz tum-tum mais depressa do que de costume – disse o sapo. – Faz um-dois, um-dois, um-dois.

A Lebre foi buscar à estante um grande livro e pôs-se a virar as folhas.

– Ah! – disse ela. – Ora ouve. Coração a bater acelerado, ataque de calor e de frio... quer dizer que estás apaixonado!

– Apaixonado? – disse o Sapo, surpreendido. – Ena pá! Estou apaixonado!

E ficou tão contente que deu um salto enorme pela porta fora. (...)

– Já sei! – disse ele. – estou apaixonado pela linda e adorável Patinha branca! (...)

Não sabia escrever, mas sabia fazer bonitas pinturas. Quando voltou para casa fez uma pintura linda (...).

À noite, quando já estava escuro, saiu com a pintura e enfiou-a por baixo da porta da Pata. Com emoção, tinha o coração a bater com toda a força.

A Pata ficou muito admirada quando encontrou a pintura. (...)

Max Velthuijs, *O Sapo Apaixonado*, Caminho, 1998, texto com supressões

Vais agora começar a realizar a tua prova.

1. Qual é o título da história?

O título da história é o sapo apaixonado.

Cotação: 10 pontos

2. Quem é o autor da história?

O autor da história é o Max Velthuijs.

Cotação: 10 pontos

3. Ordena de 1 a 5, de acordo com o texto.

4 A Lebre consultou um livro.

5 Ele soube que estava apaixonado.

3 O Sapo falou com a Lebre sobre o que sentia.

1 O Sapo sentia-se esquisito.

2 Passou por casa da Lebre.

Cotação: 15 pontos

Cada alínea vale **3 pontos**

4. Como ficou o Sapo quando a Lebre lhe disse que ele estava apaixonado?

Quando a Lebre disse ao Sapo que ele estava apaixonado este ficou muito surpreendido.

Cotação: 5 pontos

5. Assinala as afirmações com V (verdadeira) ou F (falsa), de acordo com o texto.

F O Sapo estava sentado à beira mar.

F O Sapo falou do seu problema com o Lobo.

V O Sapo ficou surpreendido ao saber que estava apaixonado.

V A Pata ficou admirada com a pintura do Sapo.

Cotação: 15 pontos

Cada alínea vale **3,75 pontos**

6. Completa os espaços

Este texto é narrativo e é composto por 21 parágrafos.

Cotação: 5 pontos

Cada espaço respondido corretamente vale **2,5 pontos**

Grupo II (40%)

7. Pinta da mesma cor as palavras que têm o mesmo significado.

esquisito	surpreendido	acelerado
rápido	estranho	admirado

Cotação: **3 pontos**

Cada par de sinónimos respondido corretamente vale **1 ponto**

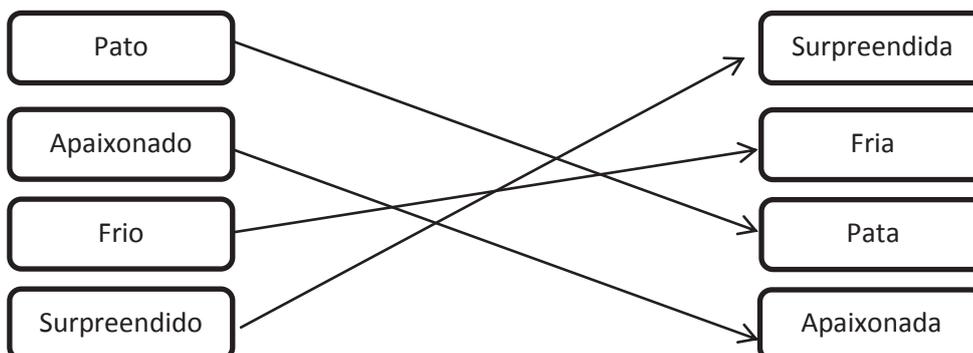
8. Descobre a palavra intrusa.

Livro Livrete Livrar	Flor Florista Floreira	Calorias Calor Calorzinho
----------------------------	------------------------------	---------------------------------

Cotação: **3 pontos**

Cada palavra intrusa identificada, corretamente, vale: **1 ponto**

9. Faz a ligação entre as palavras do género masculino e as do género feminino.



Cotação: **5 pontos**

Cada ligação correta vale **1,25 pontos**

10. Acentua corretamente as frases seguintes:

“Era uma vez uma rapariga tão limpa, tão limpa, tão limpa, que só vestia de branco. E tapava-se com um plástico transparente para não lhe cair um grãozinho de pó.”

“Cristóvão tinha três filhos e uma lindíssima égua branca.”

“O Fagotes andava há que tempos desejoso de fazer uma permanente à cauda...”

Cotação: 7 pontos Cada acento correto vale **0,5 pontos**

11. Escreve as seguintes palavras no singular ou plural:

Cão: Cães Balões: Balão Livro: Livros

Gota: Gotas Formiguinha: Formiguinhas Facas: Faca

Cotação: 3 pontos Cada palavra correta vale **0,5 pontos**

12. Completa as palavras com: an/am, en/em, in/im, on/om, un/um.

an/am t___bor; b___co; c___po; lav___

en/em v___to; part___; te___po; nuv___

in/im l___par; s___patizar; f___; v___te

on/om c___putador; ___da; b___bo; b___

un/um at___; j___tar; ___bigo; z___bido

Cotação: 4 pontos Cada palavra correta vale **0,2 pontos**

13. Escreve ce, ci ou ç nos espaços para formares palavras.

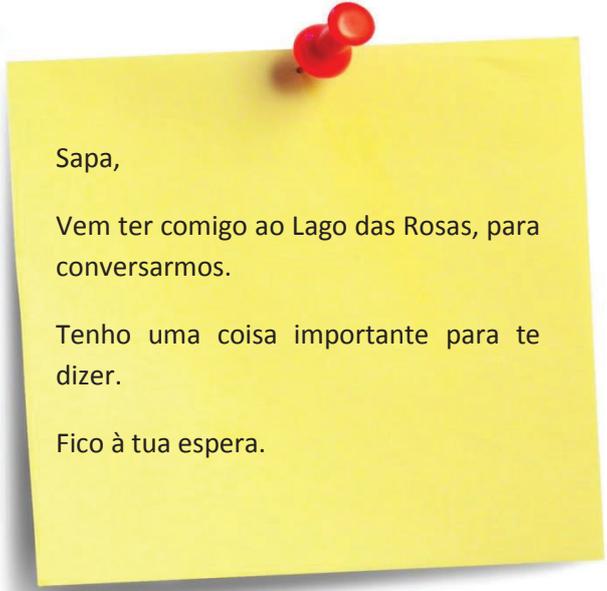
ofi___na va___na ma___o

fa___ do___ cal___ado

polí___a li___ão pesco___o

Cotação: 4,5 pontos Cada palavra correta vale **0,5 pontos**

14. O Sapo decidiu declarar-se à Sapa e resolveu marcar um encontro. Foi a sua casa, mas a Sapa não estava e o Sapo deixou-lhe um recado na porta. Lê o recado e imagina como terá sido este primeiro encontro.



Sapa,

Vem ter comigo ao Lago das Rosas, para conversarmos.

Tenho uma coisa importante para te dizer.

Fico à tua espera.

Hipótese de resposta:

A Pata quando chegou a casa viu o recado que o Sapo tinha colocado na sua porta e foi logo a correr para o Lago das Rosas. Quando lá chegou o Sapo já estava à sua espera. Começaram a falar e o Sapo declarou-se, dizendo-lhe o quanto gostava dela e que queria ficar com ela para sempre.

A Pata muito envergonhada confessou que não estava à espera desta declaração, mas que também estava apaixonada por ele e que aceitava o pedido de namoro. Os dois passearam felizes pelo Lago das Rosas e foram felizes para sempre.

Cotação: 10,5 pontos

Extensão	Produz um texto de extensão superior ou igual a 10 linhas.	4
	Produz um texto de extensão variável entre 7 e 9 linhas.	3
	Produz um texto de extensão inferior a 6 linhas.	1
Tema	Respeita as instruções no que se refere ao tema indicado, seguindo as instruções constantes, mencionando todos os aspectos solicitados e efetuando corretamente as escolhas de entre elementos propostos.	2
	Respeita razoavelmente as instruções no que se refere ao tema indicado, seguindo algumas das instruções constantes, mencionando alguns dos aspectos solicitados e efetuando pelo menos uma escolha correta de entre os elementos propostos.	1,5
Estruturação	Não respeita as instruções relativas ao tema indicado, ignorando total ou parcialmente as instruções constantes em menos que dois dos cinco momentos estipulados, mencionando um número inferior dos aspectos solicitados e efetuando uma escolha distinta da requisitada de entre os elementos propostos.	1
	Redige um texto bem estruturado seguindo as indicações fornecidas	1,5
	Redige um texto com uma estrutura satisfatória, ainda que com algum desequilíbrio entre as partes constituintes	1
	Não redige um texto. Escreve palavras ou frases isoladas.	0,5
	Desenvolve de forma coerente a globalidade do texto.	1,5
Progressão	Desenvolve de forma parcialmente coerente o texto, apresentando desvios, redundâncias, repetições ou omissões de informação.	1
	Produz um texto de conteúdo incoerente, transmitindo informação não requerida, ambígua ou ininteligível.	0,5
Articulação	Mantém as coordenadas de enunciação (tempo, espaço, pessoa) adotadas inicialmente. Usa processos variados de articulação interfrásica (uso adequado de conectores; substituições nominais/pronominais). Usa vocabulário adequado e variado.	0,5
	Apresenta alguns desvios às coordenadas de enunciação adotadas inicialmente. Usa, essencialmente, os processos de articulação interfrásica mais simples e frequentes, que, ainda assim, consegue diversificar. Usa vocabulário adequado, ainda que pouco variado, por vezes com algumas impropriedades.	0,25
	Apresenta grande variabilidade quanto às coordenadas de enunciação adotadas inicialmente. Não recorre a processos de articulação interfrásica. Usa vocabulário muito elementar e restrito, com elevado grau de redundância e, por vezes, com impropriedades que afetam a inteligibilidade do texto.	0,1
Síntaxe e Morfologia	Constrói frases, cumprindo as regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza corretamente a pontuação no interior da frase.	0,5
	Constrói frases, apresentando alguns erros/falhas no uso de regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza a pontuação no interior da frase sem seguir sistematicamente as regras.	0,25
Ortografia	Constrói frases, apresentando muitos erros/falhas no uso de regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza a pontuação no interior da frase de modo aleatório ou não a utiliza.	0,1
	Escreve com correção ortográfica ou com eventual ocorrência de 1 erro em 50 palavras.	0,5
	Escreve com alguns erros ortográficos, cuja frequência se mantém na proporção de 4 erros em 50 palavras.	0,25
	Escreve com um elevado número de erros ortográficos, cuja frequência se mantém na proporção de 7 ou mais erros em 50 palavras.	0,1

Existem níveis intermédios para uma maior flexibilidade

Testes de avaliação do 2ºCEB

Teste de Ciências Naturais – 6.º Ano Data 29/04 /2014 Nome _____ Nº _____ Turma ____	Classificação: _____ Prof. _____ Enc. Ed. _____
---	--

Lê atentamente cada pergunta antes de responder. Não te esqueças de escrever respostas completas.

I

1 – Selecciona com um a opção correta que completa a frase.

Durante a puberdade...

- a) ocorrem apenas alterações nos homens.
- b) ocorrem apenas alterações nas mulheres.
- c) surgem os caracteres sexuais primários.
- d) surgem os caracteres sexuais secundários.

2 – Faz corresponder os caracteres sexuais secundários da coluna I ao respetivo género da coluna II.

Coluna I

- 1 – Aparecimento de barba
- 2 – Alargamento da bacia
- 3 – Aparecimento de pelos púbicos
- 4 – Desenvolvimento dos seios
- 5 – Alargamento dos ombros
- 6 – Mudança de voz
- 7 – Aumento da altura e do peso

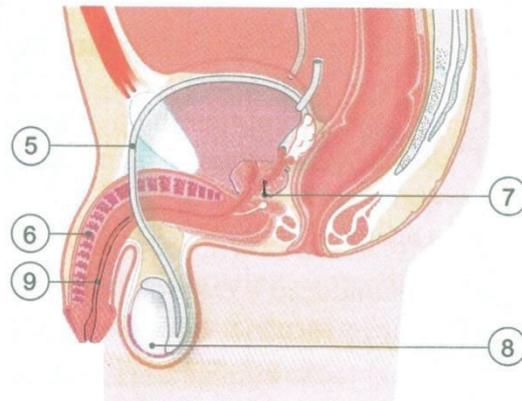
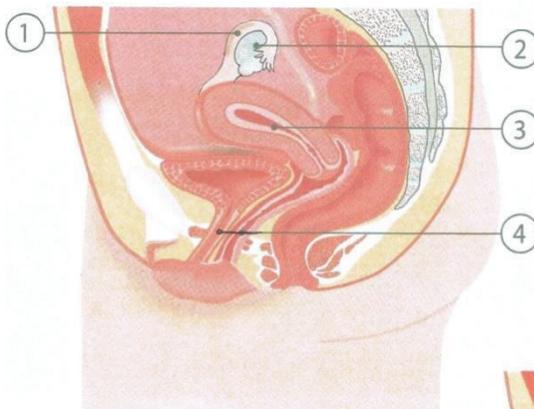
Coluna II

- A – Sexo feminino _____
- B – Sexo masculino _____
- C – Ambos os sexos _____

3 – Observa, atentamente, as figuras.

3.1 – Faz a legenda das figuras.

- 1 – _____
- 2 – _____
- 3 – _____
- 4 – _____
- 5 – _____
- 6 – _____
- 7 – _____
- 8 – _____
- 9 – _____

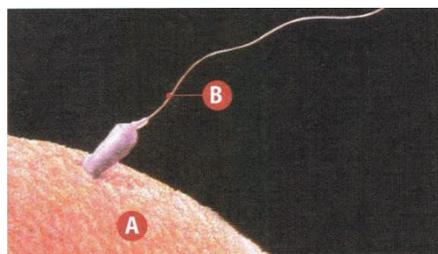


3.2 – Indica o órgão:

- a) onde ocorre a fecundação. _____
- b) onde ocorre a nidação. _____

4 – Observa a figura. Nela está representado o fenómeno que dá início a uma nova vida.

4.1 – Qual o nome que damos a esse fenómeno? _____



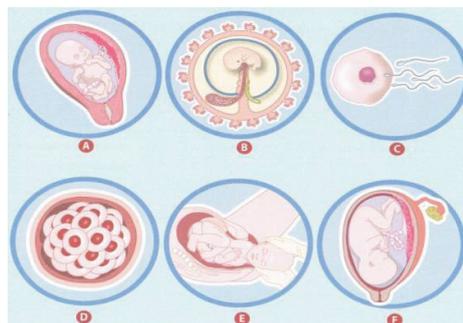
4.2 – Selecciona com um O a opção correta que completa a frase.

A partir da união do espermatozóide com o óvulo forma-se...

- a) o ovo ou zigoto.
- b) o saco amniótico.
- c) o feto.
- d) a menstruação.

5 – Ordena, corretamente, as seguintes imagens de modo a representares o desenvolvimento do novo ser.

___ → ___ → ___ → ___ → ___ → ___



6 – Analisa o quadro seguinte. Nele estão representados os cuidados a ter durante os primeiros anos de vida de duas crianças com um ano.

Criança A

Foi uma vez ao médico pediatra desde que nasceu.
Não tem uma alimentação equilibrada.
Vive num ambiente violento e com pouca higiene.

Criança B

Faz visitas regulares ao médico pediatra.
Tem uma alimentação equilibrada.
Vive num ambiente estimulante e com higiene.

6.1 – Indica, justificando, qual a criança que provavelmente terá um crescimento mais saudável.

II

1 – Observa as imagens ao lado.

1.1 – Os elementos representados na figura foram fabricados com o auxílio de micróbios patogénicos ou não patogénicos?



1.2 – Selecciona com um O as opções corretas que completam a frase.

Um micróbio patogénico...

- a) Pode causar doenças.
- b) Não causa doenças.
- c) Pode ser um vírus, uma bactéria, um protozoário ou um fungo.
- d) Não pode ser um organismo unicelular.

1.3 – Selecciona com um O a opção correta que completa os espaços em branco de modo a obteres uma afirmação verdadeira.

As bactérias são organismos _____ que pertencem ao _____.

- a) patogénicos; Reino *Monera*.
- b) patogénicos; Reino *Protista*.
- c) microscópios; Reino *Monera*.
- d) microscópios; Reino *Protista*.

1.4 – Para combater as doenças causadas pelos micróbios é necessário conhecê-los e desenvolver estratégias de prevenção. Refere duas estratégias que previnam a propagação de micróbios. _____

2 – Faz corresponder a cada algarismo das afirmações da coluna II uma defesa da coluna I.

Coluna I	Coluna II
A – Suco gástrico	1 – O revestimento da traqueia remove as partículas e poeiras do ar. ____
B – Saliva	2 – As glândulas do estômago produzem um ácido que é mortal para a maioria dos micróbios. ____
C – Bactérias do cólon	3 – As células mortas da superfície da epiderme sofrem descamação. ____
D – Pele	4 – A maioria dos micróbios patogénicos é destruída na boca por ação da lisozima. ____
E – Lágrimas	5 – As glândulas lacrimais ajudam a limpar os olhos. ____
F – Muco e cílios	6 – No intestino grosso vivem micróbios úteis. ____

3 – Completa o texto com os termos da chave.

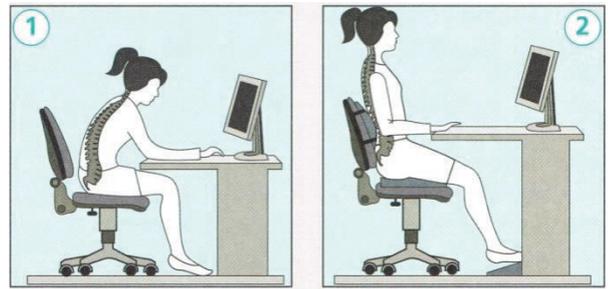
Chave:		
patogénicos	micróbio	anticorpos
morto	memória	vacinas

A prevenção da doença defende o organismo dos micróbios _____. As _____ são uma das formas de prevenção, pois cada uma confere imunidade contra um determinado _____. A vacina é uma preparação de um microrganismo _____ ou vivo alterado. Após a vacinação, alguns glóbulos brancos guardam em _____ o ataque anterior e fabricam rapidamente _____.

III

1 – Os cuidados de higiene são essenciais para o bem-estar e saúde das pessoas.

1.1 – Qual das figuras representa uma atitude correta? Justifica a tua resposta. _____



1.2 – Apresenta uma consequência relacionada com a figura. _____

1.3 – Refere três cuidados de higiene pessoal. _____

2 – O álcool e as drogas são substâncias que afetam o sistema nervoso e causam dependência física e dependência psíquica.

2.1 – Comenta o *slogan* do cartaz: “Se não vês perigo, o perigo és tu.”.



Testes de avaliação do 2ºCEB para alunos com NEE

<p>Teste de Ciências Naturais – 6.º Ano</p> <p>Data 29/04 /2014</p> <p>Nome _____ Nº _____ Turma ____</p>	<p>Classificação: _____</p> <p>Prof. _____</p> <p>Enc. Ed. _____</p>
--	--

Lê atentamente cada pergunta antes de responder. Não te esqueças de escrever respostas completas.

I

1 – Selecciona com um a opção correta que completa a frase.

Durante a puberdade...

- e) ocorrem apenas alterações nos homens.
- f) ocorrem apenas alterações nas mulheres.
- g) surgem os caracteres sexuais primários.
- h) surgem os caracteres sexuais secundários.

2 – Faz corresponder os caracteres sexuais secundários da coluna I ao respetivo género da coluna II.

Coluna I

- 1 – Aparecimento de barba
- 2 – Alargamento da bacia
- 3 – Aparecimento de pelos púbicos
- 4 – Desenvolvimento dos seios
- 5 – Alargamento dos ombros
- 6 – Mudança de voz
- 7 – Aumento da altura e do peso

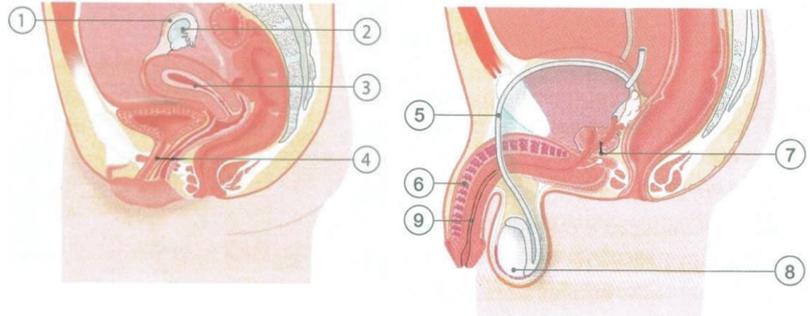
Coluna II

- A – Sexo feminino _____
- B – Sexo masculino _____
- C – Ambos os sexos _____

3 – Observa, atentamente, as figuras.

3.1 – Faz a legenda das figuras.

- 1 – _____
- 2 – _____
- 3 – _____
- 4 – _____
- 5 – _____
- 6 – _____
- 7 – _____
- 8 – _____
- 9 – _____

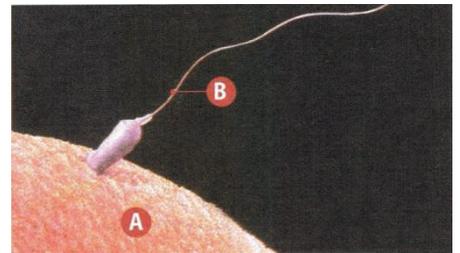


3.2 – Indica o órgão:

- c) onde ocorre a fecundação. _____
- d) onde ocorre a nidação. _____

4 – Observa a figura. Nela está representado o fenómeno que dá início a uma nova vida.

4.1 – Qual o nome que damos a esse fenómeno? _____



4.2 – Selecciona com um a opção correta que completa a frase.

A partir da união do espermatozóide com o óvulo forma-se...

- e) o ovo ou zigoto.
- f) o saco amniótico.
- g) o feto.
- h) a menstruação.

5 – Analisa o quadro seguinte. Nele estão representados os cuidados a ter durante os primeiros anos de vida de duas crianças com um ano.

Criança A

Foi uma vez ao médico pediatra desde que nasceu.
Não tem uma alimentação equilibrada.
Vive num ambiente violento e com pouca higiene.

Criança B

Faz visitas regulares ao médico pediatra.
Tem uma alimentação equilibrada.
Vive num ambiente estimulante e com higiene.

5.1 – Indica qual a criança que terá um crescimento mais saudável.

II

1 – Observa as imagens ao lado.

1.1 – Os elementos representados na figura foram fabricados com a ajuda de micróbios patogénicos ou de micróbios úteis?



1.2 – Selecciona com um O as opções corretas que completam a frase.

Um micróbio patogénico...

- a) Pode causar doenças.
- b) Não causa doenças.
- c) Pode ser um vírus, uma bactéria, um protozoário ou um fungo.
- d) Não pode ser um organismo unicelular.

1.3 – Selecciona com um O a opção correta que completa os espaços em branco de modo a obteres uma afirmação verdadeira.

As bactérias são organismos _____ que pertencem ao _____.

- a) patogénicos; Reino *Monera*.
- b) patogénicos; Reino *Protista*.
- c) microscópios; Reino *Monera*.
- d) microscópios; Reino *Protista*.

1.4 – Diz duas ações que evitem a propagação de micróbios.

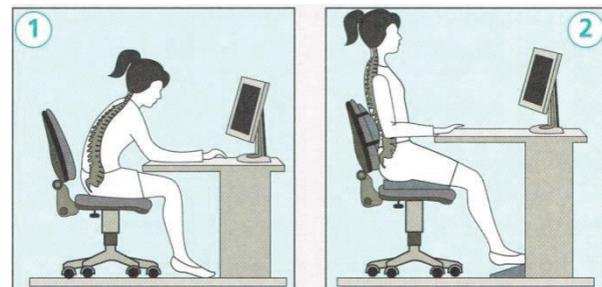
2 – Faz corresponder a cada algarismo das afirmações da coluna II uma defesa da coluna I.

Coluna I	Coluna II
	1 – O revestimento da traqueia remove as partículas e poeiras do ar. ____
A – Suco gástrico	2 – As glândulas do estômago produzem um ácido que é mortal para a maioria dos micróbios. ____
B – Saliva	3 – As células mortas da superfície da epiderme sofrem descamação. ____
C – Bactérias do cólon	4 – A maioria dos micróbios patogênicos é destruída na boca por ação da lisozima. ____
D – Pele	5 – As glândulas lacrimais ajudam a limpar os olhos. ____
E – Lágrimas	6 – No intestino grosso vivem micróbios úteis. ____
F – Muco e cílios	

III

1 – Os cuidados de higiene são essenciais para o bem-estar e saúde das pessoas.

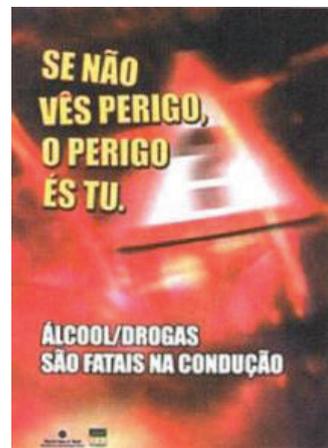
1.1 – Qual das figuras representa uma atitude correta?



1.2 – Refere três cuidados de higiene pessoal.

2 – O álcool e as drogas são substâncias que afetam o ser humano.

2.1 – Indica duas consequências do consumo destas substâncias.



Bom trabalho!!